

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Curso de Pós Graduação em Literatura Brasileira
Orientador: Prof. Dr. João Hernesto Weber

UMA VIAGEM SÓ DE CHEGADA:

A POESIA EM IDIOMA ALEMÃO
NAS ZONAS DE COLONIZAÇÃO EM SANTA CATARINA

Marcelo Steil

Florianópolis

2000

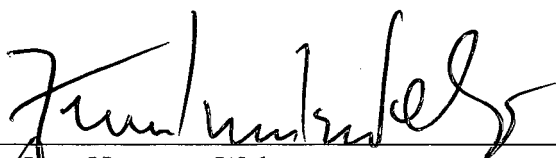
Uma viagem só de chegada: a poesia em idioma alemão nas zonas de colonização em Santa Catarina

Marcelo de Brito Steil

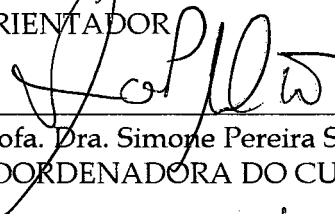
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Literatura Brasileira e aprovada na sua forma final pelo
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

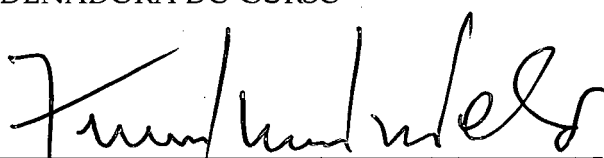


Prof. Dr. João Hernesto Weber
ORIENTADOR



Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt
COORDENADORA DO CURSO

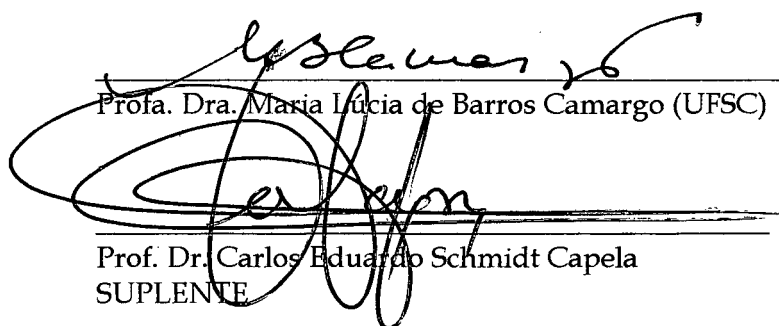
BANCA EXAMINADORA:



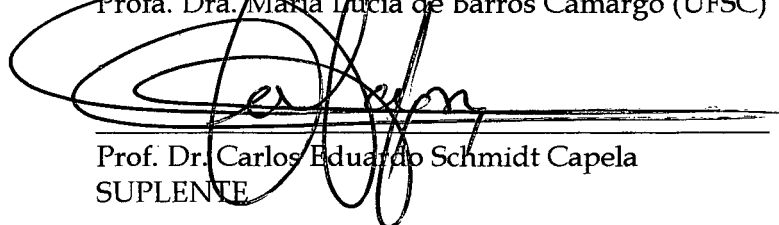
Prof. Dr. João Hernesto Weber
PRESIDENTE



Profa. Dra. Maria Luiza Renaux (FURB)



Profa. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo (UFSC)



Prof. Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela
SUPLENTE

RESUMO

O presente trabalho realiza inicialmente um levantamento de 390 poemas publicados em 25 coleções dos anuários em idioma alemão conhecidos como “Kalender” e veiculados nas zonas de colonização em Santa Catarina, do final do século XIX até o final do século XX.

Destes, são analisados detidamente onze poemas, a partir dos quais se pretende uma incursão ao imaginário do imigrante e seus descendentes, bem como, a partir do ponto de vista que emerge de cada composição, compreender suas motivações e a quais projetos ideológicos se aproxima. Finalmente pretende se buscar a caracterização da identidade e nacionalidade desta literatura.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Arbeit beinhaltet als erstes eine Erhebung von 390 Gedichten, die in 25 Sammlungen der deutschsprachigen Jahrbücher – als “Kalender” bekannt – veröffentlicht wurden und von Ende des 19. Bis Ende des 20. Jahrhunderts in den Kolonisationsgebieten im Staat Santa Catarina in Umlauf waren.

Davon werden elf Gedichte ausführlich analysiert. Man will Genaueres über die Volstellung des Einwanderers und seiner Nachkommen erfahren. Desgleichen beabsichtigt man, von den verschiedenen Gesichtspunkten der einzelnen Dichtungen, ausgehend, seine Beweggründe zu verstehen und festzustellen, welchen ideologischen Projekten er zuzuordnen ist. Zum Schluß wird versucht, die Merkmale der Identität und Nationalität dieser Literatur zu entdecken.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Coleções de “Kalender” Usados na Pesquisa.....	36
Tabela 2 – Frequência Anual das Publicações dos “Kalender” (de 1874 a 1973)..	38
Tabela 3 – Poemas em Idioma Alemão das Zonas de Colonização Recolhidos nos “Kalender”.....	41
Tabela 4 – Poetas em Idioma Alemão.....	59

Lista de Figuras

Figura 1 – Exemplos de capas dos “Kalender”.....	57
Figura 2 – Outros Exemplos de capas dos “Kalender”.....	72

SUMÁRIO

1	Introdução.....	1
1.1	Metodologia.....	3
1.2	Poesia em Blumenau.....	6
1.3	Poesia em Idioma Alemão.....	7
2	Dualismo, Identidade Étnica e Assimilação.....	8
3	Breve Histórico da Literatura em Blumenau.....	17
4	Estabelecimento de textos para Análise.....	33
5	Análise dos poemas.....	73
6	Uma viagem só de chegada.....	157
7	Bibliografia.....	177

1 INTRODUÇÃO

A história da literatura em idioma alemão produzida nas zonas de colonização de Santa Catarina, desde suas origens no final do século passado até a primeira metade deste, as expansões e cesuras de tais produções artísticas, ainda está por ser analisada com mais profundidade. No comércio não há nenhum título com esse propósito e, só recentemente, alguns estudos como os das pesquisadoras Giralda Seyferth e Valburga Huber, e do professor José Endoença Martins, começam a aprofundar-se no tema.

Até então, por vezes de forma por demais apaixonada, exaltava-se ou detratava-se tal produção de textos, sob o prisma das diferenças étnicas e culturais. Nos trabalhos específicos de análise da literatura em Santa Catarina parece transparecer um certo descaso quanto às manifestações literárias das comunidades não litorânea e planaltina, não se demorando os historiadores e críticos sobre o tema arvorados principalmente na distância vernácula.

Já na primeira tentativa de contar-se a história da literatura em nosso estado, no livro *Introdução à História da Literatura Catarinense*, Oswaldo Ferreira de Melo, estupefato, sintetiza talvez um questionamento que já tenha assolado outros intelectuais: “...por que com todo esse desenvolvimento não só econômico como artístico de Joinville e de Blumenau, não se encontra qualquer manifestação literária mais séria que a espalhada na imprensa daquelas cidades?”. Porém, não se rendendo ao simplismo puro, conclui: “Se quisermos buscar uma literatura em Blumenau, Brusque ou Joinville, em nossa língua, quase nada encontraremos...em fenômeno talvez único no Brasil, tivemos, como ainda temos (1958), relativamente viva e importante, uma literatura em língua alemã”¹. Mas, apesar de citar alguns autores e obras (p. p. 22-24), não oferece ao leitor informação contextualizada sobre os processos sociais, no qual tal literatura surgiu, manteve-se e como se operou sua interrupção.

Igualmente Celestino Sachet evita problematizar a inserção e expressão da literatura junto às transformações políticas e sociais que a região sofreu em seu processo de construção de identidade e de assimilação cultural, quando entende que o declínio da expressão literária em língua alemã teria se esgotado(?): “Quando, ao redor de 1930, começa se esgotar a veia

¹ MELO, Oswaldo Ferreira de. *Introdução à História da Literatura Catarinense*. Porto Alegre: Movimento, 2ª edição 1980.

da Literatura em língua alemã, começam a conviver trabalhos em língua nacional.”² Essa metáfora da literatura esgotando-se como um corpo que cumpriu seu ciclo retira as expressões poéticas de sua permeabilidade sócio-cultural e, em última análise, de sua inserção na própria sociedade. A visão de um desenvolvimento orgânico, afastado de fatores externos, políticos e sociais tende a uma não compreensão das razões que possibilitaram a prática e a cesura desta literatura.

Apesar da contribuição que a reflexão de Celestino proporcionou à literatura no estado de Santa Catarina, por vezes o autor cita fatos ligados às expressões literárias na cidade de Blumenau mas exime-se de oferecer ao leitor suas causas, como no parágrafo: “*De 1893 a 1941, um outro gigante da imprensa concorria com o primeiro (Blumenauer Zeitung) na simpatia do blumenauense. Era o “Der Urwaldsbote”, que, no último ano de circulação, aparecia em português, embora o título permanecesse em alemão.*”³ Para uma melhor informação ao leitor se poderia ter acrescentado que o jornal circulou em português no último ano devido à deflagração da campanha de nacionalização pelo presidente Getúlio Vargas, quando foram proibidas todas as publicações em língua estrangeira no país. O veio não se exaure por si próprio.

Em *A Literatura em Santa Catarina*⁴ o silêncio para com as manifestações literárias em língua alemã é tamanho que o Vale do Itajaí é citado somente como pano de fundo em romances de Urda Klueger e Lausimar Laus. Nenhum autor em língua alemã é elencado em suas citações e nem ao menos a existência de tais expressões foi considerada.

Portanto há uma lacuna crítica quanto à literatura produzida nas zonas de colonização alemã no sentido de entendê-la concomitantemente aos momentos históricos que a cidade atravessou, bem como observar sob que enfoque ideológico ela teria sido produzida.

² SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: ed. Lunardelli, 1979, p.260.

³ SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: ed. Lunardelli, 1979, p.257.

⁴ MACHADO, Janete Gaspar. *A Literatura em Santa Catarina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

1.1 METODOLOGIA

Nereu Corrêa, prefaciando Celestino Sachet, chama a atenção quanto à necessidade de um método definido para a crítica e abordagem historiográfica, evitando-se erros decorrentes de generalizações e superficialidades. Sobre a natureza metodológica pensa ser: “... *um dos mais difíceis, senão o mais difícil problema com que se defronta o historiador literário, principalmente diante de uma literatura segmentada em valores isolados, onde são raros os núcleos geracionais, como é a literatura de Santa Catarina...*”⁵. Deve-se, entre as possibilidades de abordagem crítica, escolher-se a que melhor descreva o processo histórico que se deseja estudar.

Entre as possíveis aproximações metodológicas, a limitadora enumeração cronológica dos fatos históricos é ineficiente e superficial. Da mesma maneira, poucas conclusões objetivas seriam arroladas quanto aos aspectos que possibilitaram a formação literária na cidade de Blumenau se a opção fosse a divisão em estilos de época, visto sua produção estar restrita temporalmente a menos de um século.

Em palestra realizada em 29 de outubro de 1942, no salão de Conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores, Vianna Moog buscava interpretações para o complexo mosaico que lhe representava ser a literatura brasileira. Iniciava a preleção questionando quais as características que definem a Literatura Brasileira: “*Constituirá ela unidade homogênea suscetível de definição ou estará ainda na fase confusa, vaga e complexa das indeterminações*”⁶. Após digressões sobre as literaturas de outros países (europeus) onde divisam-se algumas características específicas para cada uma delas, conclui, retornando os olhos ao Brasil, que “...*não é possível recolher do conjunto da literatura brasileira nenhuma grande síntese ajustável aos rigores de uma definição (...) para compreender e interpretar a literatura brasileira é preciso antes de tudo renunciar ao intento de abrangê-la como um todo, numa visada geral*”⁷. De onde conclui então seu sistema: “*Tenho para mim seja o de análise dos núcleos culturais cuja soma forma o complexo heterogêneo da chamada literatura brasileira. Fragmenta-se o Brasil em regiões onde predominem o mesmo clima, a*

⁵ SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: ed. Lunardelli, 1979, p. 5.

⁶ MOOG, Vianna. *Uma Interpretação de Literatura Brasileira - Um Arquipélago Cultural?*. Rio de Janeiro: Antares, 1983, p.16.

⁷ Idem, p. 18.

*mesma geografia, as mesmas formas de produção, e o problema ficará imediatamente simplificado. Lá onde esses fatores se conjuguem numa certa uniformidade pode ter-se a certeza de que se há de encontrar um núcleo cultural homogêneo e definido (...) somos antes um arquipélago cultural. Com muitas ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas*⁸.

Celestino Sachtet foi o crítico que, na década de 60, formulou tal conceito para o estado de Santa Catarina, dividindo-o em seis ilhas culturais⁹: a ilha litorânea, a da Serra do Mar, a do Vale do Rio do Peixe, a das Serras (norte), a do Vale do Itajaí e a da Serra Geral (sudoeste). E também, como Viana Moog focado em nosso universo estadual, questiona: “Diante dessas “ilhas” todas, pode-se exigir consciência de um todo?” E igualmente conclui: “O que existe é um arquipélago, bastante diferenciado, a que chamam de “território catarinense”¹⁰”.

Portanto, a abordagem utilizada neste trabalho, apoiado nos procedimentos sugeridos por Moog¹¹ e Sachtet¹², busca homogeneizar de certa maneira as condições sociais subjacentes ao objeto de estudo, analisando parcela da produção poética das regiões de colonização alemã em Santa Catarina, e a partir dela tecer paralelos e contradições com o momento histórico no qual está inserida, partindo assim do conceito geográfico de ilha cultural, e ampliando-o ao percebê-lo integrado, e limitando-se, não por aspectos físicos e sim ideológicos.

Através dessa metodologia, buscam-se as possíveis interpretações decorrentes das interações sociais, econômicas e culturais para discorrer sobre os fatos que impulsionaram a produção literária local, evitando-se simples enumeração de autores e obras. Rememore-se Werneck Sodré: “Ora, entre as manifestações da vida social, nenhuma traduz mais fortemente os seus traços do que as artísticas e, entre elas, as literárias. Omitir a existência do quadro social, apreciar figuras, gêneros e correntes como tendo vida autônoma porque divorciados das condições de meio e de tempo, na apresentação do desenvolvimento literário

⁸ Idem.

⁹ SACHET, Celestino. Fundamentos da Literatura Catarinense. In: *Antologia de Autores Catarinenses*. Rio de Janeiro: Laudes, 1969, p.8.

¹⁰ Idem.

¹¹ MOOG, Vianna. *Uma Interpretação de Literatura Brasileira - Um Arquipélago Cultural*. Rio de Janeiro: Antares, 1983.

¹² SACHET, Celestino. Fundamentos da Literatura Catarinense. In *Antologia de Autores Catarinenses*. Rio de Janeiro: Laudes, 1969.

de um povo, é mais do que uma falha, porque erro fundamental. Nada na existência coletiva acontece sem motivos, nada acontece fora do tempo, tudo tem o lugar próprio, e não outro, tudo traz a marca indelével da sociedade. Esse erro cometido pelos que configuram a história literária no simples arrolamento de obras e de autores, dando relevo à circunstância biográfica, representa, no fim de contas, o total falseamento da realidade”¹³.

Assim, observando os pontos de vista que emergem de cada um dos poemas selecionados, buscar-se-á compreender seus alinhamentos e a quais projetos ideológicos se identificam, tornando a literatura ferramenta para a compreensão de processos sociais e históricos mais amplos e complexos.

Paralelamente a essa abordagem sociológica os poemas serão analisados microscopicamente¹⁴ e em termos estilísticos com o intuito de traçar um mapa das formas de expressão poética utilizadas no Vale do Itajaí. Tal abordagem dos fatores internos dos textos não deixa de contemplar aspectos sociais na medida em que é produzida por um escritor pertencente à sociedade, via internalização dos aspectos externos em uma crítica híbrida e não excludente. A partir do momento em que o autor organiza a composição de sua obra, elencando certas expressões, tons e ritmos ele estará internalizando na obra suas próprias expectativas e valores: *"Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar na matéria do livro a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte."*¹⁵

¹³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 2.

¹⁴ MASSAUD, Moisés. *Guia Prático de Análise Literária*. São Paulo: Cultrix, 1974.

¹⁵ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p.7.

1.2 POESIA EM BLUMENAU

Há de se considerar inicialmente de maneira clara os possíveis limites que circundam o que passaremos a chamar “Poesia em Blumenau”. Poesia deve ser compreendido como uma construção artística cuja principal função social (apesar de haver outras) é estética. Difere das outras formas literárias pela sua subjetividade, no plano semântico, por seu ritmo e a presentificação de impressões e memórias via expressão sensível de um eu-lírico.

Quanto à expressão "em Blumenau" pareceu-nos mais adequada à “blumenauense”, pois um breve panorama do contexto basta para que se rejeite de pronto a definição simplista de se tratar da poesia escrita por gente de (nascida em) Blumenau. Tal definição, extremamente empobrecida por ignorar o fenômeno mais marcante na formação intelectual da cidade, ou seja, o processo imigratório e colonizador, não consideraria como literariamente blumenauense Gertrude Gross-Hering e seus mais de dez romances versando sobre o Vale do Itajaí, pois esta chegou a Blumenau com um ano de idade. Entenda-se, portanto, como poesia “em Blumenau” aquela produção poética produzida por alguém que por lá viveu durante o tempo necessário para que tenha construído uma “consciência blumenauense”, algo como uma relação afetiva mais intensa com a terra escolhida para moradia e desenvolvimento, quer nascido ou não na cidade. Inserida em um processo imigratório, a análise da produção literária exige uma flexibilização do conceito que os próprios estrangeiros criaram do que veio a chamar-se “blumenauense”.

Deixe-se claro, de outra parte, que a assertiva acima não contempla toda a literatura escrita em Blumenau, subtraindo-se desta os textos produzidos por visitantes e viajantes, muito comuns nas primeiras décadas deste século, por mais que versassem sobre assuntos locais, pois apresentavam-se sob a ótica de um “estrangeiro”.

1.3 POESIA EM IDIOMA ALEMÃO

Outra questão é o tratamento a ser dado à poesia escrita em Blumenau (dentro do conceito acima abordado), em língua alemã. Poucos são os críticos que a tratam como catarinense, em geral somente citam-na de passagem, mas imediatamente excluem-na do corpus literário do estado. Celestino Sachet em seu ensaio “Fundamentos da Literatura Catarinense” exemplifica como o assunto é tratado: “*Da vida literária de Blumenau, afora o que se escreveu em alemão - e com grande intensidade até a segunda Guerra Mundial, alguns nomes devem ser destacados...*”¹⁶ (grifo nosso) retirando do foco de estudo uma produção que até concorda ser em “grande intensidade”. Compreende-se que os críticos que até então propuseram-se estudar a literatura catarinense não dominavam o vernáculo teuto, não tinham igualmente acesso facilitado ao corpus dessa literatura, embora se possa, também, ler a omissão como um equívoco premeditado, face à divergência de projetos do litoral e do planalto para com as comunidades do Vale e do norte.

Deve-se observar sob que condições tais textos, em vernáculo teuto, foram escritos em Blumenau, pois quando do estabelecimento de uma literatura mais vigorosa, ou seja, com romances e livros de versos e de contos, na década de 30, a cidade já havia sido municipalizada há meio século, tendo como dirigentes políticos e industriais já “alemães nascidos em Blumenau”, somado ao fato que já se ia a terceira ou quarta geração dos imigrantes. Apesar das estreitas relações que mantinham com várias instituições européias, já aqui haviam idealizado seus sonhos de prosperidade, e invariavelmente os textos de ficção tratavam de aspectos relativos à nova terra, mesmo em língua alemã.

Em termos estilísticos Valburga Huber atenta para o fato que: “*A prosa e a poesia em língua alemã produzidas no sul do Brasil apresentam particularidades que as distanciam claramente da literatura da mesma época, nos países de língua alemã*”.¹⁷ Ora, se não é alemã, nem estilisticamente nem quanto aos propósitos criadores, essa literatura deve ser de fato tratada como de “cor local”, utilizando uma expressão de Machado de Assis, mesmo sendo escrita em língua estrangeira.

¹⁶ SACHET, Celestino. Fundamentos da Literatura Catarinense. In *Antologia de Autores Catarinenses*. Rio de Janeiro: Laudes, 1969, p. 17.

¹⁷ HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança*. Blumenau: ed. da FURB, 1993, p. 13.

2 DUALISMO, IDENTIDADE ÉTNICA E ASSIMILAÇÃO

A constituição das personalidades individuais é baseada na aquisição de valores culturais aos quais estão expostas e em contato. Com o acúmulo de sensações e experiências o ser humano tende a reagir aos estímulos externos de maneira cada vez mais constante e conseqüente, formando hábitos “...*cuja totalidade constitui o que se pode chamar estrutura da personalidade.*”¹⁸ O ajustamento ou afastamento do indivíduo para com seu grupo depende do grau de incorporação de valores tidos (imaginados) por esse mesmo grupo como aceitáveis e corretos.

Quando grupos diferentes são postos em contato, via imigração, podem ocorrer duas situações. Se o imigrante ou família imigrar isoladamente o ajustamento às expectativas e valores culturais do grupo ao qual foi inserido tornar-se-á uma questão de sobrevivência.¹⁹ As relações comerciais e sociais com o novo grupo expõe o imigrante a seus valores e a integração ao meio é facilitada, não sem que o mesmo experimente certos conflitos de personalidade, caso dos imigrantes que ficaram em São Paulo ou Rio de Janeiro, que apesar de manterem sua tradições através de clubes e organizações, estavam expostos às atitudes e valores luso-brasileiros e de outras etnias, desde uma simples compra de pão matinal, a contratos de compra e serviços mais abrangentes.

Mas quando os imigrantes vêm em grupo, tendem a formar comunidades homogêneas, lastreadas por uma série de fatores, quer geográficos ou ideológicos. De certa maneira foi o que aconteceu com a fundação das colônias alemãs em Santa Catarina, e principalmente em Blumenau, e tais condições podem ser percebidas através de sua literatura que, até a década de 40, tinha como fatores de motivação praticamente um só tema. Decorrente do processo migratório que tocou profundamente os imigrantes e seus descendentes, os textos, invariavelmente românticos, giravam entre as impressões da nova terra, a saudade do que deixaram no velho continente, os percalços junto à floresta e, posteriormente, as diferenças sociais e de comportamento para com os luso-brasileiros. Mas um aspecto acompanha a expressão intelectual em Blumenau: o dualismo a que estavam sujeitos os imigrantes. Dualismo decorrente de pertencer ao Brasil como cidadão juridicamente reconhecido, mas

¹⁸ WILLIEMS, Emílio. *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional - INL/MEC brasileira, 1980, p. 3.

¹⁹ Idem.

com valores culturais pertencentes à distante Alemanha. Tal condição, com o passar das gerações, foi-se consolidando na vida social de Blumenau que, conforme Valburga: “*Era pois comum a idéia de separar nacionalidade e cidadania. Manter o patrimônio cultural de origem, e ser cidadão brasileiro honesto e leal eram realidades conciliáveis para os alemães, que constituíram aqui uma “Heimat” (pátria) com características alemãs.*”²⁰

Para o imigrante ou descendente, nas primeiras décadas deste século, a consciência nacional dividia-se então em dois segmentos específicos que conviviam amistosamente. De um lado, desfrutavam da cidadania brasileira, pois aqui já haviam nascido duas ou três gerações, de modo a estarem juridicamente estabelecidos como cidadãos brasileiros, sujeito a suas leis e no gozo de seus direitos. Pagam imposto, têm seus bens registrados nos cartórios, votam e têm ampla atividade política elegendo deputados e até governadores. René Gertz avalia que os: “*Elementos de origem alemã tiveram forte influência nos acontecimentos políticos do estado (Santa Catarina) desde a proclamação da República.*”²¹ Gertz lembra que quando foram depostas as autoridades imperiais o estado foi conduzido temporariamente por um triunvirato integrado pelo teuto-brasileiro Raulino Júlio Adolpho Horn, até assumir o cargo o neto de imigrantes alemães Lauro Müller. Em 1890, nas primeiras eleições republicanas, Horn foi eleito senador, Felipe Schmidt (filho de imigrantes alemães) e Lauro Müller deputados federais, assumindo o governo estadual ainda provisoriamente Gustavo Richard. Quando da primeira eleição ao governo estadual em março de 1891, Lauro Müller é reconduzido através do voto, permanecendo até outubro do mesmo ano, quando deixa o cargo após a queda de Deodoro da Fonseca. Após um período politicamente conturbado, ascende ao poder em 1894 Hercílio Luz, cujo domicílio eleitoral é a cidade de Blumenau, passando o cargo a Felipe Schmidt em 1898, que por sua vez reconduz Lauro Müller em 1902. Este não cumpre todo seu mandato por assumir o ministério dos transportes, assumindo Abdom Batista (das regiões teutas do norte do estado), que conduz o estado até 1906, quando assume Gustavo Richard até 1910. Assumiria ainda mais uma vez o governo do estado Felipe Schmidt de 1914 a 1918, quando passa a faixa para Lauro Müller, que renuncia, assumindo novamente o vice Hercílio Luz. Somente a citação de tais percursos políticos permite perceber a inserção do teuto-brasileiro no aparato do Estado, como um legítimo cidadão brasileiro, fato

²⁰ HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança*. Blumenau: ed. da FURB, 1993, p. 36.

²¹ GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p.47.

que se atesta inclusive com o envio de uma patrulha blumenauense para lutar pelo Brasil na guerra do Paraguai, sendo a maioria constituída de imigrantes nascidos além-mar.

Mas paralela a essa situação de inserção na trama política e comercial do Brasil, sua nacionalidade, o sentimento íntimo de grupo, sua identidade de fato permanecia ligado à cultura germânica, que se sustinha na cidade através da preservação do Deuschtum propagado via ideologia étnica operada pela imprensa e pela literatura.

Neste ponto somos obrigados a deter-nos sobre os possíveis conceitos de etnia, pois na percepção de Giralda Seyferth: *"Parece claro que, em última análise, a identidade étnica é uma das muitas manifestações da identidade social, neste caso tomada como expressão de etnicidade. Na medida em que as categorias étnicas são utilizadas para determinar a posição dos indivíduos na sociedade - portanto, assumem rótulos de status e papéis e os direitos e deveres correspondentes - a identidade étnica passa a ser a principal dimensão da identidade social."*²²

Giralda²³ aponta três concepções com que a antropologia social entende grupo étnico. Frederik Barth compreende que a concepção de um grupo étnico seja estabelecida através da organização social, da trama de relações profissionais e pessoais entre seus membros, não dando ênfase aos aspectos culturais. Para Barth, uma cultura comum não se configura como aspecto mais importante para a definição de um grupo étnico. Já para Cohen, um grupo que compartilhe de certos padrões de comportamento normativo, como as formações simbólicas de parentesco, casamento, amizade, costumes, religião, e que ao mesmo tempo, e o autor dá a devida ênfase a esse aspecto, que formem uma parte de uma população maior, postos em contato, interagindo com pessoas de outras coletividades, pode ser considerado grupo étnico. Por fim, Daniel Glaser entende grupo étnico proveniente de aspectos raciais, nacionais ou religiosos sob os quais os membros identificam-se e relacionam-se. Afora algumas diferenças de enfoque as três definições não se contrapõem, antes complementam o possível conceito que defina grupo étnico, ou nação, e a partir disto, identidade étnica, ou ainda nacionalidade.

²² SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: FCC, 1982, p. 6

²³ SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: FCC, 1982, p. 4-5.

Mas apesar de tais conceitos serem de extrema valia, ou ainda mais, absolutamente necessários para a compreensão do processo teuto-brasileiro no sul do Brasil, há mais confusão do que convergência na compreensão de seus conteúdos.

Quando João Weber questiona o que venha a ser nação, na introdução de *A Nação e o Paraíso* através da fala: "*O que é uma nação? Comunidade com uma mesma tradição histórica, assentada na existência de uma mesma língua, de uma religião e etnia comuns, e na existência de um território socialmente compartilhado? Uma nação é uma entidade objetivamente demarcada por "fronteiras" - lingüísticas, culturais, territoriais - em relação ao "outro"? Ou é a resultante imaginária de um conjunto de seres que se supõem integrantes de uma determinada nacionalidade, constituída por aqueles que, unidos em torno de algumas fidelidades subjetivamente instituídas, desejaram, em algum momento, integrar uma nação?*"²⁴ de certa maneira exemplifica o quão subjetivo permanece tal conceito. Mesmo assim o grifo na expressão "se supõe" indica sua percepção. Assim, o conceito de nação parece pressupor a presença do que Weber chamou de "outro", ou seja, do contato entre grupos diferentes, aspecto igualmente levantado por Cohen; e principalmente da indefinição concreta deste grupo, que seria "*uma resultante imaginária de um conjunto de seres*", argumento compartilhado por Benedict Anderson quando define nação como "*uma comunidade política imaginada - e imaginada como implicitamente limitada e soberana*"²⁵.

Segundo Giralda: "*O que torna ambígua a idéia de nação e, por extensão, a do nacionalismo, pode ser compreendido a partir do confronto entre cidadania e nacionalidade. As diferenças de língua, cultura, raça, etc., são relevantes na definição de nacionalidade independentemente de qualquer filiação política, mas não constituem critério de cidadania, que implica em vinculação política e legal com um estado*".²⁶ Dessa forma a cidadania relaciona o cidadão ao estado, e nacionalidade o relaciona com um povo, uma comunidade, quer geográfica ou ideologicamente limitada.

Quando a forma de estabelecimento da nacionalidade é baseada no critério geográfico, cidadania e nacionalidade quase se confundem, mas esses termos passam a representar entidades distintas quando o princípio da nacionalidade é baseada no critério sanguíneo, caso

²⁴ WEBER, João Hernesto. *A Nação e o Paraíso*. Florianópolis: ed. da UFSC, 1997, p. 13.

²⁵ ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989, p 14.

²⁶ SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: FCC, 1982, p. 8.

alemão. Desta maneira o imigrante e seus descendentes são reconhecidos como cidadãos alemães, independentemente do local onde tenham nascido. O diretor cinematográfico Silvio Back, no filme "Aleluia Gretchen", rodado em Blumenau, exemplifica ironicamente a questão da nacionalidade germânica além-mar através da metáfora em que uma gata esconde-se dentro do forno para parir seus filhotes, mas o que sai do forno não são pães, e sim gatinhos. Ou seja, o imigrante alemão tem filhos no Brasil mas apesar de nascidos em solo brasileiro, eles permanecem alemães.

Um possível paralelo da situação dos teuto-brasileiros em relação aos grupos sociais locais talvez possa ser traçado observando-se os estudos do antropólogo Darcy Ribeiro, que elaborou um esquema de assimilação de grupos indígenas à sociedade nacional, dividindo o processo em duas etapas, a integração e a assimilação, durante as relações que se estabeleceram entre os dois grupos: *"...o nível de integração representa uma forma de acomodação que concilia certo grau de conservação dos atributos tribais com uma crescente participação na vida econômica e nas esferas de comportamento institucionalizado da sociedade nacional"*.²⁷

Dentro desta perspectiva, um grupo pode estar integrado a outro, mas mantendo características sociais próprias, ou seja, sem que um "assimile" o outro. No caso teuto-brasileiro da região do Vale do Itajaí, conforme os estudos da socióloga Úrsula Albersheim, que veio ao Vale do Itajaí na década de cinquenta para tal pesquisa: *"...a sociedade (do Vale do Itajaí) encontra-se integrada à nacional, enquanto sua economia está inteiramente envolvida pela trama maior de relações comerciais e industriais que atravessam o país, sua legislação formal, sua vida administrativa e sua estrutura política se vinculam estreitamente a todo o sistema brasileiro. Por outro lado, ela estaria assimilada apenas a partir do momento em que deixar de se considerar diferente da sociedade nacional e, ao mesmo tempo, for reconhecida como idêntica, como parte dela própria, pela sociedade brasileira"*.²⁸

A complexidade do processo de assimilação reside no fato de que o mesmo envolve uma reestruturação e reavaliação das atitudes e valores do imigrante, quando em contato com outros valores decorrentes dos relacionamentos interétnicos e envolvido ou em contato com

²⁷ RIBEIRO, Darcy Ribeiro. *Línguas e Culturas Indígenas do Brasil*. São Paulo: *Educação e Ciências Sociais*. n.º 6.

²⁸ ALBERSHEIM, Úrsula. *Uma Comunidade Teuto-Brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas, 1962.

uma cultura alheia. Além disso, o próprio meio impunha outras atitudes: "*Diferenças do meio físico não admitem a utilização, pelos imigrantes, de uma boa parte das experiências acumuladas no país de origem. Padrões de habitação, de vestuário, de alimentação, de trabalho, de locomoção, de recreação etc. têm de ser abandonados diante das diferenças do meio físico. Essas mudanças relacionam-se, intimamente, com o nosso problema no que elas implicam a aceitação de elementos culturais encontrados na sociedade nativa.*"²⁹

O processo de assimilação consiste portanto em uma gradual acomodação de atitudes e valores de cada grupo em relação ao outro, ação que se processa sempre nos dois sentidos, ou seja, uma etnia é assimilada e ao mesmo tempo assimila aspectos da segunda, e o grau de assimilação de um determinado grupo sobre o outro parece ser definido, em última instância, pela quantificação de poder que um tem sobre o segundo. No Vale do Itajaí, por seu grau de isolamento e estando os teuto-brasileiros em maior número, a assimilação teria sido "invertida", de modo que estes influenciaram mais os luso-brasileiros, que os segundos os primeiros. De fato, tal processo de assimilação, no qual uma etnia é influenciada pelos aspectos sociais, de costumes e de valores por outra, parece pouco ter ocorrido, pois os teutos, nas primeiras décadas, eram maioria e compunham uma sociedade "fechada". Mas igualmente deve-se levar em conta que: "*...não há grupos inassimiláveis ou quistos étnicos, pois o caráter social de toda cultura já afirma, implicitamente, a possibilidade de assimilação*".³⁰

Os fatores que concorreram para a pouca assimilação foram preponderantemente o distanciamento para com outros centros (São Leopoldo e não Florianópolis era referência intelectual), a manutenção da língua (mesmo nas escolas), a manutenção das atividades sociais germânicas junto aos clubes e sociedades e a trama comercial formada por membros teuto-brasileiros.

Um dos principais objetivos do governo imperial brasileiro com sua política de imigração era o de colonizar extensas faixas de terras virgens com interesses geopolíticos: basta que se observe no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina a localização dos assentamentos para tal expediente. O caso do Vale do Itajaí tinha como função o

²⁹ WILLIEMS, Emílio. *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. Brasília: Companhia Editora Nacional - INL/MEC brasileira, 1980, p.7.

³⁰ HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança*. Blumenau: ed. da FURB, 1993, p. 33.

estabelecimento de vias de acesso do litoral ao planalto, de modo que o avanço da onda colonizadora seguiu esse sentido. Desta maneira os imigrantes isolados em suas glebas pouco contato fizeram com os nativos, como aponta Emilio Willems: *"Os contatos que a grande maioria dos imigrantes estabelecia com nativos eram fugazes, intermitentes, e por isso mesmo, secundários. Para isso contribuía não somente a extrema rarefação da população nativa, mas também as diferenças entre os sistemas econômicos."*³¹ Quanto mais o processo colonizador avançava, mais distantes ficavam os novos lotes, vale adentro e serra acima, bem como nos braços ou picadas que se abriam. O afastamento geográfico imprimia igualmente aos imigrantes e seus familiares um afastamento cultural de modo que permaneceram por décadas imunes ao alcance do aparato estatal brasileiro, que não lhes dispunha nem estradas tampouco escolas. Willems lembra que Blumenau recebeu uma boa ligação rodoviária com o litoral somente cinco décadas depois de sua fundação.

O isolamento geográfico e os esporádicos contatos com outras etnias fizeram com que os imigrantes e seus descendentes mantivessem o uso da língua alemã. Como o governo brasileiro não assistia satisfatoriamente as colônias com escolas, as próprias comunidades estabeleceram as suas, onde utilizavam a língua teuta e muitas vezes com professores trazidos diretamente da Alemanha. Quando havia escolas do governo estas estavam aquém das alemãs: *"Comparando o sistema educacional brasileiro do começo do século passado com o dos imigrantes alemães, a primeira impressão é a de uma disparidade completa. Os colonos germânicos vinham de uma cultura em que a comunicação já dependia, em grande parte pelo menos, do conhecimento da escrita. Portanto, a escola de alfabetização, embora houvesse tido desenvolvimento bastante desigual nos diversos Estados alemães, exercia uma função vital de perpetuação cultural. O mesmo já não se pode afirmar das culturas caboclas do Brasil, as únicas quase com que os povoadores germânicos estabeleceram contato, nas primeiras décadas da colonização."*³² Um depoimento de Manuel Duarte, que visitara as cidades catarinenses por volta de 1916, aponta para a situação no município de Blumenau, onde havia um único grupo escolar estadual e nove escolas isoladas, perfazendo um total de 574 matriculados, enquanto que o número de escolas alemãs era de 123, além de dois grandes colégios na sede, perfazendo um total de 5.061 alunos matriculados. A língua usada era o

³¹ WILLIEMS, Emilio. *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. Brasília: Companhia Editora Nacional - NL/MEC, Brasíliana, 1980, p. 104.

³² WILLIEMS, Emilio. *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. Brasília: Companhia Editora Nacional - NL/MEC, Brasíliana, 1980, p. 271.

alemão e pouquíssimas escolas ensinavam o português³³, de modo que a escola como instrumento ideológico muito auxiliou para a perpetuação dos processos culturais de origem, dificultando sobremaneira a assimilação, tanto que, a partir de 1937, com a implantação do “Estado Novo”, uma das primeiras ações para a promoção da nacionalidade brasileira foi a proibição do uso de língua estrangeira no país.

O sistema de comércio formado, que escoava a produção do Vale para os grandes centros, igualmente dificultava a assimilação, visto que tanto os colonos, como os atravessadores e os exportadores pertenciam, na grande maioria das vezes, à comunidade teuto-brasileira.

Esses elementos fizeram com que a inserção dos imigrantes e seus descendentes à comunidade brasileira fosse dificultada. Apesar disto, deve-se ressaltar o interesse que os teuto-brasileiros desenvolveram para com o Brasil e elementos de sua cultura. Sob o aspecto literário vários clássicos da literatura brasileira, principalmente românticos, foram traduzidos para o idioma alemão, como a versão que Rudolf Damm fez de "A Canção do Exílio" de Gonçalves Dias, publicada em periódicos teuto-brasileiros e na própria Alemanha:

LIED AUS DER VERBANNUNG

Meiner Heimat Schmuck sind Palmen
Wo im Hain die Drossel singt;
Schöner singt, als alle Vögel,
Deren Stimme hier erklingt.

Hell funkeln unsre Sterne,
Blumiger ist unsre Flur;
Reicher unser Wald na Leben,
Und na Liebe die Natur.

³³ DUARTE, Manuel. *Os Allemães em Santa Catharina*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1917, p. 46.

Glücklich bin ich, wenn in stiller
Nacht mein Geist ins Weite dringt;
Meiner Heimat Schmuck sind Palmen,
Wo im Hain die Drossel singt.

Kann die Fremde mir ersetzen,
Was das Heimatland mir bringt?
Glücklich bin ich, wenn in stiller
Nacht mein Geist ins Weite dringt;

Meiner Heimat Schmuck sind Palmen,
Wo im Hain die Drossel singt
Lass, Herr, noch den Tag mich schauen,
Der mich in die Heimat bringt.

In die Heimat, deren Zauber
In des Herzens Tiefe dringt!
Lass mich schaun das Land der Palmen.
Wo im Hain die Drossel singt.

Desse antagonismo entre ser brasileiro de nascença mas com valores alemães, estruturou-se o “Deutschtum”, ou seja “...a conservação de caracteres culturais, raciais e sociais dos grupos de origem germânica, através da Igreja, da escola e do lar”³⁴ até atingir o ápice em aproximadamente 1935, quando do acirramento das manifestações nazistas no Vale, até seu completo desbaratamento promovido pela campanha de nacionalização imposta pelo Presidente Vargas na década de 40.

³⁴ HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança*. Blumenau: ed. da FURB, 1993, p. 35.

3 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA EM BLUMENAU

Visto as produções literárias variarem com o passar das gerações, ainda mais quando sujeitas a cesuras agudas provenientes de aspectos externos, políticos, observa-se que a literatura em Blumenau pode ser dividida, quanto a sua produção, em alguns períodos de relativa homogeneidade. Tais divisões, para não se tornarem arbitrárias, devem de fato delinear um espaço de tempo no qual a atividade literária permaneceu estável, nos aspectos referentes à produção, distribuição e leitura. A aceitação dessa premissa nos leva à necessidade de identificar os momentos de transição, bem como os fatores motivadores dessas transformações, em última estância, tanto literárias como sociais.

Os períodos onde se pode verificar certa homogeneidade de manifestações culturais no âmbito literário, e que serão analisados a seguir, são:

- Período Colonial (1850-1859)
- Primeiras Manifestações (1860-1880)
- Instalação da Imprensa (1881-1916)
- Período de Prosperidade (1918-1941)
- O Grande Silêncio (1941-1960)
- Ruptura (1961-)

3.1 PERÍODO COLONIAL (1850-1859)

Vários são os historiadores que entendem o primeiro período da história de Blumenau como sendo a primeira década da colonização, caracterizando-a como penosa, vindo a lograr êxito pela feroz combatividade e espírito empreendedor do fundador e administrador, Dr. Blumenau, bem como pela obstinação dos imigrantes, que viam no trabalho, nos profundos preceitos morais e religiosos, reais possibilidades de prosperidade.

O escritor Paulo Malta Ferraz³⁵ dedica uma plaqueta a esse período e um dos primeiros, senão o primeiro historiador de Blumenau, Sr. José Deeke, igualmente dedica um

³⁵ FERRAZ, Paulo Malta. *Apontamentos Para a História de Colonização de Blumenau (1850-1860)*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1976.

tópico de sua obra “O MUNICÍPIO DE BLUMENAU” à primeira década de colonização. Outro argumento para que seja estabelecida a primeira década como período inicial é a própria divisão de cunho político-administrativo, que se processou no dia trinta de janeiro de 1860, quando a colônia, até então particular, passou à competência do Governo Imperial Brasileiro.

Quanto aos aspectos literários, o colonizador, nos primeiros anos de ocupação, não dispunha de condições ambientais para a produção intelectual. As casas eram precárias e o dia-a-dia rigoroso era dedicado ao trabalho agrícola e de desbravamento. O isolamento dos centros culturais, o distanciamento étnico, de língua, a falta de estradas dificultaram sobremaneira a disposição ao artístico, sendo que as atividades sociais limitavam-se a encontros semanais na casa de vizinhos não tão próximos.

A Colônia, nessa primeira década, cresceu num ritmo muito pequeno e, em 1853, contava com 104 pessoas. No ano seguinte baixou para 87 demonstrando as dificuldades nos seus primeiros anos. Um relato publicado em 1906 descreve as precárias condições da colônia em sua primeira década de existência (1856), observando-se a total impropriedade às manifestações artísticas: “...É verdade que o lugar existia, mas a cidade? Essa nem por sombra poderia ser assim denominada. Na verdade uma única casa tinha o direito de ser considerada como tal. Nela se encontrava o único comércio de toda Blumenau e, ao mesmo tempo, o escritório do diretor da colônia. Todas as demais construções não passavam de miseráveis choupanas de barro...”³⁶. A primeira escola foi fundada somente em 1854 e contava com poucos alunos; uma segunda escola, que tinha uma classe só para meninas, surgiu somente em 1865.

Não havia de fato ambiente cultural, de modo que as atividades sociais restringiam-se a encontros familiares: “Aos domingos, diversos colonos se reuniam em uma casa amiga e comentavam acontecimentos da semana: as pequenas alegrias ou alguma desgraça ou drama que ocorresse com algum dos colonos, no meio da floresta. Às vezes, um deles levava consigo um livro para que lessem alguns trechos, cujo teor era discutido em seus mínimos detalhes

³⁶ “Conversa de um Velho Colono Blumenauense” in “Der Volksbote”, Joinville, 1906.

(...) Como não havia jornais, também não havia política (...) A dança não acontecia mesmo, pois faltavam os músicos...”.³⁷

Mas no decorrer dessa primeira década foram, sempre da Alemanha, chegando as personalidades que dariam base ao surgimento de uma sociedade intelectualmente ativa e diferenciada.

Em 1852 chega mais uma leva de imigrantes à Colônia, entre eles o pesquisador Fritz Müller, que além das atividades de colono e cientista foi professor por mais de 25 anos na escola particular do Salto Weissbach. Intelectual mundialmente reconhecido na sua época, na área das ciências naturais, correspondia-se com vários pesquisadores do mundo todo, entre eles Charles Darwin, que muito o admirava, tendo apelidado-o de “Príncipe dos Observadores”. Posteriormente, seus textos jornalísticos, nos vários periódicos da região, constituíram constante embate de idéias com seus opositores.

Em 1856 imigrou com sete anos Karl Klein, que, depois de várias profissões, estabeleceu-se como professor, vindo a tornar-se um dos mais reconhecidos escritores teuto-brasileiros.

Em 1857 chegou à colônia um de seus maiores intelectuais, o pastor Oswaldo Hesse, imbuído na assistência espiritual aos imigrantes evangélicos. Seus textos, nos primeiros anos, preocupavam-se com a premência da formação ética e religiosa da comunidade emergente, restringindo-se a sermões e a relatórios.

Observe-se que nessa primeira década de colonização a Colônia, por ser particular, não recebia qualquer auxílio da parte dos governos imperial e estadual, a não ser os empréstimos que o Dr. Blumenau fizera em seu nome. Da mesma forma, como veremos adiante, as estradas e a companhia de navegação seriam abertas anos depois. A distância para com outros centros, o isolamento físico, étnico e de língua, e a lacuna deixada pela cisão em suas vidas decorrida da profunda experiência de vida imposta pela imigração, deixando para trás familiares, amigos, a terra pátria para construir uma nova vida, permeada de esperanças e prosperidade mas igualmente de anseios e saudades, seriam os principais fatores

³⁷ Idem

que contribuíram para a formação de sociedades que cultuassem as tradições. Dentre elas as de Caça e Tiro tornaram-se as mais populares.

A partir da fundação da Sociedade de Atiradores em 1859 e da Sociedade Teatral “Frohsinn” em 1860 organizaram-se os primeiros eventos culturais, nos quais sempre havia um espaço no programa para o canto e para leitura de poemas. Para a historiadora Edith Kormann: “...a vida social e artística da Colônia começou verdadeiramente com a fundação da Sociedade de Atiradores”³⁸, sendo que nessa data Blumenau contava com 749 habitantes.

Quanto à produção literária nesta primeira década, encontram-se somente pouquíssimos poemas isolados de intelectuais colonos como o Dr. Fritz Müller e o próprio Dr. Blumenau, que não foram publicados então. Nada há de publicado, de caráter literário. A produção literária somente recebeu impulso quando da formação das associações, a partir de 1860.

3.2 PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES (1860-1880)

O segundo período historiográfico-literário corresponde ao início da produção ficcional no Vale do Itajaí, basicamente através de poemas, que tinham seu espaço assegurado nas solenidades, mas em função das dificuldades da época, igualmente não lograram publicação, visto não haver jornais nem, tampouco, editoras.

No dia 30 de janeiro de 1860 a Colônia Blumenau é vendida ao Governo Imperial, permanecendo como administrador o próprio Dr. Blumenau. A partir de então, esta passou a desenvolver-se mais rapidamente, até tornar-se município em 1880 (emancipação que se processou de fato somente em 1883, em função dos estragos da grande enchente de 1880).

O historiador José Deeke também estabelece tal período histórico do desenvolvimento de Blumenau, quando igualmente dedica-lhe um capítulo, em que relata as diferenças entre as décadas: “... *Concernente à vida social, de 1860 até 1880, ela já se distinguia*

³⁸ KORMANN, Edith. *Blumenau, arte, cultura, e as histórias de sua gente*. Blumenau: ed. do Autor, vol III, 1995.

*acentuadamente da vivida de 1850 a 1860. Isto é muito natural, considerando-se a afluência de dinheiro e de pessoas*³⁹. Note-se que a população, de 1860 a 1880, saltou de 943 para 14.981 indivíduos.

Com clareiras e picadas abertas e os colonos já com seus lotes de terra, de modo a produzirem mais que para seu próprio sustento, e, conseqüentemente, passaram a comercializar seus produtos, levou a cidade a, em um período de poucas décadas, abrigar um contingente de razoável instrução além de alguns notáveis intelectuais. Paralelo à simples produção agrícola estabeleceram-se já nessa segunda década em Blumenau as bases para sua industrialização, constando, segundo Ingo Hering⁴⁰, metade das exportações do ano de 1868 (Rs. 78.500\$000) de açúcar, aguardente, farinha de mandioca, madeira, entre outros produtos industrializados.

A imigração correu em ritmo acelerado nessas duas décadas, sendo o modelo adotado pelo Dr. Blumenau reconhecido em 1867 com um dos prêmios da Exposição Mundial de Paris, onde recebeu 10.000 francos. Somente de 1867 a 1868, a população em Blumenau passou de 3391 para 5126 habitantes (1735 pessoas em um ano!).

As expressões artísticas eram reduzidas às comemorações cívicas e da tradição germânica. Nas festas realizadas, sempre havia espaço para cantos e leitura de poemas, como no dia oito de agosto de 1869, durante os festejos de aniversário da Sociedade de Canto Germânia, quando o Pastor Hesse incluiu no programa a “Canção dos Alemães em Blumenau”⁴¹, de sua autoria, cantada pelo coral.

³⁹ DEEKE, José Deeke. *O Município Blumenau e a história do seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995, p. 70.

⁴⁰ HERING, Ingo. *Indústrias - Desenvolvimento da Indústria Blumenauense*. In *Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 161.

⁴¹ KORMANN, Edith. *Blumenau, arte, cultura, e as histórias de sua gente*. Blumenau: do Autor, vol III, 1995, p. 15.

3.3 INSTALAÇÃO DA IMPRENSA (1880 - 1916)

A partir da década de 80, criaram-se em Blumenau as condições básicas para o florescimento artístico. Uma pequena burguesia intelectualizada formava-se em torno do comércio, da indústria emergente e da aceleração das imigrações. Os colonos assentados nas décadas anteriores começam a prosperar, a localidade como um todo melhora seus padrões econômicos, articulando-se um espaço propício à produção cultural.

As atividades sociais foram expandidas com a fundação de outras sociedades de atiradores, que promoviam, além das festas de tiro, bailes e comemorações em datas de destaque. Em 1899 havia, segundo a historiadora Sueli Petry⁴², em ampla atividade, treze clubes de caça e tiro.

Incrementam-se as comunicações viárias, com as companhias de navegação, instala-se a energia elétrica em 1910, a partir de uma pequena usina hidroelétrica construída por F.G. Busch no Gaspar Alto, e posteriormente, em 1915, com a usina do salto, que veio para suprir a demanda do parque industrial que se instalava. Já havia ligação por terra até o litoral e abria-se caminho para Lages, que seria inaugurado em breve.

Sob o aspecto da indústria incipiente, Ingo Hering vê no ano de 1880 um divisor de águas na historiografia blumenauense: *“Por volta de 1880, entramos na segunda fase industrial: a da indústria fabril propriamente dita...”*⁴³

Mas o fator preponderante de estímulo à intelectualidade foi sem dúvida a instalação da imprensa no Vale do Itajaí, a partir de primeiro de janeiro de 1881, com a criação do jornal “Blumenauer Zeitung”, dirigido por Hermann Baumgarten. A publicação sempre dispunha de espaços para a manifestação literária, quer com poemas ou com os então muito populares folhetins. Este diário sempre se manteve a serviço dos interesses teuto-brasileiros quando de disputas ideológicas com idéias liberais, abrigadas em seu futuro concorrente, o “Imigrant”. A historiadora Edith Kormann também entende tal passagem como um marco na história

⁴² PETRY, Sueli. *Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau*. Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1982, p. 60.

⁴³ HERING, Ingo. *Indústrias - Desenvolvimento da Indústria Blumenauense*. In. *Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 162.

literária da região: “*A partir dessa data (1880), as atividades literárias de Blumenau tiveram grande impulso.*”⁴⁴

Do Rio Grande do Sul, a partir de 1899, outro grande estímulo às artes literárias das comunidades teuto-brasileiras foram as publicações da Gráfica e Editora Rotermund que, a partir de 1901, publica alguns volumes da coleção literária “*Deutschbrasilianische Literatur*”, de curta duração. Surge outra coleção em 1917 chamada “*Südamerikanische Literatur*”.

Nesse período (e também no próximo) tornaram-se populares os Almanques (Kalender), a grande maioria em língua alemã (saíram alguns bilingües alemão-português). Entre os mais conhecidos destacou-se o “*Kalender für Deutschen in Brasilien*”, editado pela gráfica Rotermund, em São Leopoldo, RS.

Nos estudos de Valburga observa-se essa popularidade: “*Atendendo à média de leitores, o almanaque é o grande meio de comunicação dos imigrantes, muitas vezes seu único alimento espiritual. Sua função é da maior importância; seu conteúdo e forma estão de acordo com as condições sócio econômicas e culturais e gosto de seus leitores...*”⁴⁵. Além de amplos espaços à literatura, os “*Kalender*” veiculam informações importantes ao colono, tais como, obviamente um calendário, fases da lua, épocas de plantio e de colheita de vários frutas e verduras. A produção dos “*Kalender*” é assegurada pela presença de vários anunciantes, na maioria ligados à comunidade teuto-brasileira.

Quanto às publicações em livro do período, observamos tratar-se em sua maioria de livros para fins didáticos. Celestino Sachet registra em 1901 a edição de uma gramática da língua portuguesa para crianças alemãs, escrita pelo poeta e professor Rudolf Damm. Em 1903 é editada uma História do Brasil, do pastor Hermann Faulhaber, igualmente direcionado ao ensino. Em 1914 é editado em Blumenau o livro “*Portugiesische Sprachbuch für Kolonieschulen*”⁴⁶ de autoria do Sr. G. August Buechler, distribuído pela Câmara Municipal de Blumenau.

⁴⁴ KORMANN, Edith. *Blumenau, arte, cultura, e as histórias de sua gente*. Blumenau: do Autor, vol III, 1995, p. 17.

⁴⁵ HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança*. Blumenau: ed. da FURB, 1993, p. 18.

⁴⁶ Editado por G. A. Köhler, Blumenau, 1914.

Esse período foi interrompido pela metade da primeira guerra mundial, quando em 11 de abril de 1917 o Brasil rompeu relações com a Alemanha, declarando-lhe guerra a 27 de outubro do mesmo ano. No dia seis de novembro todas as escolas que ensinavam em alemão foram fechadas, bem como todas as associações e jornais que publicavam na língua teuta. Os jornais “Blumenauer Zeitung” e “Der Urwaldsbote” alteraram suas publicações para o português. Tal situação seria revertida em 1918, com o fim da primeira grande guerra.

3.4 FASE DE PROSPERIDADE (1918-1941)

Passada a primeira grande guerra, a cidade retomou seu crescimento, voltando à rotina pré-guerra. As escolas foram reabertas em abril de 1918, bem como as associações e clubes. Em 1920 a infra-estrutura para a prosperidade do Vale contava com sete estações telegráficas, onze agências postais, linha férrea até Hammônia (atual Ibirama) e ao litoral.

Nesse período os jornais publicaram folhetins e poemas e os “Kalender” foram o principal suporte literário para os teuto-brasileiros.

Em 1929, surge o que se poderia chamar o primeiro periódico “essencialmente literário” da cidade, o “Zur Jahrhundert-Feier”⁴⁷, mas de pouca duração, sendo editadas somente duas revistas. No primeiro número, em 23 páginas, publicaram-se dois textos dramaturgicos, “Im Urwald” (Na Floresta), de Victor Schleiff, e “Die neue Heimat” (A Nova Pátria), de P. Wilhelm Fugmann. O segundo e último fascículo traz textos em prosa e verso de Wolfgang Ammon, José Deeke, Adolf Fuhrmann, Carl Hoepcke, G. Arthur Köhler, Otto Meyer e Victor Schleiff.

Em 1937 Maria Kahle publicou “Deutsche Heimat in Brasilien”⁴⁸, com 152 páginas sobre o Vale do Itajaí. No mesmo ano, é editado pelo sr. G. A. Koekler “Unser ist heute der Tag! Festbüchlein zum 25 Juli...”, com 50 páginas e prefácio de Victor Schleiff. Contém contribuições em prosa e verso de H. Abendroth, Wolfgang Ammon, Ella Cramer, Gertrud

⁴⁷ Publicado pelo jornal “Der Urwaldsbote”. Editor: G. Arthur Koehler.

⁴⁸ KAHLE, Maria. *Deutsche Heimat in Brasilien*. Berlin: Verlag Grenze und Ausland, 1937.

Gross-Hering, Ingo Hering, Maria Kahle, St. Kaul, G. A. Koehler, Adele Kuhnnow, Fritz Marschewsky, Fritz Müller e Victor Schleiff.

Quanto à produção literária, este foi o período das publicações, sendo que nos principais “Kalender” da época os escritores blumenauenses, a partir da década de vinte, compareciam em praticamente todos os números (anuais), com contos, novelas e poemas, destacando-se na prosa Karl Kleine, José e Emma Deeke; e Victor Schleiff e Rudolf Damm na poesia. Somado aos contos e romances de Gertrud Gross-Hering, esses autores formam a linha de frente, todos em vernáculo alemão, da literatura teuto-brasileira no Vale do Itajaí.

Os principais autores que se destacaram neste período, e conseqüentemente dentro da historiografia literária do Vale do Itajaí são:

Gross-Hering, Gertrudes, romancista, nasceu na Alemanha em 1879, chegando ao Brasil com um ano de idade. Começou escrevendo folhetins para o “Der Urwaldsbote”, até tornar-se um dos mais citados autores teuto-brasileiros da cidade de Blumenau. Pela apreciação do Frei Capistrano Binder: “*Nos anais literários de Blumenau merece real destaque a escritora Gertrud Gross-Hering...*”⁴⁹. Celestino Sachet confirma sua ligação literária com a cidade quando atribui a ela: “...*uma série de romances com o “homo blumenauensis”*”.⁵⁰ Faleceu em 6 de março de 1968, e entre sua publicações levantaram-se os títulos:

“**Durch Irrtum zur Wahrheit**” (Do Erro à Verdade). Romance, Blumenau, G.A. Köller (impresso em Postdam, Alemanha) , 1922, 154p. (Romance com prefácio de Eugen Fouquet. Publicado a primeira vez no “Urwaldsbote”, 1917 e 1919);

“**Frauenschicksale**” (Destinos de Mulheres). Blumenau, G.A. Koehler, 130p. (Contém os contos: “Elise Lingen”, “Ein Stiefkind der Natur”, “Mutter Wantken” e “das Krönlein”);

“**Aus Kinder werden Leute - Die Geschichte eines Kolonistenjungen**”, romance, Blumenau, 1934, 194p (Crianças se tornam homens - História de um rapaz da colônia) que já havia sido publicado em folhetim⁵¹. A história trata das experiências de um rapaz na Colônia;

⁴⁹ BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau*. In: *Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 330.

⁵⁰ SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: ed. Lunardelli, 1979, p. 259.

⁵¹ No jornal “der Urwaldsbote”.

“**Vereinte Kräfte**” (A União faz a Força) - romance publicado em folhetim no jornal “**Urwaldsbote**” e posteriormente na revista mensal alemã *Deutsche Welt*;

“**Durch Irrtum zur Wahrheit**”⁵² (Do Erro à Verdade), 1917, em folhetim. Reunido em livro em 1922;

“**Neue Wege**” (Caminhos Novos), romance tendo como tema a imigração, Tipografia Blumenauense;

“**Der Weg der Frau Agnes Bach**” (O Caminho da Sra. Agnes Bach), romance, Curitiba, em 1954;

“**Gratwanderer**” (Peregrinação pela Cumieira), romance, Tipografia Blumenauense, 1957;

“**Wenn der Wind darüber geht**” (Quando o vento passa por tudo), Tipografia Blumenauense, 1957, romance que versa sobre famílias blumenauenses;

“**Und dann kam die Lösung**” (Então veio a solução), 1961, Tipografia Blumenauense;

“**Der Sonnenhof**” (O Sítio do Sol), romance, 1967, Tipografia Blumenauense;

“**Die Stimme des Blutes** (A voz do Sangue), em folhetim;

“**Die Beiden Brüder** (Os Dois Irmãos), folhetim;

“**Verschlungene Wege**” (Caminhos Entrelaçados), folhetim;

“**Neue Heimat**” (Nova Pátria), romance publicado em uma revista da Alemanha.

Conforme Carlos Fouquet, Gross-Hering teria ainda um romance inédito, anterior a 1945, com 357 páginas chamado “**Der Ruf über's Wasser** (O chamado sobre o Mar). Escreveu ainda o texto dramaturgico “**Die Verbannung des Märchens**” (O Exílio da Lenda), apresentado no teatro Frohsinn, em Blumenau, em 1936.

José Deeke nasceu em Blumenau, foi engenheiro, e por muitos anos administrou as Colônias Hanseáticas, tendo inúmeras obras sobre o Vale do Itajaí, bem como muitos contos e romances, entre eles:

“**Am 7. September 2022**”⁵³. Conto Humorístico de 1923;

“**Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte**”, (O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento), 1917, Ed. Rotermund, série “*Südamerikanische Literatur*”, seu mais famoso título, relançado em português na década de 90;

⁵² No jornal “*Der Urwaldsbote*” tendo iniciado em 1917 e terminado em 1919 em função de interrupção de atividades do jornal, pelos desdobramentos da primeira grande guerra.

⁵³ In “*Uhle's Jahrbuch*”, 1923, São Paulo.

“**Silvana**”, conto in “Kalender für die Deutschen in Brasilien”, 1925, São Leopoldo, Rotermund & Co, p. p.149-169;

“**Die Freundschaft**”, conto in “Kalender für die Deutschen in Brasilien, 1927, São Leopoldo, Rotermund & Co, p. p. 161-209;

“**Alberto Korfeld**”, novela, in “Kalender für die Deutschen in Brasilien, 1929, São Leopoldo, Rotermund & Co, p. p. 80-96;

“**Esperanto**”, novela, in “Kalender für die Deutschen in Brasilien, 1931, São Leopoldo, Rotermund & Co, p. p. 87-104;

“**Um das Brasil-Deutschum**” (Em Defesa do Patrimônio Teuto-Brasileiro, novela, in “Kalender für die Deutschen in Brasilien, 1931, São Leopoldo, Rotermund & Co, p. p. 87-14;

“**Der Minhocão**” In “Kalender für die Deutschen in Brasilien, 1933, São Leopoldo, Rotermund & Co, p. p. 217-266.

José Deeke ainda conta, conforme artigo do historiador Carlos Fouquet⁵⁴, com um romance autobiográfico inédito chamado “**Ein Kind der Kolonie**”.

Na tradução de seu livro “Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte”, “O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento”, editora Nova Letra, Blumenau, 1995, há um anexo intitulado “Relação Parcial das Obras de Autoria de José Deeke” organizado por seu neto Niels Deeke, contendo, entre os títulos, contos, novelas, romances, textos históricos, de política, de genealogia, de ficção, ciências naturais, antropologia, trabalhos cartográficos em número de 139 contribuições !

Emma Deeke, esposa de José Deeke, igualmente publicou vários contos e poemas nos almanaques e nos jornais deste período, entre eles:

“**August Klügers Kuriose Entdeckung**”, conto, in “Kalender für die Deutschen in Brasilien”, 1921, São Leopoldo, Rotermund & Co, p. p. 203-221;

“**Liebe und Pflicht**”, novela inspirada em fatos reais ocorridos na cidade de Blumenau, in “Kalender für die Deutschen in Brasilien”, 1922, São Leopoldo, Rotermund & Co, p. p. 65-95 e 161-201;

⁵⁴ FOUQUET, Carlos. Bibliografia sobre o Vale do Itajaí. In: *Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 452.

“Heimkehr. Eine einfache Weihnachtserzählung”, conto natalino publicado na véspera de natal, in “Der Urwaldsbote”, 24/12/1929.

Karl Kleine, nascido na Alemanha (Silésia) em fevereiro de 1849, veio para o Brasil em 1856, chegou a Blumenau com sete anos de idade e depois de vários empregos, estabeleceu-se como professor. Escreveu vários romances e novelas nos jornais e nos “Kalender”. Foi publicado pela “Federação dos Centros Culturais 25 de Julho” um conto em folheto de 24 páginas, **“O Sino de Prata de Vila Rica”**, ilustrado por seu sobrinho-neto Theo Kleine, onde descreve a aventura de dois colonos na mata em busca de um tesouro guardado por indígenas. Conforme a historiadora Edith Kormann: *“...destaca-se pelo grande número de novelas, contos e crônicas que deixou espalhado por jornais e almanaques do tempo. Os romances, que devido ao alto custo, o autor não pode publicar, desapareceram.”*⁵⁵. Entre os textos que a bibliografia aponta, cita-se:

“Alte Reiseerinnerungen”, contendo informações pessoais sobre o Dr. Blumenau. In “Kalender für die Deutschen in Brasilien”, 1915, São Leopoldo, Rotermund & Co, p. p. 255-309;

“Wie Eugen Weissmüller zu einer Frau kam”, conto humorístico de 34 páginas, tendo como cenário Blumenau pelo ano de 1860. In “Kalender für die Deutschen in Brasilien”, 1921, São Leopoldo, Rotermund & Co, p. p. 271-305.

Maria Kahle, alemã que veio a Blumenau como propagandista alemã, publicou, em 1917, em folheto⁵⁶, uma conferência sobre dois poetas catarinenses, Sommerfeld e Rudolf Damm, caracterizando um dos primeiros trabalhos crítico-literários da região. Maria Kahle ainda publicou em 1938 “Siedler am Itajahy. Geschichte einer deutsch-brasilianischen Sippe”⁵⁷, além de vários poemas espalhados pela imprensa do Vale do Itajaí e mesmo do Brasil.

Rudolf Damm, nascido em Dresden, em 1858, imigrou para Blumenau em 1915, tendo sido professor. Escreveu **“Lehrbuch der Portugiesische Sprache”**, Tipografia de Hermann

⁵⁵ KORMANN, Edith. *Blumenau, arte, cultura, e as histórias de sua gente*. Blumenau: ed. do Autor, vol III, 1995, p. 15.

⁵⁶ No jornal “Der Urwaldsbote”.

⁵⁷ Reutlingen, Ensslin & Laiblin, 1938-1939.

Baumgarten, Blumenau, 1901. Traduziu ao alemão Olavo Bilac, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varela, entre outros, publicados no “Blumenauer-Zeitung”, além de criar inúmeras composições poéticas próprias, entre elas os poemas “Mein Vaterhaus” (Minha Casa Paterna), “Die Pioniere” (Os Pioneiros) e “Deutsche Worte, Deutsche Weisen”(Palavras Alemãs, Melodias Alemãs).

Victor Schleiff, nascido em 1869 na Alemanha, imigrou para o Brasil, onde escreveu extensa obra poética. Entre alguns poemas pode-se citar: “Ein Kampfdrama” (Um Drama Campestre), “Rückblick” (Retrospecto), “Alte und Neue Heimat” (Velha a Nova Pátria), “Hindenburg”, “Reminiscers”, “Pfingsten hüben und drüben” (Pentecostes aqui e acolá), “An die Botin des neuen Deutschland - Drei Sonette an Maria Kahle” (A Mensagem da nova Alemanha - três sonetos à Maria Kahle), “Euch, Deutsche Frauen, Euch Grüsst Blumenau!” (Blumenau vos saúda, mulheres alemãs), “Das Grab im Urwald” (A sepultura na floresta), “Heimweh” (Saudade), “Der Musterreiter” (O caixeiro viajante), “Die ersten Einwanderer” (Os primeiros imigrantes), “Blumenau”, “Neu Breslau”, “Stimmungsbilder aus der Kolonie” (Impressões da Colônia).

Por volta da década de trinta as colônias teutas do sul do Brasil foram acoçadas por idéias nazistas, estando em atuação em Blumenau, nesse período, o “Nationalsozialistische Deutscher Arbeiterverein Landesgruppe Santa Catarina” (Sociedade Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães em Santa Catarina), e o NSDAP (“Nationalsozialistische Deutscher Arbeiter Partei”) entre cujos objetivos seus estatutos preconizavam: “...*esclarecer sobre o sentido e o fim do movimento nacional socialista na Alemanha; juntar todos os cidadãos alemães que se confessem pela idéia nacional socialista; promover o progresso e auxílio recíproco dos seus membros (inferência para conseguir emprego, auxílio em caso de doença, em caso de desemprego, etc); auxiliar e aconselhar em benefício da subsistência dos patricios alemães...*”⁵⁸. Valburga Huber igualmente atenta para este fato: *Depois da década de 30, o nacional-socialismo, baseado nas noções do “Volkstum” (nacionalidade) e “Volksgemeinsschaft” (comunidade nacional) bem como na superioridade étnica dos arianos, chamava à Alemanha todos os descendentes de emigrantes radicados no exterior. No*

⁵⁸ KORMANN, Edith. *Blumenau arra, cultura, e as histórias de sua gente.*, Blumenau: do Autor, vol IV, 1996, p. 188.

*Brasil, essa atividade fez-se notar pela criação de organismos nacional-socialistas e pela infiltração de agentes nas sociedades teuto-brasileiras existentes nas cidades.”*⁵⁹

A título de exemplo, observe-se o programa de uma das noites culturais promovida pelo NSDAP, realizada no dia catorze de janeiro de 1933. O evento tinha como atrações, além de vários cantos e hinos alemães, uma palestra denominada “O Caminho para o Terceiro Reich” , a apresentação da poesia “Der Zug der Gefallenen” e a audição da gravação fonográfica de um discurso de Adolf Hitler.

O acirramento das relações com os teuto-brasileiros ocorreu a partir de setembro de 1939, no início da segunda guerra mundial, quando o presidente Getúlio Vargas instituiu a Campanha de Nacionalização como incentivo à nacionalidade brasileira, tendo como atos iniciais o fechamento das escolas alemãs, em 1939, sendo algumas delas confiscadas pelo governo. Em 1941 o Brasil rompeu relações com o Eixo. Nesse período as associações, clubes e entidades alemãs foram novamente cerradas, sendo que a grande maioria delas em definitivo.

3.5 O GRANDE SILÊNCIO (1941-1960)

No período da segunda grande guerra foram desbaratados todos os clubes sociais e associações e as escolas alemãs foram definitivamente cerradas.

Como exemplo do clima hostil observe-se o aviso publicado no jornal “Cidade de Blumenau” pelo delegado de polícia, Timóteo Braz Moreira: “...proibindo alemães, italianos e japoneses a se deslocarem de um lugar para o outro sem salvo-conduto, mudar de residência sem comunicar previamente ao Serviço de Estrangeiros, promover reuniões (aniversários, banquetes, etc.) e a utilização de hinos, cantos e saudações, bem como o uso dos idiomas citados.”⁶⁰

⁵⁹ HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança*. Blumenau: ed. da FURB, 1993, p. 45.

⁶⁰ KORMANN, Edith. *Blumenau, arte, cultura, e as histórias de sua gente*, Blumenau: do Autor, vol IV, 1996, p. 196.

Vários inocentes foram presos e observaram-se alguns absurdos de intransigência: “Os soldados saíam para a colônia e prendiam os colonos que falavam alemão; uma vez trouxeram um que falou em alemão com seus cavalos. Deixaram os animais e o arado no campo e trouxeram o homem...”⁶¹

A atividade social foi veementemente tolhida: “As ruas esvaziaram-se, ninguém queria sair de casa e os colonos pediam ao leiteiro para comprar o que necessitavam. Morreram os clubes todos, não havia mais vida na colônia (sic)”⁶²

Intelectualmente, para alguns autores foi um desastre: “Antes da guerra (Segunda) vendia cinquenta livros e calendários em um dia, enquanto hoje dá-se exatamente o contrário: vendo um livro em cinquenta dias. Não há mais a gente culta de antigamente. Atribuo isso ao fato de que as crianças, da época da guerra, são os pais de família de hoje e não haviam recebido uma boa instrução com o fechamento das escolas alemãs e sua substituição por escolas do Governo, com professores improvisados...”⁶³

A década de 50, literariamente foi um fracasso e conforme Valburga: “O vazio cultural, deixado pela “nacionalização”, só foi superado com dificuldade, depois de várias décadas”⁶⁴. De publicações temos registro de romances de Gertrud Gross-Hering, que continuou editando em alemão, mas para um círculo cada vez mais restrito, e a retomada de alguns poucos “Kalender”, agora repleto de amenidades.

3.6 RUPTURA

Somente na década de 60 a região retomou a produção literária, agora em língua portuguesa, com Lindolf Bell, Vilson do Nascimento, entre outros, rompendo (uns mais,

⁶¹ ALBERSHEIM, Úrsula. *Uma Comunidade Teuto-Brasileira*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Brasileiros. P. 184.

⁶² Idem, p. 185.

⁶³ Idem.

⁶⁴ HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança*. Blumenau: ed. da FURB, 1993.

outros nem tanto) com a tradição teuto-brasileira, de onde emergiria uma literatura ainda sem identificação crítica, mas com os olhos voltados mais para o contemporâneo do que para a tradição.

4 ESTABELECIMENTO DOS TEXTOS PARA ANÁLISE

Durante o procedimento de seleção de um grupo restrito de poemas, que se pretende representativo, para observação analítica, da expressão poética de uma época, desenvolvida por um grupo específico de autores, o antologista se vê diante de uma série de critérios de escolha difusos, que se entrecruzam e interpenetram, isso quando não se confrontam com um outro anterior, a delimitar seu universo de estudo. Certos critérios, como por exemplo o primeiro deles, o uso da língua alemã, tendem a ser mais generosos, abrigando amplas gamas de textos. Outros, que estruturam-se em regras formais, em geral redundam num purismo segregatório. Há ainda a atenção ao perímetro que se pretenda dar ao conceito de nacionalidade dessa expressão poética, abrigando um Vale, um estado, ou um ideário político.

Inicialmente, para a caracterização de um possível *corpus* da poesia em língua alemã no Vale do Itajaí e nas demais zonas de colonização em Santa Catarina, deve-se, no nosso entender, procurar os principais veículos de expressão desta literatura: os jornais, as revistas e os anuários ("Kalender"). Entre eles, dois destacam-se sobremaneira: os jornais e os anuários: "*A publicidade teuto-brasileira, além de jornais e almanaques, não apresenta muitas publicações em forma de livro. Em Santa Catarina, tal produção é quase nula.*"⁶⁵. Os primeiros, apesar de publicarem poemas e até romances em folhetim, não tinham grande penetração na colônia. Restritos aos embates políticos dos mais favorecidos, não ofereciam poemas com periodicidade, e muitos deles eram assinados pelos próprios editores. Karl Fouquet, ao analisar os jornais teuto-brasileiros, atesta esta assertiva: "*A principal renda dos editores era originária de assinaturas e publicidade, já que a venda avulsa era inexpressiva, a não ser nas grandes capitais.*"⁶⁶

As revistas esbarravam na elitização do veículo, dificilmente penetrando nas casas dos colonos: "*A importância das revistas consiste na multiplicidade das publicações, na variedade dos assuntos por elas versados e na receptividade que sempre encontraram no seio de pequenos círculos de leitores*"⁶⁷ (grifo nosso). Já os anuários em língua alemã, conhecidos como "Kalender", tinham amplo círculo de leitores, atingindo tiragens expressivas, como o

⁶⁵ BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau*. In. *Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p.317.

⁶⁶ FOUQUET, Karl. *O Imigrante Alemão*. São Paulo, 1974, p. 199.

⁶⁷ FOUQUET, Karl. *O Imigrante Alemão*. São Paulo, 1974, p. 205.

Kalender für die Deutschen in Brasilien de 1914, que vendeu quase 13.000 exemplares: "...a importância dos almanaques residia na enorme popularidade de que gozavam em toda parte, em todos os lugares em que se fixavam imigrantes, nas mais variadas camadas profissionais e sociais."⁶⁸ Os "Kalender" encerravam um aspecto de livro, de objeto perene, com amplos espaços à literatura. Valburga Huber os descreve da seguinte forma: "*Atendendo à média de leitores, o almanaque é o grande meio de comunicação dos imigrantes, muitas vezes seu único alimento espiritual. Sua função é da maior importância; seu conteúdo e forma estão de acordo com as condições sócio-econômicas e culturais e gosto dos leitores. As narrativas geralmente têm teor didático. Num almanaque encontramos: contos de fadas, anedotas, poesias, narrativas folclóricas, históricas, informações de história natural, geografia, agricultura, ciência e técnica, natureza, arte, vultos históricos importantes, conselhos sobre questões culturais, educação e escolas. Traz ainda contribuições práticas, como planos de viagem e tabelas de juros, grande número de anúncios e fotografias, e - o que é essencial para nós - publica quase toda a produção literária teuto-brasileira: narrativas, contos, peças teatrais, poesias e romances. É o meio de comunicação escrita mais popular, ao lado da Bíblia e do Livro das Cânticos, e uma das principais fontes de pesquisa sobre imigração alemã.*"⁶⁹

Valburga sugere que a produção poética das regiões de colonização alemã no sul do Brasil esteja quase que totalmente registrada nos "Kalender", argumentação que se alinha com o pensamento de Irmgart Grützmann sobre esses almanaques: "*Dentre as publicações destinadas aos imigrantes e seus descendentes foram os anuários (Kalender) que obtiveram maior repercussão junto ao público e com maior regularidade divulgaram a literatura, tornando-se este gênero "o berço e o receptáculo da quase totalidade das produções literárias".*"⁷⁰

Desta maneira, apoiados nas indicações de Valburga e Irmgart, limitamos nosso foco de estudo aos poemas em língua alemã publicados nos "Kalender", facilitando-nos enormemente o acesso a esta literatura, dando ênfase, dentre todos os títulos deste gênero

⁶⁸ FOUQUET, Karl. *O Imigrante Alemão*. São Paulo, 1974, p. 206.

⁶⁹ HUBNER, Valburga. *Saudade e Esperança*. Blumenau: Editora da FURB, 1993, pg.18.

⁷⁰ GRÜTZMANN, Irmgart. Entre o Cruzeiro do Sul e a Ursa Maior: o imigrante na literatura de expressão alemã no Brasil. In: FISCHER, L. A. e GERTZ, R. (Org). *Nós, os Teuto-Gaúchos*. Porto Alegre:EdUFRGS, 1996.

publicados no Brasil, aos que circularam com mais frequência nas zonas de colonização de Santa Catarina, e principalmente, no Vale do Itajaí.

Após pesquisa se optou em trabalhar com um universo de vinte e cinco coleções, algumas delas efêmeras, de única publicação, como o blumenauense "Der Urwaldsbote", editado somente em 1900, bem como outros, tal o "Kalender für die Deutschen in Brasilien", da editora Rotermund, de São Leopoldo, com seis décadas de prelo. Das coleções de "Kalender" utilizadas nesta pesquisa, cinco foram publicadas em Blumenau, quatro em Brusque, quatro em Florianópolis, uma em Joinville, três em Porto Alegre, duas em São Leopoldo, uma em Ijuí, duas em Curitiba, uma em São Paulo, uma no Rio de Janeiro e, por fim, uma em Buenos Aires, listados na tabela 1:

Tabela 1: Lista das Coleções de "Kalender" trabalhados nesta pesquisa:

- 1) **Blumenauer Volkskalender** - Empresa Gráfica Blumenau, Blumenau, SC, Editores: Nietsche & Hömke.
- 2) **Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens** - Otto Wille, Blumenau, SC.
- 3) **Almanaque Wille Kalender** - Otto Wille, Blumenau, SC.
- 4) **Blumenau's illustrierter Familien-Kalender** - Typographia Baumgarten, Blumenau, SC.
- 5) **Der Urwaldsbote** - Kalender für die Deutschen in Südbrasilien – herausgegeben zum 50 jährigen Bestehen der Kolonie Blumenau, Blumenau, SC.
- 6) **Der Volks-Bote Kalender für Deutschen in Sta. Catarina** - C. W. Boehm, Joinville, SC.
- 7) **Landwirtschaftlicher Kalender für Land und Gartenbesitzer in Brasilien** Typographia Mercúrio, Brusque, SC.
- 8) **Catharinenser Herz-Jesu-Kalender** - Brusque, SC.
- 9) **Boettgers Arznei Kalender** - Brusque, SC.
- 10) **Jahrbuch für die deutschsprechende Bevölkerung von Südamerika** - Typographia Brusquense.
- 11) **Brasilianischer Volks-Kalender** - Dirigido por W. Henrique Brandenburger, RJ, distribuição Livraria Internacional A Ponte, Florianópolis.
- 12) **Deutsch Brasilianischer Volks-Kalender** - Hoffmann, Florianópolis, SC.
- 13) **Brasilianischer Heimat-Kalender** - Livraria Internacional A Ponte, Florianópolis, SC.
- 14) **Catharinenser Jahrbuch** - Livraria Cysne, Florianópolis, por Mathias Müllern.
- 15) **Kalender für die Deutschen in Brasilien** - Editora Rotermund e Co., São Leopoldo, RS.
- 16) **Lehrer-Kalender** - Merk und Taschenbuch für Lehrer an deutschen Schulen in Brasilien - Editora Rotermund & Co., São Leopoldo, RS.
- 17) **Koseritz Deutscher Volkskalender** - Grundlach & Co, Porto Alegre, RS.
- 18) **Der Familienfreund Katholischer Hauskalender** - Hugo Metzler, Porto Alegre, RS.
- 19) **Musterreiter's neuer Historischerkalender** - Cälar Reinhardt, Porto Alegre, RS.
- 20) **Serra-Post Kalender** - Ulrich Löw, Ijuí, RS.
- 21) **Neue Heimat** - Max Roesner & Filhos, Curitiba.
- 22) **Uhle's illustrierter deutsch-brasilianischer Familien-kalender** - A. Otto Uhle, RJ/PR/SP, Imprensa Paranaense.
- 23) **Volk und Heimat** - Editora Deutscher Morgen, São Paulo, SP.
- 24) **Illustrierter Kalender für Brasilien** - Editora Panambi, RJ, RJ.
- 25) **Kalender für Südamerika** - Im Dürer, Buenos Aires, Argentina.

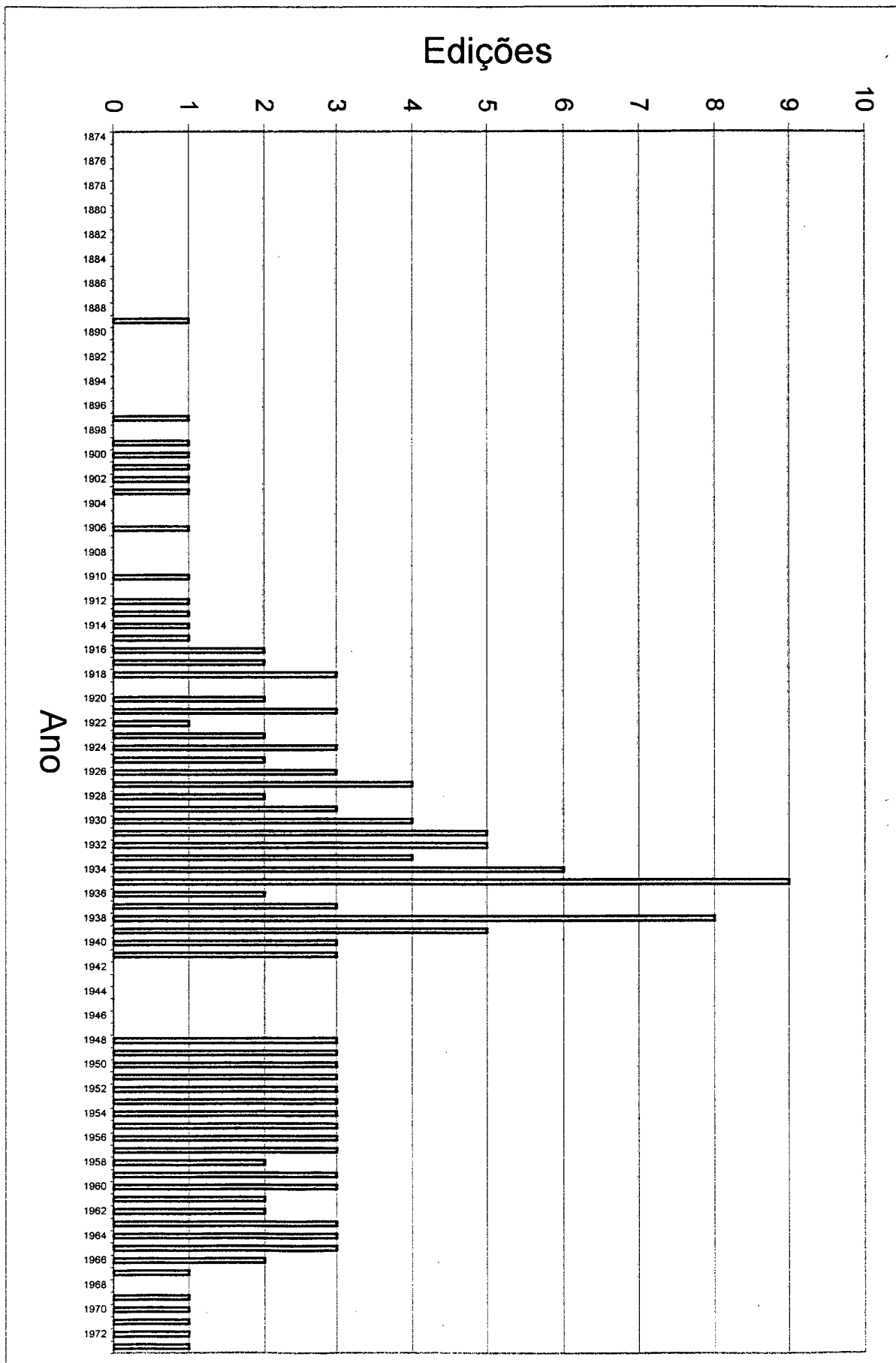
Estabelecido, porém, para os objetivos deste estudo, o veículo desta literatura, ou seja, os anuários, "Kalender", se impõe a primeira limitação que é o acesso a esses textos, muitos deles do final do século XIX. Como este trabalho foi realizado tendo como suporte de pesquisa os volumes resgatados no arquivo histórico José Ferreira da Silva, órgão ligado à Fundação Cultural de Blumenau, ficamos limitados aos números das coleções lá disponíveis, algumas delas incompletas. No nosso caso o maior problema está no mais antigo deles, a coleção do Koseritz Deutscher Volkskalender, de Porto Alegre, RS, que iniciou suas publicações em 1874, disponível em aproximadamente doze por cento do total de anuários publicados. As falhas decorrentes de tal limitação são abrandadas, porém, em nosso estudo, pois Koseritz tinha um interesse maior nas coisas do Rio Grande do Sul. Além do mais, nos "Kalender" de maior importância para o Vale do Itajaí, os publicados em Blumenau e região, é rara a falta de algum número. Mesmo a publicação de maior penetração, o "Kalender für die Deutschen in Brasilien", de São Leopoldo, mas com vivo interesse na colônia Blumenau⁷¹ é representativo: faltam somente onze números, dos sessenta editados. Esta dificuldade não compromete, portanto, o objetivo deste trabalho. Entretanto, somente com uma minuciosa busca nos arquivos do Instituto Martius-Staden, em São Paulo, e no Museu da Imigração, em São Leopoldo, talvez fosse possível esgotar o assunto, com relação aos "Kalender".

Assim, do universo das publicação de poemas em língua alemã que circularam na região de Blumenau, fez-se um primeiro recorte optando-se por trabalhar com os publicados nos "Kalender", e destes abstrairam-se ainda os números que não estão disponíveis no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

À adoção desses critérios de escolha se impõe conseqüentemente limites temporais ao *corpus* poético, restringindo-o ao período de publicação dos "Kalender", iniciado pelo Koseritz, em Porto Alegre, em 1874, até a última publicação do Serra-Post Kalender, de Ijuí, também no Rio Grande do Sul, em 1973. Dos noventa e nove anos de publicações entre os vinte e cinco títulos escolhidos, o arquivo histórico José Ferreira da Silva dispõe de 161 volumes, dispostos temporalmente da maneira gráfica na tabela 2:

⁷¹ Este "Kalender" era editado em São Leopoldo, mas distribuído também em Blumenau.

Tabela 2 – Frequência de Publicação dos 25 Títulos dos “Kalender” Utilizados na Pesquisa



Porém ainda estamos diante de um universo muito amplo, que abriga comunidades heterogêneas, e que, apesar de comungarem a mesma língua, participam, ainda no século XIX, de realidades tão díspares como um imigrante residente no Rio de Janeiro, então capital imperial, e um outro, colono, desbravando a mata no Vale do Itajaí. Buscamos então restringir ainda o foco de estudo para a literatura produzida nas regiões de imigração de Santa Catarina, com ênfase ao Vale do Itajaí.

A partir, portanto, do amplo grupo de poemas publicados nos volumes disponíveis dos vinte e cinco títulos das coleções escolhidas, recolheram-se aqueles cujos autores "tiveram vínculos" com as regiões de colonização alemã em Santa Catarina, notadamente em Blumenau. Dentre todos os autores que publicaram poemas nos "Kalender" selecionamos os que em Blumenau moraram e trabalharam, ou de certa maneira influenciaram a literatura produzida na cidade. Esse método de delimitar nosso objeto de estudo encontra eco no procedimento utilizado pelo Frei João Capistrano no artigo "Imprensa e Publicidade", ao discorrer sobre os autores da região de Blumenau por ele recolhidos para o Livro do Centenário de Blumenau, de 1950: "*Terão acolhida, todos os publicistas e escritores que neste âmbito nasceram, ou, quando oriundos de fora, nele se integraram e trabalharam, durante um certo espaço de tempo.*"⁷²

Apesar de subjetivo, este último critério de recorte, que busca delimitar tais expressões poéticas às zonas de colonização alemã em Santa Catarina, abriga sem contradições boa parte desta literatura publicada nos "Kalender" e, principalmente, a de maior qualidade e projeção.

Porém, mesmo de maneira menos significativa, esse recorte pode induzir a erros, pois existem casos de poemas publicados nos "Kalender" de Blumenau, cujo autor, por ser-nos de biografia desconhecida, foi assumido como pertencente a esse *corpus*, o que não deixa de ser uma arbitrariedade. Arbitrariedade maior talvez seria excluí-lo desta literatura. O oposto também é verdadeiro e igualmente indutor de erros. Em uma publicação paulista, como deve ser tratado o poema de autor desconhecido? Mesmo sabedor dessas dificuldades o trabalho pautou-se por incluir principalmente neste recorte de autores em idioma alemão na região de Blumenau aqueles que moraram e trabalharam nas regiões de colonização alemã em Santa

⁷² BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau*. In *Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau, Edição da Comissão dos Festejos, 1950, p. 315.

Catarina, com ênfase ao Vale do Itajaí, cujas biografias são conhecidas. Somam-se a estes menor parcela de poemas dos demais autores de biografia desconhecida, mas cujos poemas foram publicados nos anuários do Vale do Itajaí.

Mas tal dificuldade também não compromete o estudo, pois, afora talvez algum erro enumerativo nas listas de poemas com a inclusão de autor exógeno ou a exclusão doutro que teria vínculos com o Vale, podemos observar que de um total de 390 poemas, 296 são de autores cuja biografia nos é satisfatoriamente conhecida, e neste grupo residem, sem receio de erro, as principais expressões desta literatura.

A operação destes três critérios de delimitação do *corpus* literário - os poemas publicados nas coleções dos "Kalender"; destes, os números disponíveis para a pesquisa; e por fim, destes últimos, os poemas de autores que estabeleceram vínculos com a região de colonização em Santa Catarina - redundam numa lista de poemas assumidamente incompleta, saborosamente contestável, porém de valia para a análise literária e sociológica, apresentada na tabela 3:

Tabela 3 - POEMAS EM IDIOMA ALEMÃO DAS REGIÕES DE COLONIZAÇÃO EM SANTA CATARINA PUBLICADOS NOS "KALENDER"⁷³

Blumenauer Volkskalender - (BV) Empresa Gráfica Blumenau, Blumenau, SC, Editores: Nietsche & Hömke.

- 1933 - "Heimat", de Selma Jungbauer (Garcia), p. 35;
- "Wie lange?", de Victor Schleiff, p. 223;
 - "Glaube und Zweifel", de Victor Schleiff, p. 223;
 - "Spruch", de Victor Schleiff, p. 224;
 - "Zuvor", de Victor Schleiff, p. 224;
 - "Dat Bibelwurd", de Victor Schleiff, p. 224;
 - "Karfreitag und Ostern", de Victor Schleiff, p. 225;
 - "Geburtstag", de Otto Adolf Rohel, p. 270;
 - "Die dümmste Sorge", de Adolf Rohel, p. 270;
 - "Das Glück", de Adolf Rohel, p. 270;
 - "Verfrüht", de Adolf Rohel, p. 270.
- 1934 - "Gruß des Blumenauer Volkskalender für 1934", de R.H., p 1;
- "Kleine Fabel", de Albert Ax (Dona Ema), p. 193;
 - "Deutschland erwacht", de Arnaldo Prohmann, p. 195.
- 1935 - "Adolf Hitler", de Maria Kahle, p. 42;
- "Am Biel", de Wolfgang Ammon, p. 113;
 - "Abend na der Meeresbucht", de Wolfgang Ammon, p. 129;
 - "Hei zufrieden", de Wolfgang Ammon, p. 129;
 - "Geniesse das Leben", de Wolfgang Ammon, p. 129;
 - "Der Bruder Tod", de Wolfgang Ammon, p. 129;
 - "Das Leben", de Wolfgang Ammon, p. 131;
 - "Blück der Einsamkeit", de Werner Burdas, p. 167;
 - "Zuflucht", de Wolfgang Ammon, p. 207.
- 1936 - "Lichter und Schatten des Lebens", de Ehrhard Messmer, p. 119;
- "Wirf ab", de Wolfgang Ammon, p. 133;
 - "Erkenntis", de Wolfgang Ammon, p. 133;

⁷³ Os poemas estão agrupados pelo título da coleção do "Kalender" com abreviatura de duas letras entre aspas. Segue então o ano de publicação, o título do poema entre aspas, depois autoria e página.

- "Die richtige Brille", de Wolfgang Ammon, p. 133;
 - "Nur auf Zeit", de Wolfgang Ammon, p. 133;
 - "Zum Todtenfeste", de Wilhelm Schweitzer, p. 169;
 - "Der Fernsprechmann soll leben", anônimo, p.171;
 - "Anduldsamkeit", anônimo, p. 214;
 - "Die deutsche Sprache", de Paul Hense, p. 217;
 - "Mei' Glick", de Georg Zimmermann, p. 217;
 - "Na Großwaters Todestag", de Fr. Stork, p. 218.
- 1937 - "Der Mensch", de Johannes Arnoldt, p. 148;
- "Frohe Gesellen", de Selma Jungbauer, p. 179;
 - "Zwei Kamaraden", de Selma Jungbauer, p. 179;
 - "Frühlingsruf", de Willy Kessci, p. 224.

1938 ⁷⁴

Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens (KD) - Otto Wille,

Blumenau, SC.

- 1934 - "Das deutsche Lied", de Konrad Ries, p.32;
- "Kar scharfe Augen hat der Reid", de Victor Schleiff, p. 341;
 - "Irst kam ik", de Victor Schleiff, p. 343;
 - "Und doch", de Victor Schleiff, p. 356.
- 1935 - "Sprich deutsch!", de H. Engelbach, p. 32.
- 1938 - "Loblied", de Ernest Niemeyer, p. 258.
- 1939 -
- 1940 -
- 1952 - "Die Auswanderer", anônimo, p. 122;
- "Der Heimat Erde", de Heinz Georg Maria, p. 126;
 - "Bleibe gut", de Pater H. Sebastian Rademaker, p.128;
 - "Das Kreuz", de Pater H. Sebastian Rademaker, p. 136;
 - "Blumenau, lebe wohl!", de José Maria Jacobs, p. 144.
- 1953 - "Unser Jugendgarten!", anônimo, p. 157;

⁷⁴ Quando o ano relativo ao "Kalender" encontra-se sem nenhuma citação de poema, significa que a pesquisa teve acesso ao anuário, porém não foi publicado nenhum texto pertencente ao recorte proposto. Quando não há um determinado ano da coleção de determinado "Kalender", a pesquisa não teve acesso a esse número.

- "Ruhlos!", de A. Max Feddersen (Blumenau), p. 159.

Almanaque Wille Kalender (AW) - Otto Wille, Blumenau, SC.

- 1954 - "Drei Worte", de Josef Bennerse, p. 195;
 - "Dort, wo der Uruguay...", de Pater H. Sebastian Rademaker, p. 270;
 - "Heimweh", de Luiz Rischbieter, p. 289.
- 1955 - "Der Träumer", de Clara Schünemann-Kruyskamp, p. 238;
- 1956 - "Gleichnis", anônimo, p. 92;
 - "Rückblick", anônimo, p. 94;
 - "Blumenau", de Luiz Rischbieter, p. 158;
- 1957 - "Möge das Neue Jahr...", de Sokrates Daffke, p. 124;
 - "Ihr erster Kuss", de Otto Stange, p. 268;
 - "Der Wildbach", de Luiz Rischbieter, p. 289;
- 1958 - "Wie uns' Groossvater zu sein' Frau kam", de Luiz Rischbieter, p. 44;
 - "Der schlaue Esel", anônimo, p. 130;
 - "Die verschwundene Brille", de Otto Stange, p. 186;
 - "Paraná - Tu minha Terra", de Luiz Rischbieter, p. 214;
- 1959 - "Die Waisenhauskinder", de Julius Berstl, p. 59;
 - "Eifersucht", de Fritz Döring, p. 154;
- 1960 - "Am Teefeld", de Hans Bethge, p. 41;
 - "Das Lied der Verbannten", de Rudolf Damm, p. 108;
 - "Meine Mutter", de Rudolf Damm, p. 110;
 - "Mein Vaterhaus", de Rudolf Damm, p. 110;
 - "Knecht Rupprecht", de Theodor Storm, p. 118;
 - "Die Glocken von Speyer", de Georg Martell, p. 148;
- 1961 -
- 1962 - "Aufgegeben", anônimo, p. 54;
- 1963 -
- 1964 - "Jahreswende", anônimo, p. 33;
 - "Widmung", de Hermann Walter, p. 34;
 - "Die Abenteurer", de Hermann Walter, p. 37;
 - "Die Pioniere", de Rudolf Damm, p. 76;
 - "O Deutschland, Herrliches Vaterland", de Paul Aldinger, p. 126;

- "Auf der Reeperbahn Nachts um Halb eins", de Ralph Arthur Roberts, p. 190;
- 1965 - "Sinnsprüche", de ^a Opper, p. 73;
- "Lili Marlen", de Hans Leip, p. 78;

Blumenau's illustrierter Familien-Kalender (FK) - Typographia Baumgarten, Blumenau,

- 1914 - "Rat des Vaters an seinen Sohn", de Julius Sturm, p. 29;
- "An die sprache meiner Altern", de Adolf Altherr, p. 42;
- "Schwäche", de Adolf Altherr, p. 42;
- "An die Verläumder", de Adolf Altherr, p. 42;
- "Jugend", de Adolf Altherr, p. 42;
- "Anschuld", de Adolf Altherr, p. 42;
- "Abschied von Blumenau", de Adolf Altherr, p. 43;
- "Weihnacht!", de J. Mabeleine Schulze, p. 62;
- "Der Weltschöpfer", de Theodor Köener, p. 62;
- "Zwei Freunde", anônimo, p. 62;
- "Ein Schul-Examen", de L. Menzel, p.124;
- "Reinlichkeit", de Hoffmann Fallersleben, p. 124.

Der Urwaldsbote (DU)- Kalender für die Deutschen in Südbrasilien - herausgegeben zum 50 jährigen Bestehen der Kolonie Blumenau, Blumenau, SC

- 1900 - "Der Kolonist", de D.M., p. 41;
- "Sehnsucht", de D.M., p. 46;
- "Dem Kaiser! ", de D.M., p.52;
- "Alldeutsch", de D.M., p. 65;
- "Desterro", de D.M., p. 89;
- "Erntedank", de Adolf Stöber, p. 96;
- "Väterlicher Rat", de D.M., p. 139;
- "Der Itajahy", de D.M., p. 140;
- "Turnergruß", de D.M., p. 140;
- "Lob Brasiliens", anônimo, p. 165;
- "Der Gast", de D.M., p. 166;
- "Joinville", de D.M., p. 168;
- "Fastnacht in Curityba", de D.M., p. 169.

Der Volks-Bote Kalender für Deutschen in Sta. Catarina

(VB) - C. W. Boehm, Joinville, SC.

- 1902 - "Das Vaterlandes Ehre", de Ida Knoll, p. 105;
- "Teutobrasilianer", de Georg Knoll, p. 106;
- "Erinnerung", de Georg Knoll, p. 125.
- 1903 - "Freundschaft", de Friedrich Bodenstedt, p. 46;
- "Lebensweisheit", de Friedrich Bodenstedt, p.64;
- "Goldene Worte", de Friedrich Bodenstedt, p. 64.

Landwirtschaftlicher Kalender für Land und Gartenbesitzer in Brasilien

(LK)- Typographia Mercúrio, Brusque, SC.

- 1930 - "Neun Schneider", anônimo, p. 70.
- 1932 -
- 1938 - "Der Landmann (Aus dem Teuton)", de Ernest Niemeyer, p. 68;
- "Bauer Sein", de Joseph Lang, p. 114;
- "Die erste Hütte", de Ernest Niemeyer, p. 118;
- "Feldbau", de Ernest Niemeyer, p. 125;
- "Regen", de Ernest Niemeyer, p. 154;
- "Das Siedlers Lied", de Ernest Niemeyer, p. 241;
- "Deutsch sein heisst gut sein", de Maria Kahle, p. 275;
- "Unser Deutsch sein", de E. Hirsh, p. 276.

Catharinenser Herz-Jesu-Kalender (CH) - Brusque, SC.

- 1931 -
- 1932 - "Der Spötter", de M.J. Gansweidt, p. 65;
- "Erinnerungen", de M.J. Gansweidt, p. 72;
- "Luzifer und die Mode", de Ferdinand Knoll, p. 170;

Boettgers Arznei Kalender (BA) - Brusque, SC.

- 1932 - "Lobgesang", de Boettgers Präparate, p. 41.

Jahrbuch für die deutschsprechende Bevölkerung von Südamerika - (JD)

Typographia Brusquense.

Brasilianischer Volks-Kalender (VK)- Dirigido por W. Henrique

Brandenburger, RJ, distribuição Livraria Internacional A Ponte, Florianópolis.

- 1949 - "Mein Vaterhaus", de Rudolf Damm, p. 7;
- "Farbenspiel", de Ernest Niemeyer, p. 68.
- 1950 - "Guter Rat", de Victor Schleiff, p. 136.

Deutsch Brasilianischer Volks-Kalender - (DB) Hoffmann, Florianópolis, SC.

- 1959 - "Heiliger Frühling", de A. Hoffmann, p. 52;
- 1960 - "Fuhrmann's Lied", de Franz Reichwald, p. 188;
- 1961 - "Guter Rat", (Verfasser unbenannt), p. 67;
- 1963 - "Das Deutsche Frauenschiff - 1850", de Karl Fouquet, pg. 141.
- 1964 -
- 1965 - "Zum 25. Juli, Tag der Einwanderung", de Gertrudes Gross-Hering, p. 270;

Brasilianischer Heimat-Kalender - (BH) Livraria Internacional A Ponte,
Florianópolis, SC.

- 1966 - "Mein Vaterhaus", de Rudolf Damm, pg. 7;
- "Blumenau", de Maria Kahle, p. 23;
- "Zum 25. Juli", de Gertrudes Gross-Hering, p. 76;
- "Guter Rat", de Victor Schleiff, p. 156;

Catharinenser Jahrbuch - (CJ) Livraria Cysne, Florianópolis,

por Mathias Müllern.

- 1921 - "Wie Jan Bart die Blockade brach", de Otto Ernest, p. 47;

Kalender für die Deutschen in Brasilien - (DK) Editora Rotermund e Co., São Leopoldo.

- 1897 -
- 1899 -
- 1901 - "Seetiere", de Fritz Müller, p. 78.
- 1906 -
- 1910 -
- 1912 - "Deutschbrasilianisch", de Georg Knoll, p. 261.

- 1915 - "Neujahrslied", de Ernest Niemeyer, na contracapa;
- "Wunsch", de Ernest Niemeyer, p. 3;
 - "Mein Vaterhaus", de Rudolf Damm, p. 36;
 - "Die Pioniere", de Rudolf Damm, p. 46;
 - "Verbot'ner Blaß für Schuttablagerung", de Ernest Niemeyer, p. 122;
 - "Dem Weibe", de Ernest Niemeyer, p. 122;
 - "Serenata", de Ernest Niemeyer, p. 136;
- 1916 - "Schicksal", de Maria Kahle, p. 202;
- "Der Heimat fern in Deutschlands schwerster Zeit", de Paul Aldinger, p. 206.
- 1917 - "Zum 1. Januar 1917", de Maria Kahle, na contracapa;
- "Träumerei", de Maria Kahle, p. 36;
 - "Und doch, ich kann es nicht vergessen...", de Maria Kahle, p. 37;
 - "Unsre Kinder sollen ausrecht stehen...", de Maria Kahle, p. 37;
 - "Ich grüße dich, du deutscher Rhein!", de Maria Kahle, p. 37;
 - Ensaio "Teutonen-Literatur", de Ernest Niemeyer, p. 140;
 - "Zweite Heimat", de Maria Kahle, p. 222;
 - "Abendfriede", de Maria Kahle, p. 308.
- 1918 - Biografia de Rudolf Damm, p. 35;
- "An Maria Kahle" de Paul Aldinger, p. 320.
- 1920 - "Luther in Brasilien - Zum 400-Jährigen Reformationsjubiläum",
de Paul Aldinger, p. 99;
- 1921 - "Der Schwarzesee", de Gorge Knoll, p. 269.
- 1922 - "Die gute Saat", de Georg Knoll, p. 35;
- "Heimweh", de Ernest Niemeyer, p. 281.
- 1923 - "Das Glück", de Georg Knoll, p. 86;
- "Im Hochland", de Georg Knoll, p. 295.
- 1924 - "Tangará", de Georg Knoll, p. 89;
- "Dem Exefutor", de Ferdinand Knoll, p. 171;
 - "Stolz", de Wolfgang Ammon, p. 192;
 - "Am Ziel", de Wolfgang Ammon, p. 225;
 - "Guter Rat", de Wolfgang Ammon, p. 233;
 - "Mein Glaube", de Emma Deeke, p. 287.
- 1925 - "Die letzte Tür", de Wolfgang Ammon, p. 46;

- "Spruch", de Wolfgang Ammon, p. 46;
- "Licht und Schatten", de Wolfgang Ammon, p. 143.
- 1926 - "Das Weib", de Ernest Niemeyer, p. 125.
- 1927 - "Funfzig Jahre!", de Ernest Niemeyer, na contracapa;
 - "Zuflucht" de Wolfgang Ammon, p. 64;
 - "Am Wasserfall", de Georg Knoll, p. 64.
- 1928 - "Der Flaggenberg", de Ernest Niemeyer, p. 56;
 - "Erinnerung", de Georg Knoll, p. 97;
 - "Orangental", de Georg Knoll, p. 97;
 - "Schwieriger Fall", de Ernest Niemeyer, p. 117;
 - "Wesen der Liebe", de Ernest Niemeyer, p. 117;
 - "Flammende Farben", de Ernest Niemeyer, p. 117;
 - "Junge Liebe", de Ernest Niemeyer, p. 122;
 - "Denke Stets", de Ernest Niemeyer, p. 128;
 - "Wenn Liebe trägt", de Ernest Niemeyer, p. 160.
- 1929 - "Neujahr!", de Georg Knoll, na contracapa;
 - "Im Sonnenlicht", de Ernest Niemeyer, p. 79;
 - "Meister-Ehre", de Ernest Niemeyer, p. 108;
 - "Der Urwaldriese", de Georg Knoll, p. 159;
 - "Märchen", de Ernest Niemeyer, p. 158.
- 1930 - "Das ewige Lied", de Wolfgang Ammon, p. 38;
 - "Wie viel dir blieb", de Wolfgang Ammon, p. 82;
 - "Kraft ist Wille", de Ernest Niemeyer, p. 91.
- 1931 - "Jubiläum der Rotermund-Kalender", de Ernest Niemeyer, na contracapa;
 - Biografia de Ernest Niemeyer, p. 60;
 - "Wer lüggt?", de Victor Schleiff, p. 135.
- 1932 -
- 1933 - "Am Wasserfall", de Georg Knoll, p. 43.
- 1934 - "Lust und Leid", de Wolfgang Ammon, p. 41;
 - "Andacht", de Wolfgang Ammon, p. 44;
 - "Amselschlag", de Georg Knoll, p. 99.
- 1935 - Biografia "Jahrhunderttag einer deutschbrasilianischen Dichterin", p. 61;
 - "In Nord und Süd", de Ida Knoll, p. 62;

- "Heimweh", de Ida Knoll, p. 64;
- "Treue Liebe", de Ida Knoll, p. ;
- 1936 - "Hymne des Deutschbrasilianers", de Wolfgang Ammon, p. 97;
- "Hochlandstimmung", de Wolfgang Ammon, p. 116;
- 1937 - "Begegnung", de F. Weber, Blumenau, p. 93;
- 1938 - "Jahreswende", de Christiane Deeke Barreto, p. 28;
- "Das Lied aus der Ferne", de Wolfgang Ammon, p. 43;
- "Dem Deutschen in der Fremde", de Ernest Niemeyer, p. 46;
- 1939 - "Neujahr!", de Georg Knoll, p. 28;
- "Heimat", de Maria Kahle, p. 34;
- "Ein tapferes Herz", de Wolfgang Ammon, p. 38;
- "Weihnachten in der Einöde", de Georg Knoll, p. 57;
- "Segen", de Wolfgang Ammon, p. 59;
- "Höchste Ordnung", de Ernest Niemeyer, p. 64;
- "Stille Stunde", de Maria Kahle, p. 113;
- "Heim und Herd", de Ernest Niemeyer, p. 144;
- 1940 - "Cruzeiro", de Georg Knoll escrito em português, p. 49;
- "Ostern", de Gerog Knoll, p. 102;
- 1941 - "São Bento", de R. Hānicke, p. 108.

Lehrer-Kalender - (KL) Merk und Taschenbuch für Lehrer an deutschen Schulen in Brasilien - Editora Rotermund & Co., São Leopoldo, RS.

1931 -

Koseritz Deutscher Volkskalender - (KV) Gundlach & Co, Porto Alegre, RS.

1889 -

1926 -

1927 -

1933 -

1934 -

1935 - "Lebengenuß", de Wolfgang Ammon, p.143;

- "Freude na der Gegenwart", de Wolfgang Ammon, p.144.

1938 - "Sabiá und Bem-te-vi", de Wofgang Ammon, p. 77;

- "Wünschen und Wollen", de Wolfgang Ammon, p. 77;
- "Leichteres Fragen", de Wolfgang Ammon, p. 93;
- "Bereit Sein", de Wolfgang Ammon, p. 236.

Der Familienfreund Katholischer Hauskalender - (FF) Hugo Metzler, Porto Alegre, RS.

1916 -

Musterreiter's neuer Historischerkalender - (MN) Cälar Reinhardt, Porto Alegre, RS.

1918 -

Serra-Post Kalender - (SP) Ulrich Löw, Ijuí, RS.

- 1924 - "Zweite Heimat", de Maria Kahle, p. 30;
- "Heil dir, Leben", de Ernest Niemeyer, p. 86;
 - "Glockentöne", de Ernest Niemeyer, p. 120;
 - "Gaucht-Lied", de Ernest Niemeyer, p. 182;
- 1927 - "Ein Kirchlein unter Palmen", de Ernest Niemeyer, p. 32;
- "Der letzte Gruß", de Ernest Niemeyer, p. 152;
- 1929 - "Feldbau", de Ernest Niemeyer, p. 42;
- "Blüten des Wesens", de Ernest Niemeyer, p. 57;
 - "Blut und Sinn", de Ernest Niemeyer, p. 184;
- 1930 - "Das Kenschherz", de Ernest Niemeyer, p. 60;
- "Runen", de Ernest Niemeyer, p. 77;
 - "Die Hand", de Ernest Niemeyer, p. 85;
 - "Schrift", de Ernest Niemeyer, p. 134;
- 1933 - "Gottesdienst", de Ernest Niemeyer, p. 30;
- "Jaguar und Palme", de Georg Knoll, p. 61;
 - "Der rastlose Mensch", de Ernest Niemeyer, p. 102;
 - "Ein eigenes Wesen", de Ernest Niemeyer, p. 156;
- 1934 - "Tangará", de Georg Knoll, p. 48;
- "Zufriedenheit", de Ernest Niemeyer, p. 119;
- 1935 - "Das alte Lied", de Georg Knoll, p. 58;
- "Am Meer", de Ernest Niemeyer, p. 60;
 - "Zuflucht", de Wolfgang Ammon, p. 110;

- "Erkenntnis", de Wolfgang Ammon, p. 174;
- "Sei zufrieden", de Wolfgang Ammon, p. 189;
- 1937 -
- 1938 - "Zweifel", de Wolfgang Ammon, p. 220;
- "Stark sein", de Wolfgang Ammon, p. 220;
- "Warten und... verpassen", de Wolfgang Ammon, p. 220;
- 1939 - "Im Urwald schlummert noch das große Lied", de Maria Kahle, p. 88;
- 1941 -
- 1948 - "Absits", de Theodor Storm, p. 69;
- "Wenn mir unterm Fiedelbogen", de Theodor Storm, p. 69;
- 1949 -
- 1950 - "Wirkende Natur", de Karl Fouquet, p. 44;
- "An das Meer", de Ernest Niemeyer, p. 106;
- "Die Huegel", de Ernest Niemeyer, p. 107;
- "Merk-Wort", de Ernest Niemeyer, p. 107;
- "Der Gaucho", de Ernest Niemeyer, p. 108;
- "Heimatboden", de Karl Fouquet, p. 174;
- 1951 - "Am Grabenrand", de Karl Fouquet, p. 66;
- 1952 -
- 1953 - "Goldakazie", de Maria Kahle, p. 61;
- 1954 - "Lang war die Reise...", de Ernest Niemeyer, p. 47.
- 1955 - "Der Einwanderer", de Grete Busse-Scheltzke, p. 51;
- 1956 - "Das Kaetzchen und das Leben", de Grete Busse-Scheltzke, p. 47;
- "Glueck und Unglueck in uns selbst", de Wolfgang Ammon, p. 59;
- "Die Einwanderer im Urwald", de Grete Busse-Scheltzke, p. 245;
- 1957 -
- 1958 - "Wiegenlied", de Grete Busse-Scheltzke, p. 183;
- 1959 -
- 1960 - "Solang", de Juanita Schmalenberg Bezner, p. 137.
- 1961 - "Das Leben", de Karl Fouquet, p. 31;
- "Ungerufen", de Karl Fouquet, p. 31;
- "Neues Land", de Karl Fouquet, p. 31;
- "Der erste Reim", de Karl Fouquet, p. 31;

- "Nutze! ", de Karl Fouquet, p. 89;
- "Tagebuch", de Karl Fouquet, p. 100;
- "Der Leuchtkäfer", de Karl Fouquet, p. 119;
- "Deutsche Siedlung", de Juanita Schmalenberg Bezner, p. 143;
- "Binkende Jahre", de Karl Fouquet, p. 207;
- "Weggenossen", de Karl Fouquet, p. 215;
- 1962 - "Heinrich der Seefahrer", de Karl Fouquet, p. 105;
- "Mahnung", de Juanita Schmalenberg Bezner, p. 189;
- "Gaúcho-Lied", de Ernest Niemeyer, p. 219;
- 1963 - "Sorgen...?", de Wolfgang Ammon, p. 59;
- "Licht und Schatten, de Wolfgang Ammon, p. 72;
- "Blumenau Erinnerungen", de Karl Fouquet, p. 153;
- "Ilsebill", de Karl Fouquet, p. 191;
- 1964 - "Das Frauenschiff", de Karl Fouquet, p. 183;
- 1965 -
- 1966 - "Merk-Wort", de Ernest Niemeyer, p. 55;
- 1967 -
- 1969 -
- 1970 - "Am Urwald", de Karl Fouquet, p. 83;
- 1971 - "Beichete", de Karl Fouquet, p. 243;
- 1972 - "Camões", de Karl Fouquet, p. 51;
- 1973 - "Bei Bertioga", de Karl Fouquet, p. 85;

Neue Heimat - (NH) Max Roesner & Filhos, Curitiba.

- 1934 - "Montag-Stimmung", de Wolfgang Ammon, p. 5;
- "Fruehling", de Wolfgang Ammon, p. 7;
- "Fuehrer im Menschenstaat", de Wolfgang Ammon, p. 9;
- "Menschenform", de Ernest Niemeyer, p. 11;
- "Unsichtabare Kette", de Ernest Niemeyer, p. 13;
- "Rosen-Sehnsucht", de Ernest Niemeyer, p. 15;
- "Kraft ist Wille", de Ernest Niemeyer, p. 17;
- "Singe Vom Guten", de Ernest Niemeyer, p. 19;
- "Seelen-Juwelen", de Ernest Niemeyer, p. 21;

- "Erfolg", de Ernest Niemeyer, p. 23;
- "Zufriedenheit", de Ernest Niemeyer, p. 25;
- "Ich-Bewusstsein", de Wolfgang Ammon, p. 27;
- "Wiedersehen", de Ernest Niemeyer, p. 48;
- "Heimweh", de Ernest Niemeyer, p. 80;
- "Ein Urquell Nurr", de Ernest Niemeyer, p. 81;
- Biografia de Ernest Niemeyer, p. 123;
- "Huldigung na Deutschland", de Ernest Niemeyer, p. 126;
- "Segen", de Wolfgang Ammon, p. 148;
- "Beim Neuen Jahre", de Ernesty Niemeyer, p. 163;
- "Altar im Walde", de Ernest Niemeyer, p. 164;
- "Die Puhstatt", de Ernest Niemeyer, p. 164;
- "Am Wasserfall", de Ernest Niemeyer, p. 171;
- "Schoepferlust", de Ernest Niemeyer, p. 176.

Uhle's illustrierter deutsch-brasilianischer Familien-Kalender - A. Otto Uhle,

RJ/PR/SP, Impressora Paranaense.

- 1913 - "Leben ist Lieben", de Ernest Niemeyer, p. 62;
 - "Junge Liebe", de Ernest Niemeyer, p. 63;
 - "Wenn Liebe trügt", de Ernest Niemeyer, p. 63;
 - "Das Ideal", de Ernest Niemeyer, p. 63;
- 1917 - "Wo donnernd brüllte der Kanonen Mund", de Ernest Niemeyer, p. 3;
 - "Abschied von der Heimat", de Maria Kahle, p. 70;
 - "Die Liebe", de Maria Kahle, p. 70;
 - "Das Indianergrab", de Ernest Niemeyer, p. 70;
 - "Glück", de Maria Kahle, p. 71;
 - "Allein im Wald", de Ernest Niemeyer, p. 71;
- 1918 - "Lebensklänge", de Maria Kahle, p. 84;
 - "An der Wiege", de Maria Kahle, p. 85;
 - "Der Held der Arbeit", de Ernest Niemeyer, p. 85;
- 1920 - "Die Schwester", de Ernest Niemeyer, p. 105;
 - "An Deutschlands Frauen", de Maria Kahle, p. 105;
- 1921 - "Der junge Fischer", de Ernest Niemeyer, p. 38;

- "Der letzte Gruß", de Georg Knoll, p. 120;
- 1923 - "Zwei Gedichte", de Wolfgang Ammon, p.104;
 - "Erinnerung", de Georg Knoll, p. 104;
 - "Weihnachten", de Georg Knoll, p.104;
 - "Tangará", de Georg Knoll, p. 104;
- 1924 -
- 1925 - "Am Amazonestrom", de Ernest Niemeyer, p. 202;
 - "Im Stillen Garten", de Georg Knoll, p. 203;
- 1926 - "Das Indianergrab", de Ernest Niemeyer, p. 161;
- 1927 -
- 1928 - "Sinnspruch", de Ernest Niemeyer, p. 44;
 - "Lasst nie das deutsche...", de Ernest Niemeyer, p. 314;
 - "Sinnsprüche", de Ernest Niemeyer, p. 316;
- 1929 - "Sprueche", de Ernest Niemeyer, p. 184;
- 1930 - "Lasst nie das deutsche... ", de Ernest Niemeyer, p. 10;
 - "Keinen Geist... ", de Ernest Niemeyer, p. 12;
 - "Schwieriger Fall", de Ernest Niemeyer, p. 273;
- 1931 - "Gedankensprüche", de Ernest Niemeyer, p. 109;
 - "Das ewige Lied", de Wolfgang Ammon, p. 227;
 - "Wie viel dir blieb", de Wolfgang Ammon, p. 227;
 - "Im Menschengedränge", de Wolfgang Ammon, p. 227;
 - "Frühlingszauber", de Wolfgang Ammon, p. 304;
 - "Du", de Wolfgang Ammon, p. 304;
 - "Erkenntnis", de Wolfgang Ammon, p. 304;
 - "Licht und Schatten", de Wolfgang Ammon, p. 304;
 - "Im Mondenschein", de Wolfgang Ammon, p. 304;
 - "Wirf ab", de Wolfgang Ammon, p. 304;
 - "Das schicksal", de Wolfgang Ammon, p. 304;
- 1932 - "Gedankensprüche", de Ernest Niemeyer, p. 194;
 - "Du bist mein! ", de Ernest Niemeyer, p. 301;
- 1933 - "Die richtige Brille", de Wolfgang Ammon, p. 193;
 - "Nur auf Zeit", de Wolfgang Ammon, p. 193;
 - "Ruhelos...? ", de Wolfgang Ammon, p. 308;

- "Lust und Leid", de Wolfgang Ammon, p. 308;
- "Sorgen", de Wolfgang Ammon, p. 321;
- 1935 - "Lebensgenuss", de Wolfgang Ammon, p. 45;
- "Erkenntnis", de Wolfgang Ammon, p. 45;
- "Der See", de Wolfgang Ammon, p. 332;
- "Zuflucht", de Wolfgang Ammon, p. 332;
- 1938 - "Stark sein", de Wolfgang Ammon, p. 94;
- 1939 - "Herzengüte", de Ernest Niemeyer, p. 100;
- "Hat das Leben einen Sinn...? ", de Wolfgang Ammon, p. 156;
- "Die Meisterin", de Ernest Niemeyer, p. 226;
- "Des Siedlers Lied", de Ernest Niemeyer, p. 303;
- "Wünschen und Wollen", de Wolfgang Ammon, p. 378;
- 1940 - "Die Heilige Kraft", de Ernest Niemeyer, p. 22;
- 1941 - "Loblied auf Brasilien", de Ernest Niemeyer, p. 103;
- "Die Palmite", de Ernest Niemeyer, p. 113;
- "Dem Siedler", de Ernest Niemeyer, p. 231;

Volk und Heimat - (VH) Editora Deutscher Morgen, São Paulo, SP.

- 1935 - "Deutschland", de Maria Kahle, p. 121;
- "Ostlanddeutsche", de Maria Kahle, p. 150;
- "Mondnacht", de Maria kahle, p. 194;
- "Sankt-Amaro-See", de Maria Kahle, p. 222.
- 1938 - "Tage und Jahre", de Ernest Niemeyer, p. 82;
- "Des Siedlers Lied", de Ernest Niemeyer, p. 294;
- "Heil uns'rer Jugend", de Ernest Niemeyer, p. 295.
- 1939 - "Farbenspiel", de Ernest Niemeyer, p. 162;
- "Die Wanderer", de Ernest Niemeyer, p. 237;
- "Muttersprache", de Maria Kahle, p. 238.

Illustrierter Kalender für Brasilien - (IK) Editora Panambi, RJ, RJ.

- 1948 -

Kalender für Südamerika - (KS) Im Dürer, Buenos Aires, Argentina.

1948 -

1949 -

1950 -

1951 -

1952 - "Muttersprache", de Maria Kahle, p. 106.

1953 -

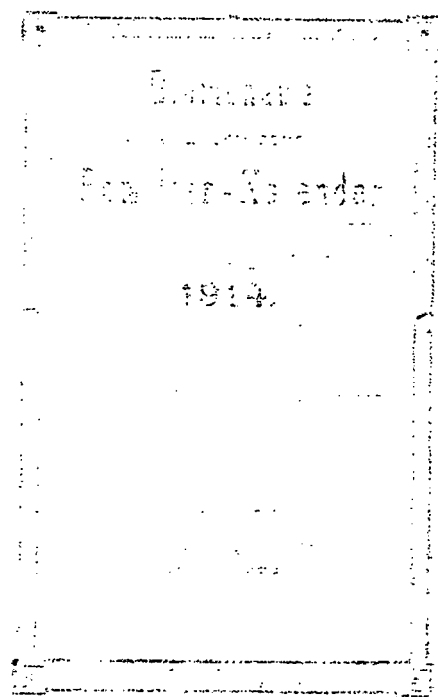
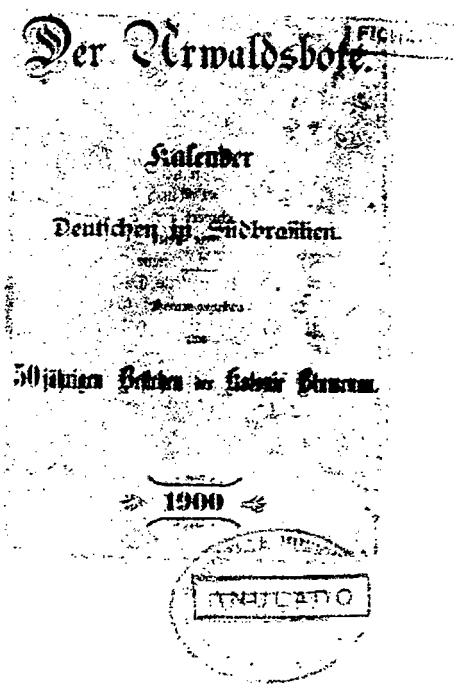
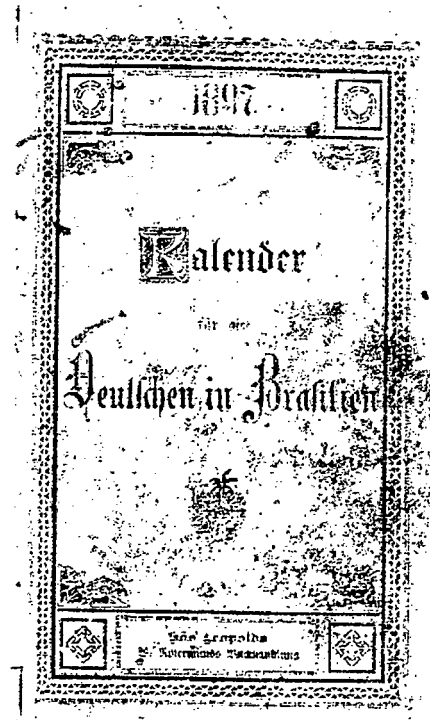
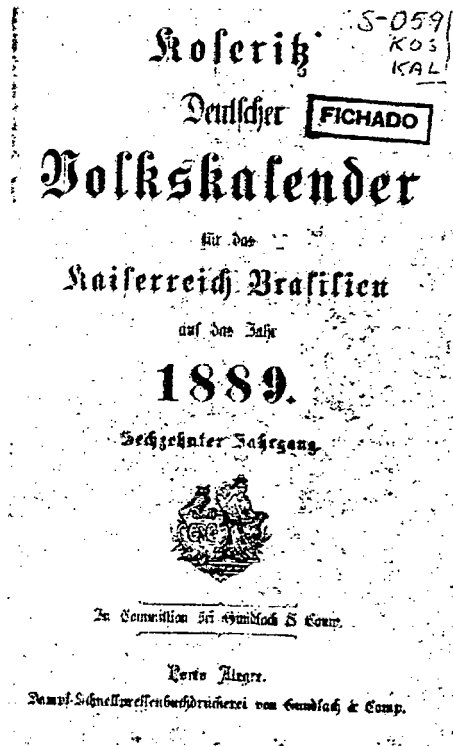
1954 -

1955 - "Ostlanddeutsche", de Maria Kahle, p. 40.

1956 -

1957 -

Figura 1 – Exemplo de Algumas Capas dos “Kalender”



A partir deste conjunto de poemas disponíveis, devemos operar ainda com outros critérios de seleção, visto a imensa dificuldade de se proceder à análise literária de todos os 390 poemas listados. Devemos, pois, destes, eleger alguns de maior representatividade, preterir uns autores em favor de outros. E é exatamente nesse ponto que as escolhas tornam-se cada vez mais subjetivas, mas, como veremos, não impossíveis, se construídas sobre reflexão comparativa entre vários critérios enumerativos.

O primeiro e aparentemente mais grosseiro critério é o quantitativo, que apesar das limitações pode sugerir um ponto de partida. A lógica deste critério pode ser expressa no seguinte silogismo: se, imerso em um mesmo círculo literário, um autor publicou mais poemas que outro, então o primeiro deve ter maior importância que o segundo para esta literatura. Mesmo falso, observemos esse critério a partir de uma listagem dos autores escolhidos como pertencentes ao recorte proposto e suas publicações nos 158 "Kalender" disponíveis no arquivo histórico José Ferreira da Silva, apresentado na Tabela 4:

Tabela 4 – Poetas Ligados ao Vale do Itajaí Publicados nos “Kalender”⁷⁵

Adolf Altherr – FK1914/42; FK1914/42; FK1914/42; FK1914/42; FK1914/42;
 FK1914/43;
 Adolf Stöber – DU1900/96;
 A. Opper - AW1965/73;
 A. Hoffmann - DB1959/52;
 Albert Ax – BV1934/193;
 A. Max Feddersen – KD1953/159;
 Arnaldo Prohmann – BV1934/195;
 Boettgers Präparate – BAI932/41;
 Christiane Deeke Barreto - DK1938/28;
 Clara Schünemann-Kruyskamp - AW1955/238;
 D. M. – DU1900/41; DU1900/46; DU1900/52; DU1900/65; DU1900/89;
 DU1900/139; DU1900/140; DU1900/166; DU1900/168; DU1900/169;
 E. Hirsh – LK1938/276;
 Ehrhard Messmer – BV1936/119;
 Emma Deeke – DK1924/287;
 Ernest Niemeyer - KD1938/258; LK1938/68; LK1938/118; LK1938/125;
 K1938/154; LK1938/241; VK1949/68; DK1915/0; DK1915/3; DK1915/122;
 DK1915/122; DK1915/136; DK1922/281; DK1926/125; DK1927/0; DK1928/56;
 DK1928/117; DK1928/117; DK1928/117; DK1928/122; DK1928/128; DK1928/160;
 DK1929/79; DK1929/108; DK1929/158; DK1930/91; DK1931/0; DK1938/46;
 DK1939/64; DK1939/144; NH1934/11; NH1934/13; NH1934/15; NH1934/17;
 NH1934/19; NH1934/21; NH1934/23; NH1934/25; NH1934/48; NH1934/80;
 NH1934/81; NH1934/126; NH1934/163; NH1934/164; NH1934/164; NH1934/171;
 NH1934/176; VH1938/82; VH1938/294; VH1938/295; VH1939/162; VH1939/237;
 SP1924/86; SP1924/120; SP1924/182; SP1927/32; SP1927/152; SP1929/42;
 SP1929/57; SP1929/184; SP1930/60; SP1930/77; SP1930/85; SP1930/134;
 SP1933/30; SP1933/102; SP1933/156; SP1934/119; SP1935/60; SP1950/106;
 SP1950/107; SP1950/107; SP1950/108; SP1062/219; SP1966/55; UI1913/62;

⁷⁵ Após o nome do autor segue uma sigla que contém duas letras iniciais representando a coleção do "Kalender", seguido de quatro dígitos que indica seu ano de publicação, e, após a barra, os últimos dígitos contêm a página onde o poema se encontra.

UI1913/63; UI1913/63; UI1913/63; UI1917/70; UI1917/71; UI1918/85; UI1920/105;
 UI1921/38; UI1925/202; UI1926/161; UI1928/44; UI1928/314; UI1928/316;
 UI1929/184; UI1930/10; UI1930/12; UI1930/273; UI1931/109; UI1931/194;
 UI1932/301; UI1939/100; UI1939/226; UI1939/303; UI1940/22; UI1941/103;
 UI1941/113; UI1941/231;

Ferdinand Knoll – DK1924/171; CH1932/170;

Franz Reichwald - DB1960/188;

Friedrich Bodenstedt – VB1903/46; VB1903/64; VB1903/64;

Fritz Döring - AW1959/154;

Fritz Müller – DK1901/78;

Fr. Stork – BV1936/218;

F. Weber – DK1937/93;

Georg Knoll – VB1902/106; VB1902/125; DK1912/261; DK1921/269;
 DK1922/35; DK1923/86; DK1923/295; DK1027/64; DK1928/97; DK1928/97;
 DK1929/0; DK1929/159; DK1933/43; DK1934/99; DK1939/28; DK1939/57;
 K1940/102; SP1933/61; SP1934/48; SP1935/58; UI1921/120; UI1923/104;
 UI1923/104; UI1924/104; UI1925/203;

Georg Martell - AW1960/148;

Georg Zimmermann – BV1936/217;

Gertrudes Gross-Hering – BH1966/76; DB1965/270;

Grete Busse-Scheltzke - SP1955/51; SP1956/47; SP1956/245; SP1958/183;

H. Sebastian Rademaker – KD1952/128; KD1952/136; AW1954/270;

Hans Bethge - AW1960/41;

Hans Leip - AW1965/78;

Heinz Georg Maria – DK1952/126;

H. Engelbach – KD1935/32;

Hermann Walter - AW1964/34; AW1964/37;

Hoffmann Fallersleben – FK1914/??

Ida Knoll – VB1902/105; DK1935/62; DK1935/64; DK1935/64;

J. Mabeleine Schulze – FK1914/62;

Johannes Arnoldt – BV1937/148;

José Maria Jacobs – KD1952/144;

Josef Bennersch - AW1954/195;

Joseph Lang – LK1938/114;

Juanita Schmalenberg **Bezner** - SP1961/143; SP1962/189

Julius Berstl - AW1959/59;

Julius Sturm –FK1914/29;

Karl Fouquet – DB1963/141; SP1950/44; SP1950/174; SP1951/66; SP1961/31;
 SP1961/31; SP1961/31; SP1961/31; SP1961/89; SP1961/100; SP1961/119;
 SP1961/207; SP1961/215; SP1962/105; SP1963/153; SP1063/191; SP1063/191;
 SP1964/183; SP1970/83; SP1971/243; SP1972/51; SP1973/85;

Konrad Ries – KDI934/32;

L. Menzel – FK1914/124;

Luiz Rischbieter - AW1954/289; AW1956/158; AW1957/289; AW1958/44; AW1958/214;

Maria Kahle – BV1935/42; LK1938/175; BH1966/23; DK1916/202; DK1917/0;
 DK1917/36; DK1917/36; DK1917/36; DK1917/37; DK1917/222; DK1917/308;
 DK1939/34; DK1939/113; VH1936/121; VH1936/150; VH1936/194; VH1936/222;
 VH1939/238; KS1952/106; KS1955/40; SP1924/30; SP1939/88; SP1953/61;
 UI1917/3; UI1917/70; UI1917/70; UI1917/71; UI1918/84; UI1918/85; UI1920/105;

M. J. Ganweidt - CHI932/65; CH1932/72;

Otto Adolf Rohel – BV1933/270; BV1933/270; BV1933/270; BV1933/270;

Otto Ernst - CJ1921/47;

Otto Stange - AW1957/268; AW1958/186;

Paul Aldinger – DK1916/206; DK1918/320; DK1920/99; AW1964/126;

Paul Hense – BV1936/217;

Ralph Arthur Roberts - AW1964/190;

R.H. – BV1934/1;

R. Hänicke – DK19

Rudolf Damm – VK1949/7; BH1966/7; DK1915/36; DK1915/46; AW1964/76;
 AW1960/108; AW1060/110; AW1960/110;

Selma Jungbauer – BV1933/35; BV1937/179; BV1937/179;

Sokrates Daffke - AW1957/124;

Theodor Köener – FK1914/62;

Theodor Storm - AW1960/118; SP1948/69;

Victor Schleiff – BV1933/223; BV1933/223; BV1933/224; BV1933/224;

BV1933/224; BV1933/225; KD1934/341; KD1934/343; KD1934/356; VK1950/136;
BH1966/156; DK1931/135; DB1961/67;

Werner Burdas – BV1935/167;

Wilhelm Schweitzer – BV1936/169;

Willy Kessel – BV1937/224;

Wolfgang Ammon – BV1935/113; BV1935/129; BV1934/129; BV1934/129;
BV1934/129; BV1934/131; BV1934/207; BV1936/133; BV1936/133; BV1936/133;
BV1936/133; DK1924/89; DK1924/192; DK1924/225; DK1924/233; DK1925/46;
DK1925/46; DK1925/143; DK1927/64; DK1930/38; DK1930/82; DK1934/41;
DK1934/44; DK1936/97; DK1936/116; DK1938/43; DK1939/38; DK1939/59;
KV1935/143; KV1935/144; KV1938/77; KV1938/77; V1938/93; KV1938/236;
NH1934/5; NH1934/7; NH1934/9; NH1934/27; NH1934/148; SP1935/110;
SP1935/174; SP1935/189; SP1938/220; SP1938/220; SP1938/220; SP1956/59;
SP1963/59; SP1063/72; UI1923/104; UI1931/227; UI1931/227; UI1931/227;
UI1931/304; UI1931/304; UI1931/304; UI1931/304; UI1931/304; UI1931/304;
UI1931/304; UI1933/193; UI1933/193; UI1933/308; UI1933/308; UI1933/321;
UI1935/45; UI1935/45; UI1935/332; UI1935/332; UI1938/94; UI1939/156;
UI1939/378;

Essa lista de 67 autores, recolhidos conforme os critérios expostos acima, é incompleta, pois não resta dúvida que nos volumes faltantes foram publicados tanto outros poemas destes autores, como outros poetas lá publicaram. Além disso, certamente há os que discordam da inclusão de alguns autores, talvez mais pronunciadamente a de Maria Kahle, e em menor discordância para o joinvillense Ernest Niemeyer, a esse *corpus* literário, outros ainda reclamarão a falta de determinado autor.

Voltando ao critério quantitativo, no intuito de selecionar um grupo de autores mais significativos do universo deste *corpus*, se arbitrarmos um limite mínimo de, por exemplo, oito poemas publicados nos volumes disponíveis, a partir dos quais o autor obtivesse "ingresso" no seletivo grupo antologado, teríamos selecionados os seguintes poetas: D.M., Ernest Niemeyer, Georg Knoll, Karl Fouquet, Maria Kahle, Rudolf Damm, Victor Schleiff e Wolfgang Ammon. Destes, o incógnito D.M. (provavelmente o pseudônimo de um dos colaboradores), apesar dos dez poemas publicados, representa bem um dos aspectos deficientes do critério quantitativo para aferição de representatividade literária. Todos os seus poemas foram publicados no único título do **Der Urwaldsbote** - Kalender für die Deutschen in Südbrasilien - heraugegeben zum 50 jährigen Bestehen der Kolonie Blumenau, de 1900, de modo que não parece ter a mesma representatividade do que Ernest Niemeyer (103 poemas) e Wolfgang Ammon (71), que, publicados em vários desses anuários, parecem ser os autores mais consagrados desta literatura em idioma alemão. Este D.M., de biografia desconhecida, fica, portanto, para os fins deste trabalho, excluído dos autores antologados.

Temos então por enquanto, baseado no critério quantitativo, Ernest Niemeyer, Georg Knoll, Karl Fouquet, Maria Kahle, Rudolf Damm, Victor Schleiff e Wolfgang Ammon como os poetas que, conforme nossas conclusões, podem representar as zonas de colonização em Santa Catarina na produção poética publicada nos "Kalender". A partir desse grupo tentemos cruzar outros argumentos para certificarmos ou descartarmos estes autores.

Outro argumento de escolha de autores com maior expressão talvez seja aquele que compreenda a representatividade de determinado autor, em face dos comentários críticos que tenha recebido ou suscitado, em estudos literários e bibliográficos da época e posteriores. Tomando-se esta orientação, de imediato despontam três poetas, todos imigrantes que viveram e trabalharam em Blumenau, citados em praticamente toda incursão à literatura em

idioma alemão no Vale do Itajaí: Rudolf Damm, Victor Schleiff e Georg Knoll. Na obra *Livro do Centenário de Blumenau*, Frei João Capiastrano Binder, ao analisar os escritores em língua alemã da região de Blumenau, chama a atenção para o triunvirato: "*Entre os escritores blumenauenses de língua alemã cumpre assinalar, como poetas de real valor, os nomes de Rudolf Damm, Georg Knoll e Victor Schleiff.*"⁷⁶ Assim também compreende Valburga Huber em matéria jornalística: "*Em Blumenau destacam-se poetas como Victor Schleiff, Georg Knoll e Rudolf Damm...*"⁷⁷.

Rudolf Damm nasceu em Dresden, em 1858, e estudou filosofia em Munique. Impossibilitado de concluir seus estudos universitários tornou-se professor primário na Alemanha. Emigrou em 1888 e lecionou em Joinville e Florianópolis. Em Blumenau foi professor da Escola Nova, falecendo na cidade em 1915. No ensaio "Imprensa e Publicidade", o primeiro a fazer um levantamento dos escritores em língua alemã, Frei Capistrano se detém sobre a obra de Damm: "*Rudolf Damm foi escritor assíduo e bom poeta, especialmente feliz em suas traduções de poesias e outras obras literárias brasileiras. Não se trata apenas de versões tecnicamente perfeitas, mas de verdadeiras transposições literárias, como se vê, por ex., na tradução da Canção do Exílio, de Gonçalves Dias.*"⁷⁸ Também a historiadora Edith Kormann enfatiza a qualidade poética de Damm, considerando-o: "*um dos maiores nomes da literatura teuto-brasileira...*"⁷⁹. Elogiando-lhe também as qualidades de tradutor: "*Rudolf Damm foi um dos melhores tradutores dos nossos escritores românticos. Entre os romances traduziu para o alemão "Inocência", de Taunay; "Ubirajara", "Iracema" e outros de José de Alencar; "O Rebelde" de Inglês de Souza e muitos outros, publicando-os em folhetos e jornais. Na poesia, traduziu para o alemão, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Olavo Bilac, Fagundes Varela, Guerra Junqueira, e sua tradução da "A Canção do Exílio", de Gonçalves Dias, é uma obra de arte, tendo sido destaque em livros didáticos na Alemanha e em periódicos de língua alemã publicados no Brasil.*"⁸⁰ Porém já na segunda década do século vinte os poemas de Rudolf Damm foram alvo de apreciação crítica: "*A conhecida poetisa*

⁷⁶ BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau. Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 331.

⁷⁷ HUBER, Valburga. *Colonização - Joinville e sua produção literária em língua alemã*. Diário de Cultura, pg. 2, Diário Catarinense, 28 de outubro de 1995.

⁷⁸ BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau. Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 332.

⁷⁹ KORMANN, Edith. *Blumenau - arte, cultura e as histórias de sua gente*. Vol. III. Blumenau: da Autora, 1995, Blumenau, p. 23

⁸⁰ KORMANN, Edith. *Blumenau - arte, cultura e as histórias de sua gente*. Vol. III. Blumenau: da Autora, 1995, Blumenau, p. 24.

alemã Maria Kahle, de passagem por Blumenau, em 1917, ocupa-se demoradamente em apreciar o poeta, numa conferência sobre a poesia alemã no Brasil, publicada pelo (jornal) "Der Urwaldsbote".⁸¹

Rudolf Damm foi citado também por José Ferreira da Silva, quando, comparando-o a outro professor da Neue Schule, reitera suas as qualidades: "*Depois de Büchler, que era exímio matemático, vem Rudolf Damm, outro lente da "Escola Nova" e, sem dúvida, mais aprimorado que o primeiro, no trato dos idiomas alemão e português. Damm escreveu, também uma gramática portuguesa para os ensinamentos da colônia, "Lehrbuch der Portugiesische Sprache", publicado em 1901, na tipografia de H. Baumgarten. Mas, o grande mérito desse notável poeta foram as traduções de poesias dos mestres brasileiros. Fez magistrais traduções de Gonçalves Dias, Casemiro de Abreu, de Castro Alves e de outros. Traduziu, igualmente, e com perfeição vários romances de José de Alencar, alguns publicados em folhetins, ou rodapés, no "Blumenauer - Zeitung". As suas composições poéticas, originais, também são verdadeiras jóias literárias.*"⁸²

Damm era portanto um assíduo escritor na região de Blumenau e sua pequena publicação nos "Kalender" não parece representar sua importância para a literatura de imigração em Santa Catarina. Seus textos encontram-se principalmente na imprensa da época: "*Em 1909, o "Blumenauer Zeitung" começou a editar um suplemento dominical e uma ilustração mensal, "Heimat und Fremde", cujo principal colaborador foi Rudolf Damm, que traduzia obras de Alencar, Taunay e outros escritores brasileiros*"⁸³. Assim Damm tem, de maneira inequívoca, assento em qualquer incursão crítica a esta literatura, de modo que neste trabalho também nos deteremos sobre sua obra.

Victor Schleiff nasceu a três de março de 1869 em Damgarten – Alemanha, e como professor, a serviço do Imperador Wilhelm, dirigiu escolas na Alemanha, na Turquia (Constantinopla) e na Romênia. Emigrou para o Brasil em 1920 com esposa e filha, onde experimentou as agruras da vida de colono no interior do atual município de Rio dos Cedros,

⁸¹ BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau. Livro do Centenário de Blumenau.* Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 332.

⁸² FERREIRA DA SILVA, José. *História de Blumenau.* Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1988, p. 269.

⁸³ BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau. Livro do Centenário de Blumenau.* Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 321.

mas logo retornou a lecionar em Blumenau e São Paulo. De volta a Santa Catarina tornou-se redator do jornal “Der Urwaldsbote”, peregrinou por outras cidades até falecer de maneira humilde em Blumenau em 31 de agosto de 1953.

O poeta igualmente é mencionado em vários estudos sobre literatura, desde Frei Capistrano: "*Victor Schleiff, ex-redator do Der Urwaldsbote, residente em Salto-Weissbach, escreveu crônicas e contos apreciáveis, e belas poesias. - Nasceu na Alemanha, em 1869*".⁸⁴ a José Ferreira da Silva: "*Victor Schleiff, outro colaborador e depois redator do mencionado jornal, também deixou valiosa e variada contribuição ao movimento literário e regional. Suas poesias obedeciam à técnica impecável e eram sempre bem inspiradas*".⁸⁵ Também Edith Kormann atesta sua representatividade: "*Colaborador assíduo do “Der Urwaldsbote”, tornou-se depois redator do mesmo, deixando grande colaboração à literatura regional, principalmente nas poesias tecnicamente perfeitas, inspiradas...*"⁸⁶. Schleiff tem treze poemas recolhidos dos volumes disponíveis nos “Kalender”, porém, como Damm, sua produção poética é muito maior: além de traduções, escreveu vários textos teatrais e contos. No arquivo histórico José Ferreira da Silva encontram-se dezenas de poemas inéditos, escritos de próprio punho, além de três textos teatrais. Este autor também tem lugar garantido em estudos sobre esta literatura, e também será apreciado neste trabalho.

Georg Knoll nos é apresentado pelo Frei Capistrano da seguinte forma: "*...é natural de Cromberg, perto de Francfort sobre o Meno, onde veio à luz em 1861. Emigrou para o Brasil, pouco antes de 1880, onde se estabeleceu como colono. Encetou, porém, pouco depois, vida nômade de peregrinação pelo Estado. Aparece em Florianópolis e Lages, onde morou algum tempo no Painel, e teria lecionado, segundo informação oral, no Colégio São José, dos padres franciscanos, de Lajes. Em 1903 obteve licenciamento para a advocacia. Sua atividade literária data de 1884, como colaborador de vários jornais (Immigrant, Blumenauer Zeitung, Koloniezeitung, Deutsche Tat, Lageano, O Trabalho (nestes dois em português) e nos almanaques de Rotermund e Uhle. Escreveu principalmente contos e poesias... Apareceu em forma de livro o seu conto “Gesühnt” (Expição), vls. 19-21 da*

⁸⁴BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau. Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 332.

⁸⁵ FERREIRA DA SILVA, José. *História de Blumenau*. Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1988, p. 272.

⁸⁶ KORMANN, Edith. *Blumenau – arte, cultura e as histórias de sua gente*. Vol. III. Blumenau: da Autora, 1995, Blumenau. p. 43

Südamerikanische Literatur (Rotermund, São Leopoldo). Traduziu para o alemão obras de Alencar e Monteiro Lobato, e publicou-as nos folhetins de vários jornais. Morreu bem velho, depois de 1930, aparentando seu vulto vincos de profundo sentimento moral."⁸⁷ Knoll atuou na cidade de Blumenau como advogado, tendo publicado vários contos nos "Kalender" e também nos jornais, além de grande número de poemas, credenciando-se como legítimo representante de qualquer antologia da literatura escrita em alemão na região de Blumenau.

Esses três autores, Rudolf Damm, Victor Schleiff e Georg Knoll, pelo que se viu e baseado nos critérios expostos, não sugerem a menor dúvida sobre sua ativa participação literária em língua alemã no Vale do Itajaí, onde trabalharam por várias décadas e produziram suas obras, sendo considerados, pelos ensaios críticos disponíveis, como os maiores poetas em língua alemã da região de Blumenau. Os três se encontram sepultados na cidade.

Já Karl Fouquet, com 22 textos recolhidos neste trabalho, pode inicialmente suscitar alguma controvérsia quanto à sua inclusão no *corpus* desta literatura, mas seus poemas se confundem com a temática e a forma do universo estudado, participando, mesmo distante, deste movimento. Nascido em Blumenau, permaneceu somente durante a infância e parte da adolescência na cidade e, tomando o sentido inverso da maioria dos autores desta literatura, foi estudar na Alemanha. De volta ao Brasil passou a lecionar em São Paulo. Capistrano Binder assim o descreve: "*Blumenauense dos mais ilustres, pelos seus privilegiados dotes de inteligência e de trabalho, é, sem dúvida, o Dr. Carlos Fouquet. Filho de Eugênio Fouquet e de D. Ana Beims, frequentou a Escola Nova, fez o curso secundário no ginásio ducal de Brunswick, estudou Letras Anglo-Germânicas e História nas universidades de Marburgo e Munich, doutorando-se em Filosofia pela universidade de Marburgo. Exerceu o magistério secundário em três escolas secundárias de Hamburgo. De 1926 a 1938 foi professor e diretor substituto da Escola Alemã de São Paulo (atual Colégio Visconde de Pôrto Seguro). Em seus escritos, ocupa-se especialmente da história da imigração e colonização alemã no Brasil e de pesquisas genealógicas*".⁸⁸ Publicou mais de dez obras: "...publicou ainda numerosos artigos de jornal, sobre assuntos históricos e literários, como também poesias, em jornais,

⁸⁷ BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau. Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 332.

⁸⁸ BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau. Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 334.

revistas e almanaques nacionais e estrangeiros.⁸⁹ Também José Ferreira da Silva faz elogiosa referência a seu nome: "*Entre os intelectuais blumenauenses que publicaram trabalhos em língua portuguesa, cabe lugar de destaque ao Dr. Carlos Fouquet. Esse erudito descendente do jornalista Eugênio Fouquet, é autor de várias obras de inestimável valor, tendo, igualmente, publicado estudos biográficos de alguns dos pioneiros da colonização do Vale do Itajaí, como "A família Stutzer no Brasil", "O Doutor Blumenau", "O ramo brasileiro da família do Dr. Fritz Müller" etc. O seu estudo sobre o fundador da colônia, publicado no "Livro do Centenário de Blumenau", em 1950 é um dos mais completos e honestos esforços biográficos sobre o Dr. Blumenau. Sua atuação no campo histórico é assinalada por trabalhos verdadeiramente magistrais.*"⁹⁰

Por manter vínculos tanto familiares como profissionais com o Vale do Itajaí, tanto publicando poemas nos principais veículos da região como detendo-se longamente, através de numerosa obra reflexiva sobre seus aspectos sociais, Karl Fouquet, que por vários anos foi o editor do anuário "Staden-Jahrbuch", do Instituto Hans Staden, em São Paulo, também parece-nos pertencer ao *corpus* literário que este trabalho pretende delimitar.

Também Ernest Niemeyer e Wolfgang Ammon, e talvez com maior razão que o próprio Fouquet, podem levantar suspeitas quanto a sua inclusão nesta circunscrição, por nunca residirem em Blumenau. Niemeyer nasceu na atual Joinville, tendo atuado em várias cidades do Brasil e Ammon imigrou da Alemanha para São Bento do Sul. Mas ambos viveram a realidade das zonas de imigração em Santa Catarina, participando, como dissemos, das mesmas formas de produção, das mesmas estruturas sociais (escola, igreja, política) e publicaram também nos mesmos "Kalender". Cumpre ainda observar que nas primeiras décadas do século XX, época em que tal literatura vivia seu apogeu, Blumenau fazia limite ao norte com São Bento e a nordeste com Joinville, eram cidades limítrofes, de modo que não nos parece argumento suficiente uma linha imaginária lavrada em um cartório para separar tais construções poéticas, que tanto em motivos quanto na forma pertencem a uma mesma expressão. Para os fins deste trabalho, Niemeyer e Ammon integram perfeitamente o objeto de estudo, a poesia em idioma alemão nas zonas de imigração em Santa Catarina. A ênfase

⁸⁹ BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau. Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 334.

⁹⁰ FERREIRA DA SILVA, José. *História de Blumenau*. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1988, p. 274.

em Blumenau e no Vale do Itajaí não os exclui, apesar de algumas diferenças apontadas por Valburga.⁹¹

Por fim resta-nos advogar pela inclusão de Maria Kahle neste grupo, dentre todos a que pode gerar maior suspeita. Kahle veio ao Brasil, e a outros países da América do Sul com imigração alemã, atuar como propagandista dos ideais germânicos, junto a organismos alemães como o NSDAP. Kahle, portanto, não imigrou, não absorveu o que Aulich considera como “pathos” da imigração, estando nas regiões de imigração a trabalho, e tão logo foram encerradas as razões/condições de sua atuação voltou para sua casa, na Alemanha, onde faleceu em 14/08/1975. Mesmo assim a poetisa parece ter criado vínculos com Blumenau, cidade em que viveu de 1913 a 1920.

Maria Kahle, natural da região de Olsberg (Hochsauerland) publicou ao longo de sua vida cerca de 40 livros⁹², a maioria de poesias, entre eles “Am Rhein-Ein Festspiel”, editado por G. A. Koehler em Blumenau em 1917 e “Liebe und Heimat” – Weiszflog Irmãos, SP, em 1916. Publicou ainda livros infantis além de vários outros sobre imigração como “Deutsches Volkstum in Der Welt – Das Buch de Auslandes und Kolonialdeutschum” publicado por Wemarischer Verlag – Weimar, em 1930. Kahle colaborou intensamente nos jornais de Blumenau, principalmente no “Der Urwaldsbote” tanto com textos políticos como, e em quantidade, com poemas. Kahle publicou também nos “Kalender” de Blumenau e de vários estados do Brasil além de poemas no “Kalender für Südamerika” de Buenos Aires, tendo escrito poemas de louvor e apreço ao Brasil como “Blumenau”, publicado no “Brasilianischer Heimat-Kalender” de 1966. Seus poemas, apesar da ação ideológica que infalivelmente continham, que se observa já a partir dos títulos (“Adolf Hitler”, “Deutsch sein heisst gut sein”, “Muttersprache”, “Zweite Heimat”, “Heimat”), redundavam em boas composições pelas qualidades técnicas da poetisa. Kahle desenvolveu intensa atividade como propagandista: *“Maria Kahle, uma escritora e jornalista alemã que já vivera no Brasil durante a I Guerra Mundial e possuía bons conhecimentos sobre as colônias alemãs, recebeu em 1934 de parte do Volksbund für das Deutschtum im Ausland (VDA) a incumbência de*

⁹¹ HUBER, Valburga. *Colonização - Joinville e sua produção literária em língua alemã*. Diário de Cultura, p. 2, Diário Catarinense, 28 de outubro de 1995. A autora aponta para uma maior abertura dos autores joinvillenses para o Brasil e os assuntos contemporâneos, enquanto que em Blumenau, havia um maior isolamento.

⁹² Conforme breve biografia no fichário do arquivo histórico José Ferreira da Silva.

explicar aos alemães e seus descendentes a “Nova Alemanha”.”⁹³ Tendo atuado na cidade de Blumenau, interferindo no fazer literário da região tanto com a publicação de seus próprios poemas, como através de ensaios críticos que fez de vários autores desta literatura, este estudo compreende seus poemas aqui produzidos como pertencentes ao nosso universo de estudo.

Mas, se para os fins deste trabalho, foram “aceitos” escritores de Joinville neste recorte literário, por que os poetas de São Leopoldo por exemplo, colônia alemã no Rio Grande do Sul, ou mesmo de Curitiba, foram abstraídos? Não haveria aí certa inconsistência argumentativa, se seus modos de produção e sua estrutura social eram semelhantes e publicaram sua obra nos mesmos “Kalender”? Cremos que não, pois aqui já se pode observar algumas diferenças em que a distância interfere, talvez de forma secundária, nas especificidades de cada região. Inicialmente se observam diferenças na organização política dos imigrantes e descendentes nos três estados do sul do Brasil. Enquanto Santa Catarina sustenta ostensiva participação elegendo por várias vezes seu governador, os teutos dos outros estados não chegaram a tanto. Também o maior isolamento a que os colonizadores de Santa Catarina (principalmente o Vale do Itajaí) estavam sujeitos permitiu a criação de percepções diferenciadas dos outros imigrantes dos estados contíguos quanto aos luso-brasileiros e às relações interétnicas. Assim, este trabalho entende que apesar de imersos em mesmo momento histórico para com seus vizinhos, a literatura em idioma alemão do estado de Santa Catarina gerou certas especificidades só exaustivamente esclarecidas após estudo comparativo específico, intenção que foge ao nosso objetivo neste momento. Portanto, circunscritos às zonas de colonização alemã em Santa Catarina e baseado nos critérios de escolha acima descritos, elencamos Ernest Niemeyer, Georg Knoll, Karl Fouquet, Maria Kahle, Rudolf Damm, Victor Schleiff e Wolfgang Ammon, como legítimos representantes desta literatura.

Escolhidos os autores, resta-nos, finalmente, dentre suas obras, resgatar alguns poemas para efetivamente se proceder à análise, de modo que novamente nos encontramos diante da necessidade de analisar alguns critérios para escolher tais textos. Na escolha desses poemas optou-se por selecionar aqueles onde se pudesse observar algumas características comuns dos poemas em língua alemã nas regiões de colonização em Santa Catarina. Este trabalho optou por analisar textos que tratassem dos seguintes assuntos, seguido dos poemas escolhidos:

⁹³ GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1987, p.20.

a) Reflexões sobre a identidade do imigrante, através dos textos: **“ALTE UND NEUE HEIMAT”** (Velha e nova pátria), de Victor Schleiff; **“TEUTO-BRASILIANER”** (Teuto-brasileiro), de Georg Knoll; **“DIE ERSTEN EINWANDERER”** (Os primeiros imigrantes), de Victor Schleiff; e **“WANDERER”** (Os migrantes) de Ernest Niemeyer.

b) A saudade e as lembranças da terra natal serão observados nos poemas **“HEIMWEH”** (Saudade), de Victor Schleiff e **“ERINNERUNG”** (Recordação), de Georg Knoll.

c) A exaltação de símbolos referentes à velha pátria são observados em: **“DEUTSCHE WORTE, DEUTSCHE WEISEN”** (Palavras Alemãs, Canções Alemãs), de Rudolf Damm e **“MUTTERSPRACHE”** (Língua Materna), de Maria Kahle.

d) A nova realidade que os cerca, o novo mundo, será observado nos poemas: **“MEIN VATERHAUS”** (Minha casa paterna), de Rudolf Damm; **“BLUMENAU”**, de Victor Schleiff e **“VERLASSENES LANDE”** (Terra abandonada), de Georg Knoll.

Esses, portanto, os onze poemas que o presente trabalho pretende analisar⁹⁴, e a partir dos quais encetar algumas considerações críticas sobre a realidade social e histórica no qual foram produzidos e publicados.

⁹⁴ Aos poemas recolhidos dos “Kalender” somaram-se três tirados do livro da Valburga, além de outros três presentes no Livro do centenário de Blumenau.

Figura 2 – Outros Exemplos de Capas dos “Kalender”



O Ano Das Jahre



Brasilianischer
VOLKS-KALENDER

5 ANÁLISE DOS POEMAS

As expressões poéticas em idioma alemão, nas primeiras quatro décadas do século XX, no Vale do Itajaí, como elemento social, sofreram diferentes e variadas influências durante o processo de constituição da cidade de Blumenau, mas uma conjunção de preponderantemente três fatores imprimiram certa especificidade a esta literatura. Esta especificidade se observa se compararmos tais poemas com a produção nas outras regiões do estado de Santa Catarina, e mesmo com a literatura produzida na Alemanha, na mesma época.

A primeira grande influência foi, sem dúvida, o processo imigratório e todas as suas contradições e dualidades. O imigrante ama sua terra natal mas é impossibilitado de prosperar na mesma por razões econômicas ou políticas, buscando outra onde "aposta" todas as suas esperanças para residir e trabalhar. Os antagonismos das duas terras tendem a provocar alterações nos referenciais e na própria personalidade do imigrante, descritos como "pathos" da imigração.

Paralelo à imigração e diferentemente da maioria dos imigrantes que vieram ao país, os alemães que se fixaram no sul do Brasil, durante as últimas décadas do século XIX e primeiras do XX, integraram ainda o processo colonizador, onde os assentamentos em áreas virgens e distantes dos centros urbanos parece ter exacerbado ainda mais as características culturais de origem, tendo como principal motivo o afastamento para com outros grupos sociais. Os lotes dentro dos próprios assentamentos eram afastados uns dos outros, com extensas áreas de mata, na forma de pequenos minifúndios (25 hectares – 250m de frente por 1.000m de fundo, o que, pelos acidentes topográficos da região normalmente iam da estrada ou picada, onde corria um ribeirão, até as encostas dos morros). A forma de produção era a agricultura familiar e isolados em sua glebas pouco contato tiveram com a cultura local, de modo que perpetuaram sua cultura, que após algumas décadas já nem existia nessas formas além-mar.

Por fim, o terceiro aspecto para a formação de uma literatura específica foi o pouco acesso à imprensa e a outras literaturas para além da teuta nas primeiras décadas, e posteriormente, o acesso "dirigido" dos "Kalender", praticamente único impresso que

circulava entre os colonos menos providos, de postura ideológica definida na manutenção da germanidade.

Um poema onde se pode observar vários traços característicos dessa literatura, bem como as influências que sofreu, e a partir de sua leitura fazer uma breve incursão ao pensamento e contradições do imigrante é "ALTE UND NEUE HEIMAT", de Victor Schleiff:

ALTE UND NEUE HEIMAT⁹⁵

Victor Schleiff

Ein armes Land, das Land der Väter!
Vom Alpenrand zur Meeresbucht!
Viel Moor und Sand, worauf ein später
Und kurzer Sommer reift die Frucht.
Und doch so reich so reich na Leben
Das ewig sprudelt jauchzend schwillt
Und das, wie edles Blut der Reben,
Wie Feuer durch die Adern quillt.

Ein reiches Land, das uns zu eigen!
Verschwenderisch schafft die Natur,
Um ihre höchste Kraft zu zeigen
Hier Wunder auf Brasiliens Flur.
Hier reift der Mais, hier die Banane,
Im Rohre kocht des Zuckers Saft,
Und über Blühender Liane
Wiegt sich der Palme schlanker Schaft.

⁹⁵ HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança*. Blumenau: Editora da FURB, 1993, p. 65.

Und Riesenströme rollen schäumend
Stets Meer auf Meer zum Meeresstrand,
Im goldnen Sande ruhen träumend
Beryll, Smaragd und Diamant.
Reich ist das Land und voller Gaben,
Ein Füllhorn ist's, das überfließt.
Wo ist der Spaten, es zu graben
die fleißige Hand, die es erschließt?

Die alte Heimat gab der neuen
Das was ein Land macht groß und stark
Gab ihr von ihrem Blut dem treuen
Von ihrer Stärke, ihrem Mark.
Wir schufen hier mit schviel'gen Händen
Die Wildnis um zum Paradies,
Und überall na allen Enden
Grüßt deutsche Arbeit, deutscher Fleiß.

O Land de Väter! Heut zerschunden,
So vielgeschmäht und vielgehaßt!
Ist, Vaterland, aus tausend Wunden
Verblutend du, dein Stern erblaßt.
O deine Leiden, deine Schmerzen
Selbst einen uns zu einen Bund
Wir sind ein Stück von deinem Herzen
Wir grüßen dich mit Herz und Mund.

Wer seinem Volke hält die Treue,
Die Treue hält in Leid und Not,
Dem kann das Vaterland, das neue,
Vertrauen auch bis in den Tod.
So haltet fest am deutschen Wesen,
Ob man mit Schimpf euch überfällt
Der Dichter spricht: Es wird genesen
Am deutschen Wesen doch die Welt.

Em “ALTE UND NEUE HEIMAT” publicado pelo imigrante Victor Schleiff em 1929, encontramos os principais símbolos veiculados pela poesia teuto-brasileira produzida no Vale do Itajaí.

Sua construção segue a forma adotada pela poesia em idioma alemão escrita no Vale do Itajaí, utilizando o sistema de versificação greco-latino que estrutura o verso em conjuntos sonoramente regulares de sílabas breves e longas (átonas e tônicas) denominados pés. Essa estrutura eleva o caráter fônico do poema, onde as melodias são potencializadas pelo caráter onomatopaico da língua alemã.

Neste poema Victor Schleiff utiliza para cada verso um par do pé denominado Peônio⁹⁶ (ou Péon quarto⁹⁷), que é constituído de três sons breves, seguido de um longo, como no exemplo a seguir, onde grifamos as longas, da primeira estrofe do poema:

⁹⁶ TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. Editora Bernardo Álvares S.A., 1969, p. 181.

⁹⁷ CANDIDO, Antonio. *O Estudo Analítico do Poema*. São Paulo: Humanitas Publicações-FFLCH/USP, 1996, p. 49.

Ein armes **Land**, das Land der **Väter**!

U U U — U U U —

Vom **Alpenrand** zur **Meeresbucht**!

U UU — U UU —

Viel Moor und **Sand**, Worauf ein **später**

U U U — UU U —

Und kurzer **Sommer** reift die **Frucht**.

U UU — U U U —

Und doch so **reich** so reich na **Leben**

U U U — UU U —

Das ewig **sprudelt** jauchzend **schwillt**

U UU — U U U —

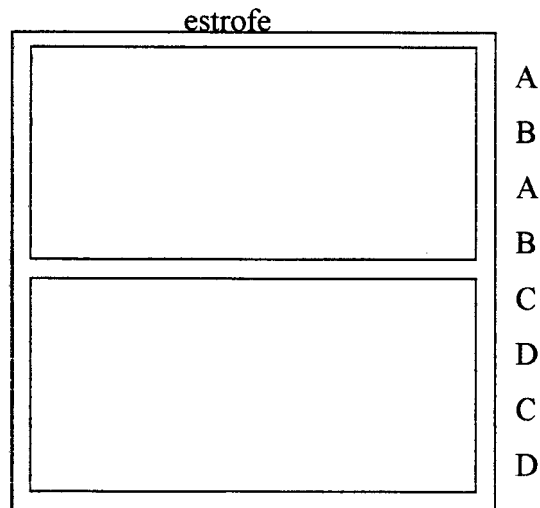
Und das, wie **edles** Blut der **Reben**,

U U U — U U U —

Wie Feuer **durch** die Adern **quillt**.

U UU — UU U —

O poema é dividido em seis estrofes de oito versos cada, o que possibilita a alteração de enfoque entre os fragmentos do texto, como se verá, tanto temporalmente quanto do ponto de vista do narrador. As estrofes, construídas com um esquema de rimas finais uniformes seguindo a seqüência ABABCDCD induzem o leitor a uma suave pausa horizontal, dividindo a estrofe em duas pseudoquadradas, cuja possível representação seria:



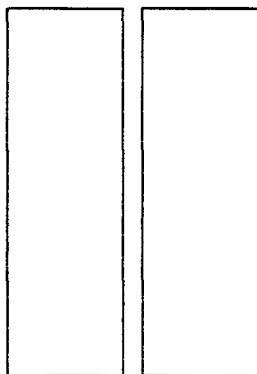
Tal divisão não se estabelece de fato para que se mantenha a unidade temática do parágrafo e a harmonia sonora proposta pelo poeta. Esta disposição se aproxima de uma das formas utilizadas por Goethe, autor muito caro a Victor, tendo este último recitado um poema durante homenagem ao centenário da morte do grande poeta alemão, realizado no dia 22 de março de 1932 no teatro Carlos Gomes, em Blumenau. Observe-se este exemplo de uma das estrofes do poema "WILLKOMMEN UND ABSCHIED" de Goethe, de mesmo pé e disposição de rimas do de Victor, bem como o número de versos por estrofe:

WILLKOMMEN UND ABSCHIED⁹⁸

Goethe

Es schlug mein Herz, geschwind zu Pferde!
Es war getan fast eh gedacht.
Der Abend wiegte schon die Erde,
Und an Bergen hing die Nacht;
Schon stand im Nebelkeid die Eiche,
Ein aufgetürmter Riese, da,
Wo Finsternis aus dem Gesträuche
Mit hundert schwarzen Augen sah.

Além das rimas finais, Victor Schleiff enriquece a construção fônica do poema com uma série de outros efeitos sonoros, inicialmente favorecidos pelos dois pés peônios que juntos produzem uma cesura no verso após a sílaba longa do primeiro pé, provocando uma simetria longitudinal por todo o poema. Podemos representar os dois hemistíquios formados pela cesura central através de uma gráfico como o abaixo:



⁹⁸ GOETHE, Johann Wolfgang. *Gesammelte Werke*. Erster Band, C. Bertelsmann Verlag, Germany, 1957, p.38.

Essa divisão produz um ritmo cadenciado ao poema além de possibilitar rimas internas, ao final do primeiro hemistíquio, como já na primeira estrofe com as recorrências sonoras entre Land, rand, Sand e So, chegando a compor uma peça independente, se abstrairmos o hemistíquio da direita:

Ein armes **Land**,
Vom Alpen**rand**
Viel Moor und **Sand**
Und kurzer **Sommer**

As funções sintáticas dos dois hemistíquios parecem se completar em vários versos, no sentido que Antonio Candido chamou "função lógica ou psicológica da métrica"⁹⁹, por vezes o segundo explicando o primeiro, como no verso inicial, que principia com "*Ein armes Land*", uma referência a uma terra pobre, seguido da explicitação a qual terra se refere: "*das Land der Väter*", a terra dos pais. Ou no segundo verso onde os dois hemistíquios limitam a terra dos ancestrais, os povos alemães dos Alpes até o mar do Norte. Aqui um verso inicia o território dos ancestrais, enquanto o outro o finda. Ou ainda o quinto verso da primeira estrofe: "*Und doch so reich so reich na Leben*", que utilizando o artifício da repetição une os hemistíquios. Este verso é um bom exemplo para se verificar como palavras iguais podem assumir entonações distintas durante um poema. No caso acima a palavra "reich" assume entonação longa no fim do primeiro hemistíquio, enquanto no segundo sua leitura é breve. Vários são os versos em que os hemistíquios assumem uma relação de completude, de estreito convívio, o que igualmente sugere ao leitor a dicotomia lançada a partir do título, mas também, depois de verificada uma direção horizontal que une passado e presente, observa-se um sentido que flui do primeiro ao segundo, de antes para agora. Essa mesma direção temporal que segue o passar natural, não o transgredindo, aponta para, somado à correção sintática do texto, um princípio organizador, lógico, cartesiano, que igualmente busca uma estabilidade e homogeneidade no discurso.

Observando o acúmulo de simetrias, desde o pé escolhido, com quatro sílabas, o uso de dois deles por verso perfazendo as oito sílabas poéticas, com a cesura central dividindo o

⁹⁹ CANDIDO, Antonio. *O Estudo Analítico do Poema*. São Paulo: Humanitas Publicações-FFLCH/USP, 1996, p.21.

poema em dois hemistíquios paralelos na direção vertical, bem como as simetrias horizontais, estabelecidas pelo número de oito versos por estrofe e de seis estrofes no poema, podemos concluir que tais disposições tendem a intensificar a dicotomia proposta pelo título "VELHA E NOVA PÁTRIA", cuja tradução¹⁰⁰ em prosa para o português segue:

VELHA E NOVA PÁTRIA

Victor Schleiff

Pobre terra, a terra dos ancestrais!
Dos pés dos Alpes às baías marinhas!
Às muitas terras agrestes, arenosas,
Nas quais tardio e curto verão o fruto amadurece.
E assim mesmo ricas, tão ricas em vida
Que contínua brota efervescente e jubilosa
E a qual, feito nobre seiva das vinhas,
Como fogo pelas veias jorra.

Rica a terra, que agora é nossa!
Pródiga produz aqui a natureza,
Sua força maior a ostentar
Milagres na lavoura brasileira.
Aqui amadurece o milho, a banana,
Na cana ferve de açúcar a seiva,
E por sobre florido cipó
Balança o esguio tronco a palmeira.

¹⁰⁰ As traduções aqui utilizadas são em sua maioria de Klaus Hering, exceto um único texto, o poema "Muttersprache", de Maria Kahle, traduzido por Grete Busse-Scheltzke. Ambos os tradutores são blumenauenses.

E gigantes rios rolam espumosos
Feitos mares rumo ao mar,
Em douradas areias pousam sonhadores,
Esmeralda, berílio, diamante.
Rica a terra e de muitas prendas,
Feito cornucópia, transbordante.
Cadê a pá, para cavá-la,
A dedicada mão, para a cultivar?

A velha pátria deu à nova
Aquilo que uma terra torna grande e forte
Deu de seu sangue o fiel
De sua força, de seu cerne.
Aqui transformamos com calejadas mãos
A selva em paraíso,
E de todos os recantos
Saúda o trabalho alemão, a alemanha dedicação.

Oh terra dos ancestrais! Hoje judiada,
Tanto ofendida, odiada!
Esvaneceu de mil chagas sangrando,
Pátria, estrela tua.
Tuas mágoas, tuas dores
Nos unem em comunhão,
Somos parte do teu coração,
Saudamos a ti, com palavras e coração.

Aquele que a seu povo se mantém fiel,
Mantém-se fiel em sofrimento e necessidade,
àquele pode a pátria, a nova,
Confiar até a morte.
Assim ao espírito alemão se atenham,
Mesmo que com afrontas assoberbados.
Pois fala o poeta: convalescerá o mundo,
Com o alemânico espírito, enfim.

Já a partir do título o poema assume a coexistência das duas pátrias, Alemanha e Brasil, a primeira alçada através da memória como componente distante no tempo e no espaço, mas também com uma parcela inexoravelmente presente representada pela cultura de origem que os imigrantes puderam trazer. Da pátria brasileira o presente, o real que se desenrola a seus pés e sob a influência de seus braços, e a perspectiva futura de prosperidade e realização.

A primeira estrofe se refere à velha pátria, como um resumo meditativo que contém a localização espacial da terra de origem, seu clima, a atividade econômica preponderante e referências à valorização da etnia: "*pelas veias jorra*" ante as dificuldades lá existentes. Essa reflexão alcançada somente através da memória, isto é, fundada no não real, como acontecimento passado, aumenta mais ainda a distância para a atual condição, no novo mundo. O poema inicia com a referência à terra dos ancestrais seguido do adjetivo "pobre", com o intuito de melhor contrastar e conseqüentemente elevar a terra que está por cantar. Apesar de Victor Schleiff ter nascido em terras alemãs, no primeiro verso ele associa a velha pátria aos pais (ancestrais) e não a si próprio. As dificuldades da terra passada são alinhadas inicialmente pelo adjetivo "pobre" que rompe o poema; esta palavra parece sintetizar toda a relação conflituosa que os impeliu à emigração e, mais sutilmente, quando o poeta se refere ao verão, estação mais amena, mais agradável, este apresenta-se curto, suscitando um tempo maior com as adversidades. Mesmo assim canta a terra, que apesar das limitações citadas mantém sua riqueza através da interseção do braço trabalhador.

A segunda estrofe inicia com uma referência dúbia à condição de aquisição e propriedade das terras: "*Uma terra rica que agora é nossa*". Como no português, Land pode

significar o chão, o lote onde se está assentado; como também a região, ou num sentido mais amplo o país onde se mora. No primeiro caso, a expressão pode ser compreendida metaforicamente visto a maioria dos imigrantes terem adquirido suas terras através de facilidades de crédito, iniciando o pagamento dois anos após a instalação da primeira lavoura. Mesmo assim podem ser consideradas como dadas se comparadas às difíceis condições de aquisição na terra natal, principalmente após a era napoleônica, quando o Congresso de Viena (1814) reconduziu aos seus tronos a monarquia que reinava nos estados alemães. Estes, apesar das promessas de avanços sociais, e constitucionais, (exceto a Prússia, que promulgou sua constituição) praticamente restabeleceram o feudalismo, dificultando ou até impossibilitando o acesso à terra. A segunda possibilidade de significado, lendo terra como comunidade local, é a mais lógica, tendo em vista a seqüência dos versos marcadamente de exaltação onde a "rica natureza" de agora contrasta com a "terra pobre" do passado. Essa dicotomia entre o passado (pobre) e o presente (rico) perpassa todo o poema e muitos dos textos teuto-brasileiros e parece ter uma função de alento e reafirmação dos atuais ideais.

O primeiro verso da segunda estrofe tem outra peculiaridade que é o desmascaramento do sujeito "nós" que opõe-se ao que tudo indica aos "ancestrais" da primeira estrofe. O narrador é aquele cuja terra foi presenteada, ou seja, o imigrante, que em terras brasileiras já não se compreende participante do velho mundo.

Nesta segunda estrofe são alinhados espécimes vegetais próprios da nova pátria: milho, banana, cana-de-açúcar, palmeiras e o cipó, símbolos do exótico que representa, aos olhos do poeta, toda a flora recém-descoberta. O status que Victor dá à flora, elevando-a em seu canto, parece assumir de fato um caráter simbólico de como o poeta vê a natureza, elegendo-a entre os motivos de cantar a terra. Referindo-se ainda à nova terra, Victor aponta para sua "força maior", que, conforme o poeta, reside na natureza. Tal afirmação parece se completar na quarta estrofe quando o poeta associa o melhor da nova terra (natureza) com o melhor da velha, que é seu povo.

Na terceira estrofe continua a exaltação do Brasil, dos rios, das pedras preciosas, chegando a compará-lo a uma cornucópia transbordante. Mas uma terra com tanta fartura parece não ter valor sem quem a usufrua, assim o narrador se introduz no poema como aquele que tem capacidade para desbravá-la, imputando-se referenciais de firmeza e coragem: "*Cadê*

a pá, para cavá-la,/A dedicada mão, para a cultivar?" conduzindo o poema à quarta estrofe, cujo foco narrativo recai sobre o imigrante, que, conforme o narrador, é o aspecto mais importante da velha pátria. A referência de sobrevalorização racial é observada através da exaltação; dentre tudo que a velha pátria pode oferecer, o mais importante é: *"... seus filhos queridos... seu sangue corajoso e vibrante"*. Aqui completa-se o quadro que se deseja exaltar, o povo alemão em terra fértil e dadivosa, cantada na segunda estrofe.

Nesta quarta estrofe a pseudopausa após o quarto verso, suscitada pelo esquema de rimas, é potencializada pela alteração temática. A primeira parte se refere à contribuição étnica dos imigrantes, a segunda fala do trabalho que este aqui realizou. Trabalho este exaltado por Victor e a maioria dos poetas em idioma alemão no Vale do Itajaí, referindo-se metaforicamente às belezas da nova terra como um paraíso, símbolo maior de bem-estar e realização. Paraíso que teria possibilitado, conforme o poema, a revelação da força alemã. Quando ao final da quarta estrofe Victor diz que *"...de todos os recantos/Saúda o trabalho alemão, a alemanha dedicação..."* parece buscar um discurso homogeneizante.

A quinta estrofe se desenvolve no tempo presente e é uma inequívoca referência ao pós primeira guerra e à situação da Alemanha, onde o envolvimento dos imigrantes no Brasil e seus descendentes pela causa germânica conduz o tom do discurso, tornando-o passional: *"Oh terra dos ancestrais! Hoje machucada,/Tanto ofendida, odiada!"*. Observa-se também o envolvimento do narrador com a terra dos pais, mas não enquanto espaço, mas sim enquanto grupo étnico de mesma nacionalidade, apesar de distantes, quando se refere à dor da terra dos pais, e seu compadecimento para com ela: *"Tuas mágoas, tuas dores/ Nos unem em comunhão,/ Somos parte do teu coração..."*. Isso se dá, pois tanto o autor, quanto a maioria de seu público alvo, leitores dos Kalender, tinham ascendentes na velha pátria.

O poema fecha com a sexta estrofe, onde novamente se intensifica a pausa após o quarto verso mediante alteração fônica do esquema das rimas, que acompanha uma alteração temática, onde a primeira quadra afirma a fidelidade do imigrante para com a nova pátria, apresentando como endosso a fidelidade que era dispensada à velha. Segue então um chamamento à perpetuação cultural de origem, quando o autor convida o leitor da época para que *"Assim ao espírito alemão se atenham..."* através do qual o autor busca talvez aumentar a auto-estima do imigrante, lembrando-o de um passado rico, em contrapartida com algumas

vicissitudes que este tenha aqui passado, como sugere o verso seguinte: "*Mesmo que com afrontas assoberbadas.*" Este verso parece ter íntima correlação com a estrofe anterior, como se aqui os alemães e descendentes sofressem, como de fato sofreram, a mesma difamação dos do velho mundo. O poema finaliza com uma afirmação enfática sobre o futuro do descendente, atribuindo a um poeta o destino que deseja e que busca divulgar aos teuto-brasileiros no sul do Brasil como alento às dificuldades que os colonos estão sujeitos na nova pátria: "*...convalescerá o mundo,/Com o alemânico espírito, enfim.*"

Como vimos, a divisão por estrofe do poema acima possibilitou a Schleiff variar o enfoque dos temas que perpassam sua expressão, bem como o movimento temporal que rege a odisséia que canta. Inicialmente mostrando as dificuldades de permanência na terra natal, cujo aspecto principal, apesar de não haver referência direta no texto, é de motivação econômica. O segundo quadro que nos aponta é o da prodigiosa nova terra, como sendo de propriedade do imigrante "*...que agora é nossa*". Seguem então mais exaltações adjetivadas à nova pátria e à necessidade de alguém que a torne grande, exaltando-se quem possibilitou a transformação da selva num paraíso. Apesar de aqui estabelecidos, os laços com a velha pátria são intensos, fazendo com que os imigrantes e seus descendentes unam-se às dores da terra dos ancestrais. Finaliza com incentivos à manutenção das tradições e promessas de realização futura.

As relações interétnicas são precariamente abordadas, sendo as comunidades indígenas, primeiras habitantes do Vale, com quem os imigrantes tiveram vários desentendimentos, abstraídas da realidade social que o poema aborda quando do desbravamento, fazendo somente uma vaga referência a um outro grupo que lhes ofende com "*afrontas assoberbadas*" no sexto verso da última estrofe. Tal grupo, ao que tudo indica, são os luso-brasileiros e nacionalistas face à divergência de projetos do litoral e do planalto para com as regiões do Vale e do Norte.

Mas, se no poema "ALTE UND NEUE HEIMAT" Schleiff apresenta o imigrante maravilhado com a nova terra e a nova vida, com a certeza de prosperar, depois de ter transformado a terra em um paraíso, em "HEIMWEH" o mesmo autor tem uma visão mais sombria e talvez mais realista da situação do imigrante:

HEIMWEH¹⁰¹

Victor Schleiff

Wir zogen in die Ferne einst hinaus.
Ein trüber Tag - Es war ein Graues Heer!
Vom Vaterland hinweg, vom Vaterhaus.
War lärmend auch der Mund, das Herz war schwer.

Die Fremde: Ah! - gar mancher Traum verschwand.
Das Leben packt uns hart, die Hoffnung trog
Fremd blieben wir - wie fremd im fremden Land.
Und sehrend oft der hinüber floß

Nach uns'rer Heimat, nach dem stillen Tal
In dem der Glockenton zur Kirche ruft.
Und wo nach irdischen Wallens harter Qual
Den Lieb der Eltern birgt die stille Gruft.

Ein stilles Träumen! Ließ uns Zeit dazu
Das neue Leben? Ruft nicht herb und harsch
Zu neuer Arbeit uns nach karger Ruh,
Die Axt im Winkel: "Na die Arbeit marsch"!

Aqui Schleiff assume o metro das epopéias, o decassílabo, possibilitado por sua escolha rítmica em construir cada verso com um jambo e dois peônios, como na primeira estrofe, onde grifamos os fonemas longos:

¹⁰¹ In Huber, Valburga: *Saudade e Esperança*. Blumenau: Editora da FURB, p. 71.

Wir **zogen in die Ferne** einst hinaus.

U — U U U — U U U —

Ein **trüber Tag** - Es **war** ein Graues **Heer!**

U — U U U — U U U —

Vom **Vaterland hinweg**, vom **Vaterhaus**.

U — U U U — U U U —

War **lärmend** auch der **Mund**, das Herz war **schwer**

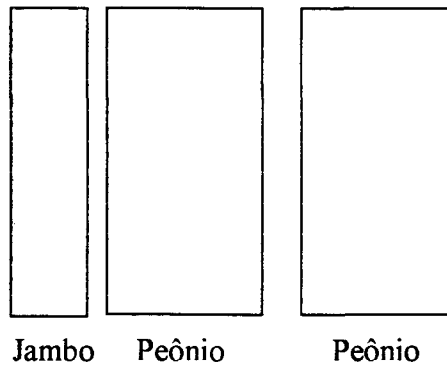
U — U U U — U U U —

jambo

peônio

peônio

Tal seqüência de pés produz duas cesuras assimétricas, após a primeira e segunda sílaba longa, nos versos do poema, perceptíveis à audição, e seu efeito pode ser representado através do diagrama abaixo:



Alguns versos podem ser compreendidos como em outro ritmo, como o primeiro verso da terceira estrofe, que se lido isoladamente pode assumir-se como um conjunto de cinco jambos:

"Nach **uns**'rer **Heimat**, **nach** dem **stillen Tal**"

U — U — U — U — U —

jambo jambo jambo jambo jambo

Mas em outros, como já no primeiro verso do poema, onde a quarta sílaba poética "in" é breve, a seqüência de jambos é alterada.

O poema é dividido em quatro estrofes de quatro versos, sendo que em cada uma a unidade sonora se mantém coesa pelas rimas cruzadas do tipo ABAB, resultando uma maior independência temática entre as estrofes. Os pés escolhidos fazem incidir as sílabas mais fortes na segunda, na sexta e na décima sílaba poética, afastando-se assim dos ritmos clássicos do decassílabo heróico, com acentos principais na sexta e na oitava, ou do sáfico, nas quartas, oitavas e décimas. Uma tradução literal do texto pode ser a que segue:

SAUDADE

Victor Schleiff

Outrora ao desconhecido rumamos
Sombrio dia – triste legião!
Para trás a pátria deixando, dos pais a casa.
Mesmo que tagarela a fala, pesaroso estava o coração.

Estranha terra: Ah! – muito sonho se perdeu.
A dura vida com suas garras nos apanha, o logro da esperança.
Estranhos restamos – estranhos em terra estrangeira.
E saudoso o olhar para trás viajava

Para a terra natal, ao tranquilo vale
Com os sinos chamando à igreja.
E onde de duros sofrimentos na terrena labuta
O corpo dos pais abriga o silencioso jazigo.

Silencioso sonhar! Nos deu tempo, para tanto,
O novo viver? Não clama, rude e áspero
O novo trabalho após o curto descanso,
Com o machado direcionado: "Ao trabalho, marche!"

A primeira estrofe sugere o momento da emigração e as circunstâncias adversas que redundaram na partida da casa dos pais, mas, tal como no poema anterior, não são descritas ou esclarecidas. Aqui somente as metáforas relativas ao dia "sombrio", que se expande para além

do limite de vinte e quatro horas que envolveram a partida, mas assume status de momento histórico, de época, de circunstância na qual emigraram, e a "triste legião" dos que partiam referindo-se à quantidade dos entristecidos, permite, de maneira precária, alçar as condições que os envolviam.

Neste, como no poema anterior, é notória a dificuldade que os imigrantes tiveram em expressar as razões pelas quais deixaram a pátria. Afora algumas metaforizações, como no quarto verso: "...*pesaroso estava o coração*", não há nenhuma linha que descreva sua situação de maneira concreta. O que faria uma "triste legião" deixar a pátria, a casa dos pais e rumar ao desconhecido com o "coração pesaroso"? Schleiff não diz, mas ao observarmos este e outros textos, notamos, entre outros aspectos, que quando há alguma referência à propriedade ou a posses, esta se apresenta, na maioria das vezes, ligada a sua família, aos pais: "*Para trás a pátria deixando, dos pais a casa*", pois os emigrantes a priori não possuíam terras, aliado à pouca idade de vários, caso concreto de Victor, que emigrou ainda jovem. A dificuldade de acesso à terra na pátria natal, e por extensão às riquezas, é uma das grande razões do deslocamento de mão de obra de maneira geral e também no caso específico dos alemães no sul do Brasil, aqui sugerida através do que o texto não diz, mas oculta com muita eloquência. Já a obra dramático-musical "O IMIGRANTE", escrita pelo maestro imigrante Heinz Geyer e montada no teatro Carlos Gomes em Blumenau, trata com mais objetividade as razões da emigração, quando o personagem Camponês prestes a embarcar ao Brasil, ainda em terras alemãs, na primeira cena do primeiro quadro, ao ouvir do vigia do porto que não conhecia Blumenau, lhe responde: "*Wir wollen den Mut nicht sinken lassen, es muss uns endlich doch gelingen im fernen Lande das zu finden, wonach wir lange schon gestrebt: Ein Eigentum mit Wald und Feld, mit Kind und Pferd, mit Stall und Haus.*"¹⁰² Ou: "*Não queremos perder a coragem, enfim deveremos conseguir, em países distantes, o que há muito procuramos: uma propriedade com matas e campos, com gado e cavalos, com um celeiro e uma casa.*"

Retornando ao poema de Schleiff, a contradição no quarto verso: "*Mesmo que tagarela a fala, pesaroso estava o coração*", talvez traduza a aflição do emigrante e sua situação limítrofe entre dois mundos, duas experiências, um misto de saudade e esperança, a dualidade com a qual a pesquisadora Valburga Huber analisa a expressão poética no Vale do Itajaí. Uma parte do emigrante tem a excitação e a esperança futura traduzidas no poema de

¹⁰² GEYER, Heinz. *O Imigrante*. Blumenau. Tipografia e Livraria Blumenauense, s.d.

Victor através da expressão "*tagarela a fala*"; outra parte sofre com a partida: "*pesaroso estava o coração*".

A segunda estrofe apresenta o impacto sofrido pelo imigrante com a nova terra, mas ao contrário do poema anterior, onde canta incessantemente suas belezas e venturas, aqui Schleiff direciona sua leitura ao estado de ânimo decorrente do processo migratório, ao sentimento íntimo que teria suscitado ao recém chegado. O autor sintetiza sua frustração com a nova terra percebendo-a "estranha", adjetivo com que inicia e que sintetiza toda a estrofe. A declaração que "*...muito sonho se perdeu*" leva-nos a crer que os imigrantes traziam mais expectativas do velho mundo, em parte pela propaganda que os agentes de emigração, que recebiam por cabeça emigrada, faziam do novo mundo, como um verdadeiro eldorado, do que aquilo que aqui efetivamente encontraram: ao chegarem vieram que havia várias diferenças culturais, desde o clima, a alimentação, as relações com o Estado brasileiro e interétnicas, sistemas de saúde, além, e sobretudo, do enorme trabalho de desbravamento, derrubada da mata e dos cuidados com as lavouras. Victor metaforiza a situação do imigrante como que apanhado por garras: "*A dura vida com suas garras nos apanha...*" além de ver-se logrado pela esperança que depositou: "*...o logro da esperança*". Diante de tal decepção, na nova terra, e afastado de suas velhas referências, a estranheza que inicialmente era atribuída à terra agora perpassa o próprio imigrante: "*Estranhos restamos...*". O verbo restar igualmente reveste-se de um caráter denotativo que envolve tudo o que se perdeu até o ponto onde, o que resta, parece ser um estranho. A fragmentação da identidade do imigrante é observada no poema de Victor pelo fato de o autor ver-se como um estranho, ou seja, diferente do que era (antes de migrar); em suma, já não se sente alemão. Mas igualmente não se sente brasileiro pois vê-se : "*...em terra estrangeira*". Esse não lugar para onde aponta a identidade fragmentada do imigrante, gerando conflitos e frustrações, somente é sobrepujado através do refúgio à memória. Para o imigrante em meio às vicissitudes de sua nova condição, a lembrança da velha pátria parece ser, conforme este poema de Schleiff, um dos poucos momentos de sincera satisfação. Para muitos deles, sobretudo os que emigraram jovens, o refúgio no passado pode ser lido também como elixir contra as obrigações e os deveres, cada vez mais acirrados com que a vida adulta o envolve, sufocando o adolescente que fenece dentro de si. Victor parece, na terceira estrofe, descrever mais os sentimentos de sua infância do que comentários a respeito da velha terra. Assim, apesar de costurar a segunda e a terceira estrofe com um enjambement, no qual alega em pensamento viajar para a terra natal, o que

busca realmente em seu devaneio é a infância, onde tudo se reveste de lirismo e principalmente inocência. As adjetivações pesadas e obscurecidas que carregavam de angústia as duas primeiras estrofes (desconhecido, sombrio, triste, pesaroso, estranha, estrangeira), na terceira tomam matizes elevados (natal, tranqüilo, silencioso) além da recorrência aos arquétipos ocidentais como igreja e jazigo dos pais.

A quarta estrofe inicia ainda sob a atmosfera da anterior, como se emergisse sorridente de um devaneio: "*Silencioso sonhar!...*" mas imediatamente dá-se conta de sua real condição, onde o trabalho requer seu tempo: "*Nos deu tempo para tanto (sonhar),/ o novo viver?*" O poema, que até o primeiro verso da última estrofe (nos deu) era construído no passado, na lembrança do momento da emigração, do contato com a nova terra, da terra natal, transfere-se ao tempo presente: "*Não clama rude e áspero/ O novo trabalho após o curto descanso*". O imigrante encontra-se agora lúcido, em vigília, vivendo seu presente, na situação real onde a referência ao descanso como sendo breve reafirma a urgência ao trabalho, ao ganha pão, ao dia a dia, que se alinha à decepção descrita na segunda estrofe, quando sentiu-se logrado pela esperança. E mais ainda, como o próprio texto reafirma em sua estrutura temporal truncada, e dual, inicialmente como devaneio em passados diversos, alçados mentalmente e depois, bruscamente irrompido pelo presente, pela necessidade da ação concreta do machado, parece que o poema teria sido escrito no curto descanso, carregando mais ainda o significado da premência ao rude trabalho que Schleiff iconiza.

A seqüência das quatro estrofes onde a ação se desenvolve - inicialmente o passado (emigração), seguido da situação presente (colonização), a partir do qual dá um salto a um passado mais remoto (infância), para finalmente retornar ao presente (trabalho) – é passível de ser reduzida a um esquema do tipo passado - presente - passado – presente, em que parece reafirmar a interpenetração dessas categorias temporais no imaginário do poeta imigrante, levando, entre outras decorrências, a uma dificuldade no estabelecimento de sua própria identidade.

Já no poema "TEUTO-BRASILIANER", de Gorg Knoll, apesar da temática buscar uma afirmação étnica e de identidade, o autor explicita mais ainda sua situação dual. Knoll estabeleceu-se como colono em Blumenau. Encetou, porém, pouco depois, vida nômade de

peregrinações pelo estado, até aparecer lecionando em Florianópolis e Lages, no colégio São José, dos Padres Franciscanos.¹⁰³

TEUTO-BRASILIANER¹⁰⁴

Georg Knoll

Nicht schäm'ich der deutschen Abkunft mich,
Bin stolz auf meine Ahnen,
Wenn auch im Land ein Fremdling ich,
Wenn auch mich Stimmen mahnen,
Daß hier in dieser fremden Flur
Man sagt: Du bist ein Deutscher nur!

Ein Deutscher bin ich! Hört es recht,
Vom Scheitel bis zur Sohle,
Deutsch war von jeher mein Geschlecht,
Und diesem Land zum Wohle
Und nicht zum Rückschritt kommen wir,
Das, Kritiker, das merke dir.

Was ich zu tun hab', kann ich gut,
Ihr Kritiker seid Mahner,
Ich bin in meinem Fleisch und Blut
Ein Teutobrasilianer.
Ihr habt das fremde Angesicht,
Doch Gott verläßt den Deutschen nicht.

O poema é constituído por três estrofes de seis versos cada, com o esquema de rimas ABABCC por estrofe. Pela própria natureza rítmica, este esquema de rimas normalmente induz a estrofe a uma sutil pausa entre o quarteto ABAB e o dístico CC, regra que não se

¹⁰³ BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau. Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950., p. 332.

¹⁰⁴ Publicado no "Der Volks-Bote Kalender für Deutschen in Sta. Catarina", de 1902, p. 106.

confirma nas duas primeiras estrofes deste poema, pois Knoll costura as duas (pseudo) partes com enjambements, onde o ritmo lógico, que exige a continuação no verso posterior para que se complemente o pensamento, traz consigo a premência da leitura ou da verbalização, sobrepujando a natural flexão que a alternância de ritmos causa à seqüência dos versos.

Knoll utiliza dois ritmos no poema, o primeiro, que aparece em doze versos, é constituído por uma seqüência de quatro jambos, como o primeiro verso da segunda estrofe:

Ein **D**eutscher **b**in ich! **H**ört es **r**echt,
 U — U — U — U —

 jambo jambo jambo jambo

O segundo ritmo, que aparece sempre no segundo e quarto versos de cada estrofe, é derivado do primeiro e constitui-se de uma seqüência de três jambos, como no segundo verso da segunda estrofe:

Vom **S**cheitel **b**is zur **S**ohle,
 U — U — U —

 jambo jambo jambo

Essa quebra de ritmo em versos específicos e uniformes vem a criar uma outra dimensão sonora, que apesar do aparente desequilíbrio mantém sua unidade. Se tomarmos, por exemplo, os versos dois a dois, transformando as estrofes de seis para três versos, verificamos que teríamos, para cada estrofe, dois versos de quatorze sílabas, seguidos de um de dezesseis. Ora, este último de dezesseis é o composto pelos dois últimos versos da estrofe original, com esquema de rima CC, que tende a destacar-se do corpo da estrofe. Os dois primeiros, que aglutinaram os quatro versos originais ABAB, mantêm, como se viu, sua simetria, com o mesmo número de sílabas poéticas. Tal aglutinação, mesmo que somente para fins de análise, é favorecida pela relação de continuidade sintática entre os primeiros quatro versos de cada estrofe, costurados entre si por, no máximo, vírgulas, sem que haja nenhum ponto final entre eles, permitindo assim uma leitura continuada. Uma possível versão deste poema é:

TEUTO-BRASILEIRO

Georg Knoll

Da alemã origem não me vexo,
Orgulho tenho de meus ancestrais,
Mesmo que no país um estranho
Mesmo que vozes me alertem
Que neste estranho rincão
Se diga: és tão somente alemão!

Alemão o sou! Ouçam,
Dos pés à cabeça,
Sempre, alemã foi minha linhagem,
E para o bem desta terra
E não para atraso seu viemos,
Disto crítico, tome nota.

Do que a fazer eu tenho, e bem o posso,
Vocês críticos monitores são,
Sou em carne e sangue
Teuto-brasileiro
O estrangeiro semblante vocês odeiam,
Mas Deus ao alemão não abandona.

O poema inicia com dois versos afirmativos quanto às referências étnicas do imigrante, onde afirma não se envergonhar de sua origem e o orgulho que tem dos ancestrais. O porquê de tal ansiedade por afirmar-se em construção prosaica apresenta-se nos próximos quatro versos da primeira estrofe, quando aponta sua situação de sentir-se um estranho no país onde vive, e além disso sob o menosprezo de "vozes" que o diminuem: "*és tão-somente alemão*". Essas "vozes" que descreditam o imigrante, o fazem tendo como parâmetro o Brasil simbolizado pela adjetivação "*neste estranho rincão*", que, como no poema de Victor Schleiff migra do país para o imigrante, e vice versa. Se o parâmetro é portanto o Brasil, as tais vozes podem ser atribuídas aos brasileiros, possivelmente nacionalistas. No âmbito catarinense

havia uma acirrada luta por poder entre as regiões decorrentes da colonização, notadamente o Vale do Itajaí e a região norte (Joinville e São Bento do Sul), e o planalto catarinense tendo como pólo a cidade de Lages, comandada pela família Ramos. As divergências se davam, sobretudo, nas diferentes formas de produção das duas regiões, no planalto com a pecuária extensiva e nos Vales inicialmente com a agricultura baseada em pequenas propriedades familiares e posteriormente na indústria. Tais "vozes" podem facilmente alinhar-se ao sexto verso da última estrofe do poema *Alte und Neue Heimat* de Victor Schleich "Mesmo que com afrontas assoberbados" e tem como motivação a situação das colônias alemãs no Brasil durante o pós primeira guerra mundial, quando houve constantes hostilidades aos imigrantes e descendentes. Essas hostilidades, que partiam principalmente da Inglaterra e dos Estados Unidos, traziam um interesse dissimulado no mercado brasileiro, vistos os constantes incrementos no comércio da Alemanha com o Brasil.

A primeira estrofe apresenta portanto o imigrante hostilizado em país estrangeiro, o que o leva, na segunda estrofe, a não deixar dúvida alguma sobre sua identidade: "*Alemão o sou!... dos pés à cabeça*" e parece não fazer tal declaração somente para si, pois exige a atenção de supostos ouvintes: "*Ouçam*". Os ouvintes, novamente, apesar de o poeta esmerar-se por dissimular-lhes as faces, são os que tinham projetos ideológicos diferenciados em relação aos dos imigrantes e descendentes. A estrofe prossegue alegando os motivos de sua presença: "*...para o bem desta terra/E não para atraso seu viemos*", razão sabidamente insuficiente e por demais altruística. Mais uma vez, como nos poemas de Victor Schleich, os fatores que influenciaram as levas de emigrantes a deixarem seu país de origem são ignorados na expressão poética em idioma alemão no Vale do Itajaí.

A estrofe termina com uma advertência, com um certo tom de advertência, como se dissesse, aguarde e verás: "*Disto, crítico, tome nota*". O grupo ao qual Knoll dirige sua voz é novamente mascarado quando este o identifica somente pela sua (suposta) atitude crítica. Neste e em alguns outros poemas de Victor Schleich, não há referência alguma quanto à etnia deste grupo opositor, nem suas formas de produção, sua organização e principalmente qual o problema "real" entre os dois grupos. Schleich acusa seus opositores de monitores, o que pode ser compreendido se observarmos o contexto da divisão de trabalho na cidade de Blumenau nas primeiras décadas do século passado, em que aos imigrantes cabia a agricultura e a indústria, atividades que enalteciam o trabalho físico e a perseverança; já os luso-brasileiros

de classe elevada e que alcançaram certa projeção eram em sua maioria ligados ao aparelho estatal brasileiro.

Na terceira estrofe, quando o poeta afirma ter o que fazer, e fazê-lo com propriedade, em verdade parece acusar seu opositor, o "crítico", de ócio. Tal caráter denotativo é reforçado pelo segundo verso quando Knoll nomina seus "críticos" de monitores, ou seja, aquele que vigia os outros (imigrantes), que, conforme insiste, estão trabalhando. Segue então a segunda declaração de nacionalidade dentro do mesmo poema: "*Sou em carne e sangue/Teuto-brasileiro*". A gritante contradição entre as duas declarações de nacionalidade, no primeiro verso da segunda estrofe: "*Alemão o sou...*" e no quarto verso da última estrofe: "(sou) *Teuto-brasileiro*" se desfaz quando observamos a estrutura que rege as três estrofes do poema. Na primeira o autor apresenta o imigrante e sua situação, como um resumo, uma paisagem inicial, a partir da qual surgem suas contradições e injúrias. Na segunda estrofe, onde se afirma alemão, há um leve predomínio de referência ao passado (sempre, foi, viemos) quando o autor lembra sua linhagem, o momento e as razões (sic) da imigração. Mesmo com alguns verbos no presente (sou, ouçam e tome) a atmosfera é calcada na cultura que os imigrantes trouxeram de um estágio anterior ao vivido no poema. Já na terceira estrofe, onde se afirma teuto-brasileiro, todos os verbos estão no presente (tenho, posso, são, sou, odeiam e abandona) com elementos que sugerem inclusive um futuro por vir: "*...Deus ao alemão não abandona*". Tais aparentes contradições possibilitam uma leitura integradora destas duas identidades se compreendermos que o imigrante sente-se alemão quando olha para o passado, quando vive, mesmo no presente, sua cultura, e teuto-brasileiro quando se debruça sobre sua situação presente, de cunho material ou econômico, ou ao porvir, quando os motivos são o trabalho e o prosperar.

Sob o ponto de vista estilístico, dentre os textos em língua alemã analisados neste trabalho, este é o menos "poético", com versos construídos de maneira cotidiana e absolutamente descritivos. O poeta utiliza somente dois tropos durante todo o poema, no segundo verso da segunda estrofe: "*Dos pés à cabeça*" e o terceiro da terceira estrofe: "*Sou em carne e sangue*". Essa falta de poeticidade, se é que isto exista, decorre em parte pela opção do autor pelo discurso ideológico, afirmativo, onde a própria motivação do poema parece não ter sido original e sim uma "resposta" a uma crítica ou discordância para com seu grupo rival. A falta de figuras estilísticas que o diferencia de outros poemas igualmente

escritos em idioma alemão no vale do Itajaí também é evidenciada quando o poeta não segue uma estrutura rítmica definida, usando versos de seis e oito sílabas poéticas.

Interessante observar a busca por uma totalidade utópica que Knoll imprime em suas definições de nacionalidade, pois quando é alemão o é "*dos pés a cabeça*" e quando teuto-brasileiro "*em carne e sangue*". Mas mesmo aqui, ao citar algo uno, completo, monolítico, o poeta utiliza expressões dicotômicas, divididas e, de certa maneira, complementares, caracterizando as angústias do imigrante e suas relações com as duas nações que habita, a alemã, através da memória e a preservação de sua cultura, e a brasileira, a real, a de que de fato dispõe.

Outro poema em que se verifica a relação conflituosa de sentimentos no imigrante alemão na região de Blumenau é "ERINNERUNG", também de Georg Knoll:

ERINNERUNG¹⁰⁵

Georg Knoll

Aus Bergeshöh!, an einen Feiertag; -
Ringsum ist Frieden, nur der helle Schlag
Des Glockenvogels na das Ohr mir schallt
Des Sabiás Geflöte aus dem Wald.

Da tritt so leis vor meinen geist'gen Blick
Dies sonnumstrahlte Landschaftsbild zurück;
Und die Gedanken irren weit, so weit
In's Paradies der sel'gen Kinderzeit.

¹⁰⁵ Publicado no "Volks-Bote Kalender für Deutschen in Sta. Catarina", de 1902, p. 125, no "Uhle's Illustrierter Deutsch-Brasilianischer Familien-Kalender", de 1923, p. 104, e no "Kalender für die Deutschen in Brasilien", de 1928, p. 97.

Da streckt sie sich vor meinen Augen aus -
Die kleine Stadt, dort meines Vater Haus,
Dort ist der Garten, wo ich Früchte brach,
Und dort das Schloß, wo uns're Schule lag.

Die Giebelhäuser mittelaltrig fest,
Dort auf dem Schornstein tront der Störche Nest,
Und aus dem Turme ruft die Glocke fromm
Hernieder mir ein dröhnendes Willkomm.

Da faßt es mich mit einem tiefen Weh,
Mit tränamfiorten Blick das Bild ich seh,
Vergessend Zeit, Raum und Familienband
Mein Herz, es kehrt zurück ins Vaterland.

O poema é dividido em cinco estrofes de quatro versos cada, com esquema de rimas regulares do tipo AABB. Este esquema, como no exemplo anterior, induz a uma breve cisão da estrofe em dois dísticos, compostos pelo primeiro e segundo versos e pelo terceiro e quarto. O esquema rítmico é composto por versos constituídos por cinco jambos, como nos primeiros dois versos da primeira estrofe:

Aus **Bergeshöh!**, an einen **Feiertag**; -
U — U — U — U — U —
Ringsum ist Frieden, nur der helle Schlag
U — U — U — U — U —

Uma tradução literal pode ser a seguinte:

RECORDAÇÃO

Georg Knoll

Do alto da montanha! Em dia feriado;-
Tudo é paz, só o claro canto
Da araponga no ouvido ecoa,
Do sabiá da floresta o cantarolar.

Lentamente do olhar da mente
Se retrai o ensolarado quadro;
E os pensamentos se perdem ao longe, tão longe
Quanto o paraíso da infância fora.

Estende-se aos meus olhos-
A pequena cidade, a casa de meu pai,
O jardim no qual as frutas colhia,
O castelo com nossa escola.

As empinadas casas, de medievais alicerces,
Com chaminé onde a cegonha em seu ninho reina
E da torre o devoto sino chama
Altissonantes me desejando boas-vindas.

Tomado por profunda tristeza,
O quadro com lacrimajante olhar eu vejo,
Do tempo, espaço e laço de família esquecido,
Coração meu, de volta à terra em que nasci.

A primeira estrofe sintetiza o local onde se passa o poema e a atmosfera de tranquilidade que move o autor: "*Do alto da montanha! Em dia feriado/Tudo é paz...*". As caminhadas às montanhas eram uma das poucas opções de lazer de que o imigrante dispunha, e vários são os relatos e fotos de piqueniques e incursões na mata virgem que a historiografia nos deixou. Nesta estrofe o imigrante parece bem adaptado à nova terra, sentindo-se em paz e

em harmonia com seu novo meio, já conhecendo inclusive os pássaros nativos, arapongas e sabiás, pelos seus cantos. O léxico que Knoll utiliza nesta estrofe, carregado de referências sublimes (alto ao invés de baixo, dia em vez de noite, feriado em contraposição ao trabalho, paz/guerra, pássaros, floresta, cantos) imprime ainda mais a elevação de espírito ao protagonista, envolto em paz ("*Tudo é paz*"). As referências de realidade, de racionalidade, do tempo desenvolvendo-se conforme seu padrão natural, são reforçadas pelo caráter descritivo e habitual que a linguagem assume na primeira estrofe, sendo a expressão: "*Tudo é paz*" a única metáfora do segmento. A sensação paradisíaca que toma o autor leva-o à introspecção, como se orientasse as atenções para dentro de si, enquanto seus sentidos, metaforizados pelo autor pela percepção de um quadro que aprecia, se fecha a sua frente: "*Lentamente do olhar da mente/Se retrai o ensolarado quadro*". Ao abstrair a realidade concreta, seus pensamentos "*...se perdem ao longe, tão longe/Quando o paraíso da infância feliz:*". Knoll utiliza o tempo como unidade de distância, tão longe se vê da velha pátria, que o caminho que os separa é o mesmo que o passado, este sim distante e intangível.

Nesta segunda estrofe, as figuras de linguagem (olhar da mente, ensolarado quadro, pensamentos se perdem, paraíso da infância) predominam sobre o discurso descritivo e prosaico que conduzia a anterior, reforçando o caráter não material, sensível que o poema assume neste momento.

Após o retraimento do "quadro" que apreciava até então com seus cinco sentidos e o perder-se em pensamentos, estende-se sobre seus olhos a "visão" da cidade natal, da casa dos pais e do jardim onde colhia frutas. Todas as lembranças são revestidas de pura inocência, onde a existência de um jardim remete-nos a um certo zelo, só possibilitado depois que as necessidades básicas tenham sido alcançadas. Igualmente as frutas colhidas, se não indicam prosperidade, ao menos descartam problemas com alimentação. Nesta visão possibilitada pelos pensamentos perdidos, tudo parece estar em seu perfeito lugar. Observe-se o mergulho que seus pensamentos permitem em suas lembranças, alçando inicialmente a cidade, como que a sobrevoasse e de lá avistasse a casa dos pais, para só depois alçar o círculo do jardim e por fim chegar aos frutos. A citação do castelo, que continha sua escola, é igualmente infantil, pois ao menos sugere as relações de dominação que o castelo, símbolo do sistema econômico que oprimia o emigrante, exercia sobre seus ainda vassalos. A escola igualmente sugere a existência uma vida social na qual o narrador se insere: *... "nossa escola..."*.

Na quarta estrofe continua o devaneio a que seus pensamentos o levam, lembrando-se das casas específicas de sua região de origem, "empinadas", próprias das regiões frias, para que a neve não se acumule. Segue uma série de símbolos de sua terra natal, quase todos em contraposição ao que vive no novo mundo como imigrante. As próprias casas, que lá erguiam-se empinadas, aqui pousam planas ao infrutífero ataque das chuvas. A referência aos alicerces medievais parece transcender o mero apoio físico das casas e ampliar-se para denotar talvez a longa história e cultura que os antepassados lhe legaram, ao contrário de seu novo país, que contava poucos séculos.

O segundo verso da quarta estrofe nos possibilita uma indicação clara tanto da época quanto do local para onde o pensamento do autor teria voado. Os chaminés permitem identificar temporalmente a cena no período pré industrial, sem as facilidades da vida dita moderna, como gás ou energia elétrica. Já a coexistência com a cegonha leva-nos à Europa Central. Igualmente aqui as comparações/tensões entre as duas pátrias se materializam, com a cegonha associada ao chaminé (passado) e o sabiá à floresta (sua atual situação=presente). A estrofe encerra com outra lembrança infantil, dos sinos chamando para o culto religioso, outra atividade social que o autor revive em seu devaneio. Interessante perceber que na primeira estrofe, quando o autor descreve sua situação presente, não há nenhuma citação a qualquer atividade social; ao contrário, a realidade parece mais cruel que qualquer metáfora, ele está sozinho no alto de uma montanha, ou seja, no meio da selva.

Na quarta estrofe o autor "acorda" do sonho e se dá conta de sua real situação, retornando imediatamente o foco do poema ao protagonista, alter ego do poeta. A própria pessoa, que nas duas estrofes anteriores foi conjugado no plural: "*nossa escola*", ou mesmo quando no singular: "*o devoto sino chama/ Altissonantes boas-vindas me desejando*" no fundo se refere a uma ação individual realizada entre outras pessoas, pois o autor não era o único a ser chamado pelo sino; na última estrofe individualiza-se com várias recorrências de conjugação no singular: (tomado, eu, vejo, meu). A atmosfera sublime das duas estrofes anteriores é incisivamente rompida com a "volta" dos pensamentos da infância e a compreensão da impossibilidade de retorno ao passado, que para além de um período temporal específico e anterior ao atual, assume matizes de infância, de inocência e, em síntese, de felicidade.

Em “MEIN VATERHAUS” o imigrante Rudolf Damm aborda, de maneira singela e apaixonada, a situação do imigrante na nova terra. Este poema foi musicado e tornou-se um dos hinos dos teuto-brasileiros no sul do Brasil, sendo cantado, ainda hoje, nas festividades realizadas pelas Sociedades 25 de julho em Blumenau e São Leopoldo, entre outras:

MEIN VATERHAUS¹⁰⁶

Rudolf Damm

Aus blauen Wogen steigt ein Land,
Na Schönheit, Glanz und Anmut reich;
Der Urwald ist sein Prachtgewand;
Auf Erden ist kein Land ihm gleich.
Aus dem Orangerhain heraus
Schaut hier mein liebes Vaterhaus.

Hier fand der Nordens blonder Sohn
Ein neues Heim auf grüner Flur.
Hier spendet ihm verdienten Lohn
Die ewig schaffende Natur.
Und wie in einem Blütenstrauß
Versteckt liegt hier mein Vaterhaus.

Früh bei der Sonne erstem Strahl
Grüßt Vogelsang den jungen Tag.
Weithin schon durch das stille Tal
Erklingt von Wald der Äxte Schlag.
Und in die Morgenpracht hinaus
Trefich aus meinen Vaterhaus.

¹⁰⁶ Publicado no “Kalender für die Deutschen in Brasilien”, de 1915, p. 36, no “Brasilianischer Volks-Kalender”, de 1949, p. 7, no “Almanaque Wille Kalender”, de 1960, p.110, e no “Brasilianischer Heimat-Kalender”, de 1966, p.7.

Flink regt die Hände jung und alt
 Und schafft mit nimmermüdem Fleiß
 In Flur und Feld, in Wies'und Wald
 Und wohlgemut, trotz saurem Schweiß,
 Bis abends süßer Ruhe Glück
 Sie winkt ins Vaterhaus zurück!

Klar weht der Bach, lind weht die Luft
 Und Früchte reifen ohne Zah!
 Rings Sonnenschein, rings Blumenduft-
 Hier kennt das Herz nicht Sorg'und Qual!
 Wo ist ein Heim, landein, landaus,
 So schön wie hier mein Vaterhaus?

O ritmo essencialmente musical é obtido pela uniformidade sonora dos versos, compostos por quatro jambos, como na primeira estrofe:

Aus **blauen Wogen steigt ein Land,**
 U — U — U — U —
 Na **Schönheit, Glanz und Anmut reich;**
 U — U — U — U —
 Der **Urwald ist sein Prachtgewand;**
 U — U — U — U —
 Auf **Erden ist kein Land ihm gleich.**
 U — U — U — U —
 Aus **dem Orangerhain heraus**
 U — U — U — U —
 Schaut **hier mein liebes Vaterhaus.**
 U — U — U — U —

 jambo jambo jambo jambo

Afora o quarto verso da segunda estrofe e o terceiro da terceira, onde há uma quebra rítmica decorrente de um sutil deslocamento de sílabas breves e longas, todos os outros mantêm esse ritmo picado e musical, que, dependendo da entonação que se der à leitura, se se sobressaltar por exemplo a quarta e a oitava sílabas, poderá se transformar em um par de péon quarto, tornando-o martelado, ficando esquematicamente assim:

Aus blauen **W**ogen steigt ein **L**and,

U U U — U U U —

Mas o mais provável talvez seja a seqüência dos quatro jambos, que sonoramente se aproxima dos hinos cantados.

As estrofes, de seis versos, se constituem sob um esquema de rimas finais ABABCC, que, conforme dissemos anteriormente, induz, por sua própria natureza, a uma divisão em dois blocos independentes, tendo como componentes a quadra inicial com rimas ABAB, seguido do dístico CC. Mas agora, diferentemente do poema de Georg Knoll, Rudolf Damm potencializa ainda mais a pausa, inicialmente pela própria pontuação, pois afora a quarta estrofe, nas outras todos os quartos versos das estrofes são concluídos com ponto final, o que, mais do que simples término do verso, sinaliza a conclusão do pensamento que se expunha.

Outros fatores que contribuem para o alongamento da pausa são as alterações de ponto de vista narrativo e conjugação, entre os segmentos nas estrofes, e o próprio caráter de estribilho que os dísticos assumem por fundarem-se em estrutura semelhante, concluindo com a mesma palavra (Vaterhaus), e ainda a rima final CC que, novamente afora a quarta estrofe, terminam todas com "aus".

Como nos outros poemas, se observa inicialmente um rigor formal que conduz a feitura do texto, tendo todos os versos oito sílabas e todas as estrofes seis versos. Mais ainda, o ritmo cadenciado dos versos é uniforme, com pés constantes, o que nos aponta um interesse pela sonoridade da língua e seus poderes na expressão de sentimentos. Uma possível tradução, atendo-se somente ao conteúdo literal dos versos, é:

MINHA CASA PATERNA

Rudolf Damm

De azuis vagas uma terra emerge,
Rica em beleza, brilho, encantos;
A mata virgem é seu luxuoso manto;
No mundo terra sem par.
Do laranjal me acena
Minha casa paterna querida.

Aqui o loiro filho do norte
Novo lar em verde campina encontrou
Aqui recebe seu pago
Da eterna e produtiva natureza.
E como num ramo de flores
Minha casa paterna aqui se esconde.

Cedo, ao primeiro raio de sol
Saúda das aves o gorjeio o novo dia.
Mas já perpetrando o silene vale
Ressoa da mata o golpear dos machados.
E no esplendor da manhã
Deixo minha casa paterna.

Hábeis se movimentam jovens e velhas mãos
E trabalham com incansável dedicação
Na roça e lavoura, em pastos e matas
E bem-humorados, mesmo sob acre suor,
Até que feliz e doce descanso
De volta os chama à pátria casa!

Em claras águas flui o córrego, amena sopra a brisa
E frutos sem conta maduram!
Tudo é luz do sol, tudo é perfume de flores-
Não se preocupa nem se aflige o coração!
Onde existe um lar, terra adentro, terra afora,
Tão belo qual minha casa paterna?

O poema inicia com uma velada referência à travessia do oceano e à chegada do imigrante, por mar, à nova terra: "*De azuis vagas uma terra emerge*". Sua condição primeira, sua história individual passada e as razões que o levaram a emigrar são desconsideradas pelo autor, como na maioria dos textos em idioma alemão no Vale do Itajaí, retratando, como já dissemos, a dificuldade que o imigrante tinha em expressar seu momento anterior. A metáforização que Rudolf Damm utiliza para descrever o "surgimento" da nova terra é igualmente emblemática. Pelo descrito no poema ela não tem passado, não tem história, por extensão não tem dono, ela simplesmente surge do meio das vagas, "emerge" do fundo do nada.

Cá chegado por uma peripécia que só a linguagem permite, o imigrante surpreende-se com as qualidades da nova terra: "*Rica em beleza, encantos*". A forma com que descreve a mata virgem, comparando-a a um "*luxuoso manto*" parece representar a exuberância de espécies que a floresta atlântica possui e a sua densidade e entrelaçamento de árvores e cipós de várias cores e texturas, se comparado às florestas européias. Segue então a exaltação "*No mundo terra sem par*", que pode ser compreendido de duas maneiras, a primeira, mais lógica, como a expressão metaforizada da beleza e dos encantos da nova terra. A segunda talvez refira-se, implicitamente, ao mundo como terra conhecida do imigrante. Neste caso, para a maioria dos alemães que vieram ao sul do Brasil, restringe-se a abrangência do mundo a esses dois países.

A divisão da primeira estrofe em dois blocos é explícita, pois o quarteto inicial é uma descrição em terceira pessoa da chegada do imigrante e aponta impressões adjetivadas e genéricas sobre a nova terra. Neste primeiro bloco, todos os versos contêm figuras de linguagem, tornando-os estilisticamente mais "poéticos", não havendo amarração sintática mais rígida entre os mesmos. Também o correr do tempo não parece obedecer seu fluxo

natural, passando do momento do desembarque para os encantos da floresta, bem como o léxico, que igualmente tende ao indefinido e a adjetivações (uma terra, beleza, encantos, luxuoso, mundo), conduzem o trecho a uma atmosfera onírica e abstrata. Já no dístico que segue, a maioria dessas considerações se modifica. Aqui se introduz a voz do narrador em primeira pessoa alterando o ponto de vista da narrativa e apesar da metáfora "*laranjal me acena*", o autor está cercado por objetos concretos (laranjal, casa) em sua devida disposição. A casa paterna é nesta primeira estrofe associada ao "*laranjal que acena*", que parece revestir-se de um significado que aponta para a boa convivência entre a casa paterna (imigrantes e descendentes) e o laranjal (nova terra).

Na quadra da segunda estrofe retorna o narrador da primeira, o que Wayne Booth chamaria de onisciente, aquele que conta a história tendo amplo domínio sobre os fatos narrados, quer seja no presente ou no passado. Neste primeiro bloco da estrofe é nominado, através da metonímia "*loiro filho do norte*", a identidade destes imigrantes, ou seja, são de origem germânica. Segue outra ligeira referência à imigração quando afirma, no segundo verso, ser aqui seu "*Novo lar*", mas se exime de falar sobre o anterior, que por oposição complementar, podemos concluir ter existido. Ainda observando aspectos de complementaridade e contraposição, a citação que este novo lar situa-se "*em verde campina*" suscita valores de fecundidade do solo da nova pátria, que parece não ter paralelo na velha terra. Também podemos divisar algumas características econômicas por que passou o imigrante em sua terra natal quando ele afirma que "*Aqui (o imigrante) recebe seu pago/ da eterna e produtiva natureza*". Quando o poeta ressalta que "aqui" se recebe o pago, parece sugerir que no velho mundo tal não ocorria, sendo esse o principal motivo que o levou a emigrar. O dístico da segunda estrofe retorna, como um refrão, em primeira pessoa e no presente, e faz novamente uma referência à casa paterna entre a natureza que o envolve, como "*num ramo de flores*".

A terceira estrofe é toda no presente e a pausa entre os blocos de rimas ABAB e CC é atenuada pela manutenção do estilo e a continuidade temáticas. Os versos, apesar de descritivos, evocando imagens cotidianas, são ornados por figuras de linguagem e apesar do dístico final ser em primeira pessoa, ao contrário das quadras que são em terceira, nesta estrofe os dois últimos versos complementam a descrição da manhã que nasce e chama os imigrantes ao trabalho, quando o próprio narrador parece se juntar aos trabalhadores que

deixam suas casas ao raiar do dia. A estrofe inicia com a aurora na mata e os gorjeios dos pássaros, suscitando tranqüilidade e alegria, que é interrompida pela contraposição indicada pelo condicionante "mas", que atenta para o golpear dos machados, chamando o imigrante. Este imediatamente atende à premência do trabalho: "*E no esplendor da manhã/Deixo minha casa paterna.*" Aqui, pela primeira vez no poema, as duas formas narrativas que Damm utiliza se aproximam, e a atitude passiva de contemplação dos dois dísticos anteriores ("*Do laranja me acena*" e "*Como num ramo de flores*") é alterada, passando o narrador em primeira pessoa a realizar alguma tarefa, alinhando-se assim à dinâmica descritiva do narrador em terceira pessoa.

A terceira e a quarta estrofe mantêm certa unidade temática que gira em torno das atividades do imigrante desbravador na nova terra. Na quarta estrofe o narrador se assume ativo participante na divisão de trabalho de uma pequena propriedade cuja forma de produção é a agricultura familiar, descrevendo-a em vários de seus aspectos. O primeiro deles, já no primeiro verso, aponta para a existência de "jovens e velhas mãos", que representa de fato a estrutura familiar de uma propriedade típica no Vale do Itajaí durante a colonização, onde viviam sob o mesmo teto três gerações¹⁰⁷, e todos, desde as crianças, até os avós, tinham suas tarefas específicas. As atividades diárias são lembradas, desde a agricultura (roça, lavoura), a pequena criação (pastos) e a extrativa (matas) e, conforme o autor, são realizadas por trabalhadores "bem-humorados", mesmo "sob acre suor". Possivelmente há várias interpretações sobre esta afirmação, mas basicamente podemos compreender como sendo gratificante o trabalho que tem "seu pago", ou seja o imigrante trabalha bem humorado pois, diferentemente de sua condição no velho mundo, a terra é sua, e os lucros provenientes de seu suor são seus. A estrofe encerra com o dístico, pela única vez no poema em terceira pessoa, ou seja, na mesma conjugação da quadra que o precedeu, perdendo aqui seu caráter de estribilho. A própria divisão entre os blocos é diminuída pela separação por vírgula entre eles, ou seja, apesar de uma breve flexão, eles pertencem ao mesmo pensamento.

Nesta estrofe o narrador em terceira pessoa domina, tanto na conjugação de fato dos verbos, quanto na natureza descritiva e cotidiana, que leva o poeta a optar por construções menos elaboradas estilisticamente, com poucas e rasas figuras de linguagem. Digo rasas as

¹⁰⁷ WILLIEMS, Emílio. *A Aculturação dos Alemães no Sul do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional-INL/MEC, 1980, p. 302.

figuras que podem ser lidas como textos literais, cuja legitimidade pode ser contestada; caso, ao meu ver, já do primeiro verso: "*Hábeis se movimentam jovens e velhas mãos*". Em termos denotativos, as mãos se referem aos homens que as portam, um caso típico de uma metonímia "parte pelo todo", e os movimentos representam o trabalho, outra metonímia do tipo "causa pelo efeito", mas podem ser os próprios movimentos das mãos que encantem o poeta, diferentemente do primeiro verso do poema: "*De azuis vagas uma terra emerge*", que só pode ser apreendida metaforicamente, ou mediante um marmoto.

Na última estrofe, o foco narrativo se afasta do descritivo, apontando para um resumo apologético da natureza e sua nova condição de vida, traduzida através de uma visão paradisíaca da nova terra, onde os adjetivos apontam para serenidade, equilíbrio e racionalidade, pois o córrego flui em águas claras, a brisa sopra amena e os frutos sem conta maduram, de maneira natural e harmoniosa. No terceiro verso o autor parece possuído, em um transe, diante de celestial visão, onde "*Tudo é luz do sol, tudo é perfume de flores*". O autor, nesta última estrofe, parece imerso em seu mundo físico, presente, constatado a partir de freqüentes alusões aos seus cinco sentidos, onde as águas são claras (visão), o córrego flui (audição), a brisa sopra (tato), frutos maduram (paladar) e as flores perfumam (olfato). A flexão de todos os versos da estrofe no presente também conduz o foco para a realidade imediata e sua aparente satisfação. Aqui observamos, novamente por relações de complementaridade, poucas referências às condições de vida do imigrante em sua vida no velho mundo, quando na terceira estrofe afirma que, em sua nova condição, "*Não se preocupa nem se aflige aqui o coração!*". A palavra "aqui" parece denunciar que em outros lugares o coração se preocupa e se aflige, e visto que os imigrantes em sua maioria conheciam somente os dois países, pode-se concluir que em sua condição anterior, na Alemanha, seu coração se preocupava e se afligia.

Sob um aspecto geral, há uma certa ordem que rege a seqüência das estrofes. A primeira, como ponto zero de muitos poemas em idioma alemão em Blumenau, descreve a chegada à nova terra, na segunda aponta para a instalação nos lotes, já havendo referências à verde campina e à produtiva natureza, ou seja, o desbravador já planta e colhe algo, já desenvolve alguns tipo de agricultura, provavelmente de pequena extensão. A terceira estrofe apresenta o trabalho no contínuo desbravamento a machado, que no período colonial era instrumento da maior importância ao colonizador, pois além da derrubada da mata para a

agricultura, fazia parte do uso diário na cozinha, para "picar" lenha e para a confecção de instrumentos para o jardim. A quarta estrofe de certa maneira é uma continuação da terceira, agora com as atividades agrícolas mais desenvolvidas; a citação de roça e da lavoura aponta para uma diversificação do plantio, atividade econômica preponderante, que aliado à presença de um "pasto", provavelmente com algumas cabeças de gado leiteiro, indicam uma aparente prosperidade, "seu pago", depois de uma vida (lembremo-nos das três gerações que convivem em casa) de trabalho. Tal suposta prosperidade é cantada na última estrofe, que representa a própria visão do paraíso, alçada, conforme o poema, pela conjunção da terra maravilhosa que "emergiu" do mar e o trabalho do colonizador.

Neste poema o poeta opta por não descrever nenhum contratempo, nenhuma dificuldade por que teriam passado os imigrantes. E não foram poucos, entre os quais as freqüentes enchentes, onde se perdia as lavouras e morria o gado; as doenças tropicais e os ataques indígenas. O poema não traz nenhuma citação a relações interétnicas com os luso-brasileiros, ou mesmo com os outros imigrantes como os italianos, nem a atividades sociais a que o autor se dedicava. Com tão poucas referências à realidade concreta, o poema realiza-se como hino que busca o enaltecimento de sua nova condição de maneira apologética e passional, carregando nas figuras de linguagem e se afastando da realidade social que o cerca.

Também em "DEUTSCHE WORTE, DEUTSCHE WEISEN", Rudolf Damm atenta primordialmente aos aspectos formais da composição, tendo como consequência uma musicalidade esmerada:

DEUTSCHE WORTE, DEUTSCHE WEISEN¹⁰⁸

Dudolf Damm

Deutsche Worte, deutsche Weisen
Klingen schmeichelnd mir ins Ohr,
Und die holden Zauberklänge
Spiegeln mir die Heimat vor
Deren Bildnis sich im Drange
Rauher Zeiten schier verlor:
Deutsche Worte, deutsche Weisen
Klingen schmeichelnd mir ins Ohr.

Deutsche Worte, deutsche Weisen
Dringen lockend mir ins Herz,
Wecken um die längst entschwundene
Heimat neuen Sehnsuchtsschmerz,
Und ich lausche feuchten Auges
Und mein Geist zieht heimatwärts:
Deutsche Worte, deutsche Weisen
Dringen lockend mir ins Herz!

Deutsche Worte, deutsche Weisen
Singen tröstend mir ein Lied,
Das mich sanft aus welchem Banne
Wieder hin zur Heimat zieht,
Ach! Von der seit langen Jahren
Mich des Glückes Ungunst schied:
Deutsche Worte, deutsche Weisen
Singen tröstend mir ein Lied'

¹⁰⁸ In Huber, Valburga: "Saudade e Esperança", Editora da FURB, pg. 72.

Deutsche Worte, deutsche Weisen,
 Klinget rauschend immerdar!
 Preiset stolz des Landes Größe
 Das dereinst uns Heimat war!
 Preist den Bronnen deutschen Geistes,
 Der uns sprudelt hell und klar:
 Deutsche Worte, deutsche Weisen,
 Klinget rauschend immerdar!

O poema é constituído por quatro estrofes de oito versos cada, e apresenta, como a maioria dos textos em idioma alemão produzidos na região de Blumenau, um princípio organizador explícito, como se a expressão artística teuto-brasileira só fosse possível dentro de alguns moldes estabelecidos, canonizados, pertencentes ao extrato cultural de origem, cuja forma perpetua a tradição de Gothe e Schiller e a temática incorpora, entre outras motivações, o nacionalismo de Herder, sublimadas pelo estilo romântico que potencializa as expressões individuais, e, é claro, o processo imigratório no qual foram inseridos.

O poeta construiu os versos em uma estrutura rítmica simétrica por todo o texto, marcada pela cadência decorrente dos quatros pés troqueus que o constituem, como mostrado no exemplo abaixo do primeiro verso do poema, onde se grifaram as sílabas longas:

Deutsche Worte, deutsche Weisen
 — ◡ — ◡ — ◡ — ◡

 troqueu troqueu troqueu troqueu

Alguns versos têm o último troqueu truncado, como no segundo da segunda estrofe:

Dringen lockend mir ins Her,

— ∪ — ∪ — ∪ —

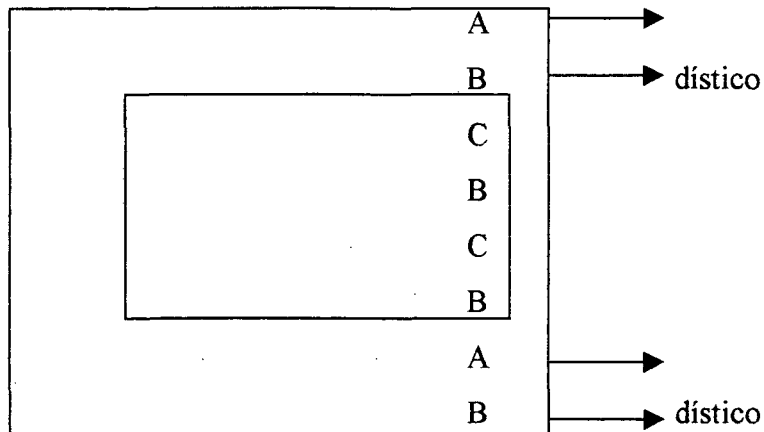
troqueu troqueu troqueu ½ troqueu

Tal fragmentação do último pé não prejudica o esquema rítmico e a musicalidade não se altera pois a marcação de final de verso é dada, como vimos, pela última longa (ou tônica). Decorre que o último fonema, nestas condições, tende a se alongar um pouco mais, de modo que compense a ausência da breve, que Wolfgang Kaiser¹⁰⁹ entende ter a duração de metade de uma longa, fatia que se soma à última longa, neste exemplo.

Os oito versos de cada estrofe se estruturam e se interligam através de um esquema de rimas finais do tipo misto ABCBCBAB, que em função de sua complexidade sonora permite ao poeta toda uma sorte de assonâncias e aliterações. Este esquema tende a concentrar a força da estrofe no trecho compreendido entre o terceiro e o sexto verso, visto que os primeiros dois, que por sua natureza de estribilho formam um dístico, são repetidos no final de cada uma das quatro estrofes, tendo como função a introdução e o fechamento do trecho. Ainda mais, os primeiros e sétimos versos de cada uma das quatro estrofes, perfazendo oito aparições, apenas repetem o título e o esquema de rimas; apesar da rima final B aparecer intercalada por outras durante toda a estrofe, é entre os versos três e seis que forma uma quadra com a rima C. Tal esquema pode ser visualizado no gráfico abaixo:

¹⁰⁹ KAISER, Wolfgang: *Análise e Interpretação da Obra Literária*. Martins Fontes Editora, Coimbra, 1976, p. 82.

Estrofe



As recorrências da rima **B** por toda a estrofe, nos versos pares, bem como as repetições de versos inteiros durante o poema elevam o caráter sonoro do texto, objetivo indiscutível do autor, tamanho o preciosismo rítmico que imprime às estrofes. O significado do texto, a mensagem que propaga, após tamanho burilamento formal, parece ofuscar-se, como se vê na tradução que segue:

PALAVRAS ALEMÃS, CANÇÕES ALEMÃS

Rudolf Damm

Palavras alemãs, canções alemãs
Acalentosas soam aos meus ouvidos
E a graça dos sons encantadores
A terra natal me retrata
Cuja imagem na aflição
De rudes tempos por pouco se perdeu:
Palavras alemãs, canções alemãs
Acalentosas soam aos meus ouvidos

Palavras alemãs, canções alemãs
Penetram sedutoras meu coração,
Despertando pela já desvanecida
Terra natal, nova, doída saudade.
E fico a espreitar de olhos úmidos
Meu espírito a migrar para os recônditos da terra em que nasci.
Palavras alemãs, canções alemãs
Penetram sedutoras meu coração.

Palavras alemãs, canções alemãs
A mim cantam em consolo uma canção,
Que de algum encantamento, delicadas,
Novamente à terra natal atraem,
Ah! Da qual há longos anos
A má sorte me apartou:
Palavras alemãs, canções alemãs
A mim cantam em consolo uma canção,

Palavras alemãs, canções alemãs
Soam sempre fortemente!
Enalteçam orgulhosas da terra a grandeza
Que outrora a pátria foi!
Enalteçam a fonte do alemão espírito,
Que nos borbulha luminoso e cristalino:
Palavras alemãs, canções alemãs
Soam sempre fortemente!

O texto inicia com a primeira das oito aparições do título no correr do poema: "*Palavras Alemãs, Canções Alemãs*", que forma com o segundo verso o dístico que se repetirá nos sétimos e oitavos versos de cada estrofe. Assim, mesmo integrado às estrofes de oito versos, o dístico apresenta características de estribilho e de moldura para a seqüência principal, concentrada na quadra formada entre os versos três e seis, com rimas CBCB. Essa recorrência do primeiro verso poema afora, expressão elevada a categoria de título, tende a

fazer dele o verso mais importante do texto, demandando certa cautela. Podemos aceitar sintaticamente que tanto as palavras como as canções alemãs soam aos ouvidos do autor, de modo que a vírgula do verso assuma status de soma dos dois membros, como se dissesse: As palavras alemãs e as canções alemãs.... Essa leitura entende "palavras" e "canções" como duas entidades independentes, ambas acalentosas e sedutoras ao poeta. Mas a associação entre as expressões "palavras alemãs" e "canções alemãs", separadas pela vírgula, pode se dar de modo diverso, por exemplo, com a segunda sendo um qualitativo da primeira, intuindo poeticamente a assertiva de que as palavras alemãs seriam tão agradáveis e envolventes quanto as canções. Sob essa interpretação, o foco do poema cai sobre uma única entidade, as palavras alemãs, que adjetivadas sonoramente ao status de canções, assumem a perspectiva de toda língua alemã. A própria opção pelo verbo "soar" ante a representação do efeito das palavras nos ouvidos do autor imputa-nos uma atmosfera elevada pela associação ao elemento religioso de que o sino se reveste. São vários os textos que fazem referência ao sino, sempre em metonímia, como no poema "ERINNERUNG" de Georg Knoll, anteriormente citado: "*E da torre o devoto sino chama/Altissonantes boas-vindas me desejando*". Ou ainda em "HEIMWEH" de Victor Schleich: "Com os sinos chamando à igreja".

As palavras alemãs, elevadas à categoria de canções, são entendidas pelo autor como dotadas de poderes "encantadores". O poder das palavras é o de, conforme o texto, rememorar o passado: "*A terra natal me retrata*". Mas o tom elevado e solene que reveste os primeiros quatro versos da estrofe, permeados por referências sublimes como "*acalentosas, soam, graça, encantadores*", se inverte nos versos cinco e seis: "*Cuja imagem na aflição/De rudes tempos por pouco se perdeu*". A estrofe finda com a repetição do dístico inicial. Essa primeira estrofe, de maneira sutil, nos permite certas considerações, algumas já apontadas nos poemas anteriores. A primeira delas é o tratamento simultâneo de duas realidades, a atual, na qual o autor se insere, seu presente, sua situação de imigrante já no novo mundo, que é representado nesta primeira estrofe pelo comentário, em tempo presente, do efeito das palavras alemãs no ouvido do autor, que segue pelos primeiros quatro versos, ou seja, metade do trecho, representando até neste aspecto a divisão da personalidade do imigrante. A segunda realidade, de que trata de maneira simultânea, se refere ao seu passado, sua vida antes da emigração, alçado somente através da memória. Esta segunda realidade, que traz consigo uma brusca alteração no andamento da estrofe, sugere as condições vividas pelo autor ainda na terra natal, mas como nos poemas anteriores, tais sugestões são sempre subjetivas e metaforizadas:

"...*aflição de rudes tempos...*". Novamente as condições reinantes no velho mundo e as reais razões da imigração são negligenciadas pelo poeta. A coexistência destas duas realidades no discurso poético teuto-brasileiro no vale do Itajaí parece ser, tantos os textos que o sugerem, sua maior característica.

O dístico da segunda estrofe, "*Palavras Alemãs, Canções Alemãs/ Penetram sedutoras meu coração*", indica o caráter não mental com que as palavras atingem o poeta, hospedando-se no coração, metáfora mor do sentimento, e por conseguinte, opositora da razão. Também a opção pelo verbo "despertar" sugere uma ação não resultante de esforço intelectual, pois elas despertam no autor, pela terra natal, uma: "...*nova, doída saudade*". Esta "nova saudade" sugere uma gama de novos sentimentos suscitado pelo processo migratório descritos como o "*pathos da imigração*".

De novo a estrofe é dividida nas duas realidades, iniciando no presente onde o autor é tocado pelas palavras alemãs, em uma atmosfera solene e reverente. Estas imediatamente levam o discurso poético, via pensamento, à realidade anterior, ao passado: "*E fico a espreitar de olhos úmidos/Meu espírito a migrar para os recônditos da terra em que nasci*". A fragmentação do imigrante é explícita quando no quinto verso, "*E fico...*", ele se apresenta em uma situação real, quase cotidiana, no presente do indicativo, fazendo referência, mesmo que com um viés metafórico (olhos úmidos=tristeza), aos olhos enquanto parte de seu próprio corpo, e a umidade do mesmo, seu estado de espírito "presente". Enfim, o verso reafirma a sua realidade, o imigrante, na nova terra, diante dos sentimentos de saudade e tristeza, tendo como parâmetro concreto seu próprio corpo físico. O verso que segue apresenta a segunda realidade, os recônditos da terra onde nasceu, alçada em espírito. O corpo está, portanto, para o presente, e o espírito para o passado.

O encantamento do poeta mediante as palavras alemãs e sua capacidade de transportá-lo em espírito ao passado é novamente explorado na quarta estrofe, iniciada pelo dístico: "*Palavras alemãs, canções alemãs/A mim cantam em consolo uma canção*". Quando o poeta imputa às palavras alemãs a nova função de consolá-lo, parece assumir que elas representam tudo o que lhe restou de um tempo difícil, quanto à situação econômica da maioria dos imigrantes, mas ao mesmo tempo lhe suscita muitas saudades. De fato, o que ainda mantém laços com seu passado, na maioria das vezes lembrado sob a ótica infantil, o que se mantém

vivo mesmo diante a inexorabilidade do tempo, é a língua materna, motivo pelo qual ela é reverenciada por vários poetas teuto-brasileiros.

Novamente o caráter mágico das palavras é reafirmado: "*Que de algum encantamento, delicadas, Novamente à terra natal atraem*". Como nos versos anteriores, o poeta é transportado à terra natal, e em pensamento traduz metaforicamente a razão de sua partida: "*A má sorte me apartou*". As condições que estabeleceram sua partida, sua opção pela emigração são agora atribuídas ao destino, à sorte, tamanha parece ser a vontade de ocultá-las.

Na última estrofe há uma significativa alteração de perspectiva narrativa. Durante as estrofes anteriores o narrador está no tempo presente; por mais que o som das palavras alemãs faça-o lembrar do passado, a ação se desenvolve no presente do indicativo (soam, retrata, penetram, fico, cantam, atraem). Na última estrofe assume o tom narrativo uma clara perspectiva de futuro conduzida pelos verbos no imperativo. O autor, que até então tecia considerações sobre o efeito das palavras alemãs, em sua sensibilidade pessoal, de foro quase íntimo, agora dirige seu discurso às próprias palavras, exigindo-lhes perenidade e robustez: "*Palavras alemãs, canções alemãs/Soem sempre fortemente!*".

A grandeza da língua parece associada ao passado, suporte que lhe permite, na ótica do poeta, a expectativa de futuro, quando exige que as palavras alemãs "*Enalteçam orgulhosas da terra a grandeza/Que outrora a pátria foi!*". Novamente observamos uma referência ao pós primeira guerra, época em que o poema foi escrito e publicado, através da sugestão de grandeza da pátria como pertencente ao passado. Mas mesmo aceitando a derrocada atual da pátria, incita as palavras alemãs para que "*Enalteçam a fonte do alemão espírito*", pois na perspectiva do autor este permanece vivo e "*nos borbulha luminoso e cristalino*". Aqui outra alteração. O poema, até então em primeira pessoa do singular, expande-se, nesta última estrofe, para o plural, sugerindo, sutilmente talvez, esse movimento de restabelecimento da "grandeza perdida" que a direção singular - plural suscita. Também a intensidade da ação das palavras alemãs que o poeta elenca durante o texto é drasticamente alterada nesta última estrofe. Nas estrofes iniciais os sons das palavras são percebidos quase como sussurros, inicialmente levando acalanto ao autor, na segunda estrofe penetrando sedutoras no coração e na terceira consolando-o através de uma canção. As três ações parecem ser revestidas de tranqüilidade e serenidade, aspectos essencialmente passageiros e

passivos. Na última estrofe o poeta imputa às palavras o dever de soarem "...*sempre fortemente*". Apesar de utilizar o verbo soar na primeira estrofe, lá seu efeito é o acalanto, aqui tende ao grito (*fortemente*). A veemência que o discurso assume nesta estrofe pode ser observada até pela concentração de pontos de exclamação, em três dos oito versos, enquanto o autor optou por mais nenhuma aparição durante as primeiras três estrofes.

A coexistência dos dois tempos no poema de Rudolf Damm, como foi dito, parece ser sua maior característica; é a partir desta análise que o poema se expande em instrumento de contato com a realidade histórica e social no qual ele teria sido criado, permitindo uma incursão ao pensamento do autor, suas angústias e perspectivas.

Quanto à postura ideológica que o poema assume em favor da manutenção da germanidade, o autor enaltece veementemente um de seus maiores pilares, a permanência do uso da língua alemã como elo que o liga a um passado glorioso.

Dos poemas em língua alemã que coletamos para análise somente "MUTTERSPRACHE" de Maria Kahle utiliza versos livres. A esmagadora maioria dos textos publicados nos "Kalender" ou nos periódicos segue regras de versificação uniformes, entre eles, como pode ser visto nos demais poemas deste trabalho, as estrofes de quatro, seis ou oito versos, invariavelmente rimados, com esquemas cruzados ou mistos, enfim, simétricos. Mas Kahle não opta pelo verso livre a reboque de concessões à urgência de determinado conteúdo, ou à facilidades de expressão, mas sim com plena consciência do resultado que busca:

MUTTERSPRACHE¹¹⁰

Maria Kahle

Atem unsres Sein, das fern begann
In der Frühe horchend nach erstem Klang,
Urzeit weht uns na
Mit deinem Hauch.

¹¹⁰ Publicado no "Volk und Heimat" de 1939, p. 238 e no "Kalender für Südamerika", de 1952, p. 238.

Helles Beistblut, das in Worte sprang,
Dunkler Mutterkraft tönender Ruf,
Schöpfung, darin die Welt
Sich neu erschuf!

Sprache unsres Bolts, darin es lebt
Unsterbliches Dasein,
Brollt, stürmt, betet, stützt
Und sich erhebt!

Wie der Trotz aufschreit in dir,
Trauer klagt und Wehmut weint
Und die Liebe
In tausend Lauten stammelt!

Klirren der Schwerter ist in dir
Und Lachen des Siegers
Und der Mutter Herz,
Das dem kleinen lallenden Kinde flüstert:

Vater, Mutter, Erde, und Heimat
Flüstern die Worte, sanft den Schlaf überwölbend,
Und sie sinken
Tief in die Seele.

Wo in der Fremde später
Ruhlos vor bittern Träumen der Schlaf weicht,
Raunt die Sprache der Mutter
Rufend und bergend:
Erde - Heimat -

Maria Kahle dispunha de um conhecimento literário superior ao dos poetas lavradores, que haviam, em sua maioria, trocado a pequena vila onde nasceram, na Alemanha, por outra,

igualmente erma nos confins da América do Sul. Já Kahle, com boa formação, nunca emigrou, nasceu na Alemanha e correu os países de imigração alemã na América a trabalho, exercendo grande influência junto às organizações de mulheres, inclusive na região do Vale do Itajaí, tendo vários poemas publicados na região, bem como em periódicos em língua alemã de todo o Brasil. Por certo haverá quem discorde da inclusão de Kahle, uma quase peregrina, no *corpus* desta literatura, mas como se verá, ela se aproxima tematicamente aos outros textos aqui recolhidos.

O poema é dividido em sete estrofes, sendo as primeiras seis de quatro versos e a última de cinco versos. Mesmo sem o ritmo constante, o texto se afasta da prosa em função da linguagem subjetiva em que o discurso opera e o apelo emocional que suscita, além da sonoridade que imprime aos versos, como por exemplo o quarto da quinta estrofe: "Das dem kleinen lallenden Kinde flüstert" com as aliterações em "d", "n" e "l" e a semelhança sonora entre as palavras "kleinen" e "Kinde". As rimas finais, mais soltas, por vezes rimando apenas o primeiro e o terceiro verso, às vezes o primeiro e o quarto, ou ainda sem rimas finais alguma, como na quinta estrofe, afastam o texto do canto. Sua música sincopada tende mais ao sussurro que à fala cotidiana, ao acalanto que ao discurso.

Kahle acomoda as palavras nos versos sem se preocupar com a rigidez do ritmo, inicialmente por compor o poema com versos longos intercalados com curtos, sem a utilização de pés fixos; aliado ao relaxamento das estruturas de rima, tornam o texto menos construído arquitetonicamente, e conseqüentemente, mais natural e passional.

Em "Muttersprache" há certa predominância do pé troqueu, como no primeiro verso, cujo último pé se apresenta quebrado:

Atem unsres Sein, das fern begann
 — ∪ — ∪ — ∪ — ∪ —

 troqueu troqueu troqueu troqueu

Mas há versos em seqüência de jambos, como o quarto verso da mesma primeira estrofe:

Mit deinem Hauch.

U — U —

jambo jambo

Outros ainda fazem uso tanto do troqueu como do jambo, como o segundo verso da terceira estrofe:

Unsterbliches Dasein,

— U — U U —

troqueu troqueu jambo

Segue uma possível tradução literal do poema:

LÍNGUA MATERNA

Maria Kahle

Sopro da vida,
De tempos remotos,
Tempos longínquos
A nos saudar.

O pensar em palavras
Transformado.
O amor materno a nos chamar.
Gênese onde o mundo se renovou.

Língua de nosso povo
Em que vive vida imortal.
A gritar, a soluçar, a rir e a orar
Cai e se levanta.

A rebeldia em ti grita
O pranto, a dor, em ti chora.
E o amor
Em mil palavras sussurra.

A vitória na batalha
em ti jubila.
O coração da mãe
Balbucia palavras a seu filho:

"Pai, mãe, terra, pátria."
Essas palavras sussurradas,
Ressoam em ti.
Envolvendo tua alma em doces sonhos.

Quando longe da pátria,
Sem sossego, a insônia te atormenta
Clama a língua da mãe
Consolando, confortando:
Terra, pátria.

O título "Muttersprache", além de nominar o texto, incorpora-se ao poema, como se fosse seu primeiro verso, pela seqüência das duas primeiras estrofes que lhe fazem referências onde, de maneira enumerativa, suscitam poeticamente várias imagens para descrevê-lo. Maria Kahle inicialmente associa a língua materna com a própria gênese da vida, do mundo, segundo a tradição judaico-cristã, no verso de abertura do poema: "*Sopro de vida*", tamanha a importância que a autora pretende argumentar em seu favor durante o poema. A autora parece imputar autoridade à língua materna mediante sua ancestralidade, buscando estabelecer com os tempos remotos e longínquos um diálogo com o tempo presente.

Na segunda estrofe a autora alia duas parcelas componentes da língua materna, ou a partir das quais esta se estabelece. A primeira como expressão do pensamento: "*O pensar em palavras/transformado*" funda a parcela racional, mental, que busca a compreensão do mundo

e das coisas que o cercam através do uso da inteligência. A segunda parcela é emocional, sensível, representado pela autora como: "*O amor materno a nos chamar*". Assim Kahle enfatiza a abrangência de expressões que a língua materna opera sobre o povo que a usa.

O texto prossegue, na estrofe seguinte, quando a poetisa identifica a língua como um dos fatores de constituição da nacionalidade de sua comunidade - "*Língua de nosso povo*" - para posteriormente descrevê-la como uma força que não tem fim: "*em que vive vida imortal*". Essa imortalidade é atestada pela autora através do poder que a língua tem de reerguer-se após alguma dificuldade, uma clara referência à derrota alemã na primeira guerra mundial e o empreendimento de reerguer-se: "*cai e se levanta*". Kahle, como propagandista dos ideais germânicos no novo mundo, participa intensamente desse movimento de recuperação da auto-estima e união do povo alemão.

Na quarta estrofe há uma alteração na forma narrativa, passando a autora a direcionar seus versos diretamente à língua materna, que até então, em terceira pessoa, descrevia. São então alinhadas algumas intervenções da língua na vida do povo acompanhando-o na rebeldia, na dor e no amor: "*A rebeldia em ti grita/O pranto, a dor, em ti chora./E o amor/Em mil palavras sussurra.*" Aqui a função da língua atende à ampla gama de intensidade e de sentimentos, desde o sussurro de amor ao grito de rebeldia. A próxima estrofe inicia na mesma flexão da quarta, seguindo a enumeração de situações onde a língua acompanha seu povo nos vários momentos da vida: "*A vitória na batalha te jubila*". No poema, a língua materna é associada por Kahle aos momentos mais significativos de seu povo, desde os acontecimentos públicos como as batalhas, ao sussurro de amor.

A autora, retornando à narrativa em terceira pessoa, faz uso então do talvez maior símbolo do amor ocidental, o da mãe para com seu filho, para sugerir ao leitor os valores pelos quais milita: "*O coração de mãe/Balbuia palavras a seu filho://“Pai, mãe, terra, pátria”*". Aqui aparece o cerne do poema, onde Pai e Mãe se referem à família e por extensão à etnia, a "terra" parece ser a parcela brasileira, enquanto que "pátria" envolve o aporte cultural que trazem. Para a autora essas palavras encerram o ideário da manutenção da germanidade que busca propagar, onde seu simples sussurrar leva o usuário à paz e tranqüilidade: "*Envolvendo tua alma em doces sonhos*". Aqui a poetisa altera novamente o foco narrativo passando à segunda pessoa (tua), dirigindo-se agora ao leitor, que passa a ser,

até o final do poema, o interlocutor ao qual Kahle oferece seu conselho final: “*Quando longe da pátria,/Sem sossego, a insônia te atormenta/Clama a língua da mãe/Consolando, confortando:/Terra, pátria.*” A situação parece encaixar-se com a dos imigrantes das zonas de colonização, público ao qual Kahle se dirige, distantes de sua velha pátria e atormentados por alguma dificuldade que a autora prefere encobrir através da “insônia”. A solução para tal dificuldade é imediatamente oferecida por Kahle através da manutenção do uso da língua e a reafirmação dos ideais “Terra, pátria.” Se a “insônia” englobar os problemas de adaptação e assimilação para com as outras etnias a que os imigrantes estavam sujeitos, Kahle parece ser direta: preservem o “*Deutchtum*”.

O poema “DIE WANDERER”, de Ernest Niemeyer, também nos oferece subsídios à análise da literatura em língua alemã no Vale do Itajaí.

DIE WANDERER¹¹¹

Ernest Niemeyer

Hier stehn wir, die Wanderer, der Heimat fern,
Die Seele noch blutend, zerrissen.
Zum neuen Lande zog uns der Stern
Mit all unsrem Können und Wissen.

Doch – türmt sich das Hindernis riesengross,
Wir müssen und werden es zwingen.
Gesegneter Hand und kundigem Sinn
Wird auch ein Wunder gelingen.

Wir träumten von Blumen.. und Dornen sind da,
Uns feind sind des Urwaldes Schatten.
Die Tierwelt feindlich, die Menschen fremd...
Bald möchte die Hand wohl ermatten.

¹¹¹ Publicado no “Volk und Heimat”, de 1939.

Und wenn nach dem Front, nach rastloser Müh
Ein Eden, ein Heim uns belohnen,
Wird neuer Bürger tüchtige Schar
Die neue Heimat bewohnen.

Dann wachen sie auf, die Kunst, der Gesang,
Das Erbe aus frühesten Zeiten:
Es mag uns das herzen-erhebende Lied
Zum Ende der Tage begleiten.

Dividido em cinco quadras com esquema de rima ABAB nem sempre perfeitas, Ernst Niemeyer constrói seus versos também com ritmos não uniformes, usando preponderantemente o pé Anfibraco¹¹², constituído de uma sílaba breve, seguido de uma longa e uma breve, como mostrado abaixo:

U — U
breve longa breve

No segundo verso o poeta utiliza uma seqüência perfeita de três desses pés:

Die Seele noch blutend, zerrissen.
U — U U — U U — U

Mas em função da complexidade deste pé, nem todos os versos são sonoramente perfeitos, caso já do primeiro que abre o poema, que apresenta uma sílaba breve a mais após o segundo pé:

Hier stehn wir, die Wanderer, der Heimat fern,

¹¹² TAVARES, Hênio. Teoria Literária. Editora Bernardo S. A. 6 edição, 1978, p. 171.

Ou o do último da quarta estrofe, onde há a falta da primeira breve para compor o segundo pé:

Die **neue Heimat** bewohnen.

Uma tradução literal pode ser a que segue:

OS MIGRANTES

Ernest Niemeyer

Cá estamos, migrantes, da pátria distantes,
De alma ainda sangrando, ferida.
À nova terra a estrela nos atraiu
Com todo nosso saber-fazer e conhecer.

Mas - alto obstáculo se amuralha,
Que vencer teremos, e conseguiremos,
Às abençoada mão e sabida mente
Também milagre acontecerá.

Sonhávamos de flores... cactos encontramos,
Inimigas nos são as sombras da virgem mata.
Hostis os animais, estranhos os homens.
Por pouco a mão fraqueja.

E quando após opressiva labuta, incansável esforço,
Um éden, um lar nos recompensam,
Legião de dedicados novos cidadãos
A nova pátria habitará.

Então despertam a arte, o canto,
A herança de antigos tempos:
Que a canção animante
Nos acompanhe ao fim dos dias.

O poema “OS MIGRANTES”, de Ernest Niemeyer, conta a saga dos imigrantes alemães em Santa Catarina na primeira pessoa do plural, imprimindo assim maior veracidade ao relatado, elevando-o ao status de testemunho histórico.

O primeiro verso do poema parece representar, sozinho, toda a situação descrita neste e em outros tantos textos em idioma alemão: o imigrante entre dois mundos. A primeira afirmação é contundente e irrefutável: "*Cá estamos...*", seguido da identificação desta primeira pessoa do plural como sendo os "migrantes" e sua situação: "*da pátria distantes*". Neste verso o termo “migrante” está literalmente entre duas realidades: o presente, espacial (cá) e temporalmente (estamos) delimitados, que se sobressai sobre o passado, sua pátria já distante. Assim, a história dos migrantes alemães que o poeta se propõe a cantar neste poema, tem seu início já em terras brasileiras, como a grande maioria dos poemas analisados, ocultando sua situação anterior através de parcas alusões metafóricas, como o terceiro verso da primeira estrofe: "*De alma ainda sangrando, ferida*", onde a palavra "ainda" indica que tal situação os acompanha em fase imediatamente pretérita à atual, na condição de migrantes, referindo-se portanto à realidade vivida pelo personagem em seu país de origem. Sendo esta realidade, apesar de não descrita pelo poema, aparentemente danosa, capaz de deixar o cidadão com a "*alma sangrando*", se supõe que a mesma seja o principal motivo para a saída pela emigração. Mas o autor prefere atribuir as razões e motivos da emigração ao destino, assumindo no terceiro verso que "*À nova terra a estrela nos atraiu*", mascarando atrás de metáforas uma realidade que aparentemente pretende esquecer. O último verso da primeira estrofe sugere que os migrantes detinham alguma profissão e um relativo grau de instrução, pois conforme o autor os alemães migraram "*Com todo nosso saber-fazer e conhecer*". Isto também pode ser comprovado observando as profissões dos imigrantes, como por exemplo dos primeiros dezessete, que aos dois de setembro de 1850 fundaram a colônia Blumenau: havia um agrimensor (Ritscher), um carpinteiro (Pfaffendorff), um marceneiro (Geier), um charuteiro (Riemer), três ferreiros (Hoffmann, Kolmann e Boettscher), um sem profissão declarada, e apenas dois lavradores (Sallenthien e Kellner), além de duas esposas (Minna Fridenreich e Joanna Kohlmann), sem profissão declarada (possivelmente “do lar”), uma jovem e quatro crianças. O fato de deterem alguma profissão no país de origem torna mais instigante e misterioso o silêncio em relação às razões de sua partida.

Na segunda estrofe o narrador chama a atenção para as dificuldades que o imigrante terá pela frente, mas imediatamente exorta os companheiros de terceira pessoa a vencê-las, já tendo como certo que o conseguirão. A forma com que os migrantes vencerão suas dificuldades na nova terra sugeridas pelo autor é através da mão e da mente, que se expandem metonimicamente aos conceitos de trabalho e conhecimento, ambos abençoados.

Na terceira estrofe o autor enumera algumas das dificuldades que se impõe aos imigrantes e a decepção ao constatarem que a realidade que os cerca difere daquela que imaginavam: *“Sonhávamos com flores... cactos encontramos”*. Para os imigrantes recém desembarcados: *“Inimigas nos são as sombras das virgem mata./Hostis os animais, estranhos os homens.”* Parecem estranhos aos homens, mas o narrador se exime de dizer por quê. Tais homens, como em vários poemas, não são nominados, e na única referência que o texto faz a eles, são associados a dificuldades: *“Por pouco a mão não fraqueja”*.

A quarta estrofe nos apresenta os imigrantes já instalados, e apesar de ainda envoltos no rigoroso trabalho, parece já ter passado uma geração, pois eles já dispõem de uma propriedade e uma casa, sendo recebidos pelas suas famílias que, ao que tudo indica, parecem numerosas, o que lhes causa certa recompensa: *“E quando após opressiva labuta, incansável esforço,/Um éden, um lar nos recompensam, /Legião de dedicados novos cidadãos/A nova pátria habitará”*. Conforme o poeta, essa “nova pátria” parece que ainda está por se fazer, o que nos leva a compreender que ele não está se referindo Brasil e sim à sua comunidade, seu Vale, sua região, esta sim, de fato, para a época, ainda a ser construída.

Na quinta estrofe, aparentemente depois dos novos cidadãos já estarem habitando a “nova pátria”, ou seja, passada mais uma geração, a terceira, a situação já não parece ser de trabalho tão opressivo. A estrofe é dividida em dois momentos específicos, o primeiro compreende os dois primeiros versos e mantém a forma descritiva dos versos anteriores, mas agora no tempo presente, aparentemente durante a terceira geração dos imigrantes, pois já existem condições que possibilitam o despertar da arte, do canto e da lembrança dos tempos antigos. O segundo momento compreende os versos restantes: *“Que a canção animante/ nos acompanhe ao fim dos dias.”*, que, partindo da felicidade com que descreve o tempo presente, sugere um bom futuro, acompanhado pela “canção animante”. A proximidade com que o “fim

dos dias” aparentemente se aproxima do narrador reafirma sua posição de imigrante depois de três gerações na nova terra.

A sinopse é exatamente a mesma que a de outros tantos poemas: o imigrante com espírito abatido, vendo-se diante das dificuldades de sua nova vida, e sente-se logrado. Mas seu espírito não se abala e busca no trabalho e na crença em Deus forças para transformar a selva num paraíso, que entrega aos descendentes com o dever de que perpetuem a obra e as tradições passadas.

Quanto às questões de nacionalidade, é interessante observar que neste poema, ao desembarcar na nova terra, o sentimento pátrio do imigrante se dirige inequivocadamente à Alemanha: “*Cá estamos, migrantes, da pátria distantes*”; porém na quarta estrofe, quando já se passou uma geração, a palavra pátria se refere ao novo mundo: “*A nova pátria habitará.*”

Outro poema que se pretende uma descrição da aventura imigratória e do estabelecimento nas terras catarinenses é “DIE ERSTEN EINWANDERER”, de Victor Schleiff:

DIE ERSTEN EINWANDERER¹¹³

Victor Schleiff

"Land! Land!" - So schallt es von Mund zu Mund,

"Land! Land!" - Da drüben im West!

"Land! Land!" - Der Anker, er beißt in den Grund

Mit eisernem Zahne sich fest.

"Land! Land!" - Nun ist es endlich geschafft

Vorbei ist die schreckliche Fahrt!

Vorbei sind die Tage der furchtbaren Haft,

In der fast ergraute der Bart!

¹¹³ Publicado no Livro do Centenário de Blumenau, 1950.

Wir klopfen von Broten den Schimmel uns ab
Und Würmer belebten den Trank,
Der Schiffsraum, er war wie ein muffiges Grab
Voll Elend und Not und Gestank.

Sei, neue Heimat, von Frau und Mann,
Du Land unsrer Hoffnung, begrüßt,
Uns Wüstenwandlern ein Kanaan,
Drin Milch und Honig fließt!"

Und es schießt, gesteuert von nerviger Faust,
Zum Strand durch die Brandung das Boot,
Doch ein feindlicher Ruf durch die Wildnis erbraust,
"Hier findet nur Not ihr und Tod!"

Statt blühender Gärten umfängt die Schar
Des Urwalds Schauergewalt
Voll drohender Schrecken, wo Not und Gefahr
Den Fremdling grimmig umkrallt.

"Bist du das Glück", das uns lockte und rief?
Doch nimmer gibt's ein Zurück!
Ach, heimische Kate, so eng und so schief,
Was bargst du doch köstliches Glück!

"Bist du das Land", von dem wir geträumt,
Du seiest das Paradies,
Hier wäre die Zukunft so sonnenumsäumt,
Hier blühten die Blumen so süß?"

Nur düsteres Dickicht und Wald und Sumpf!
Und Schungeln voll Dornen und Rohr!
Und Fieberdünste, so schwül und dumpf,
Brüten auf giftvollem Moor!

Was drohst du, o Urwald, so schaurig und still,
In finsterer, furchtbarer Pracht?
Wie rollt so grollend des Tigers Gebrüll
Vom zerrissenen Fels durch die Nacht?

Der Giftwurm, die scheckichte Schlange, legt
Tückisch geringelt im Moos!
Und tödlich schwirrend vom Bogen fliegt
Des Bugers gefiedert Geschoß!

"Weh! Wehe!" - Da schallt durch die zagenden Reih'n
Erlösend ein kraftiges Wort:
"Was soll euer Winseln, das Greinen und Schrein?
Die Tat allein sei euch Wort!

Wozu gab euch Gott in die Arme die Kraft?
Wozu in den Busen den Mut?
Auf Männer! - Zur Arbeit die Sehnen, gestrafft!
Ihr seid doch von deutschem Blut!

Greis, wirf beiseite den stützenden Stab!
Streif ab Gebrechen und Leid!
Schreib zwanzig Jahr! Von den siebenzig ab!
Zum Sterben ist immer noch Zeit.

Achtjähriger Knabe! Auf! Werde ein Mann,
Eh'der Bart auf der Lippe dir spriesst!
Dir reifet der Sommer des Lebens heran,
Noch eh'dich der Frühling begrüßt!

Leg!, Frau dir na des Mannes Gewand,
Ergreife der Foiça Stiel!
Und, Mädchen, wir brauchen hier deine Hand
Und nicht dein Saitenspiel!

Wenn uns kein Garten Eden ward,
Wenn uns die Wildnis beschert,
Was er mit Mühen, schwer und hart
Erschafft, den Tüchtigen ehrt.

Und es klirrte dir Axt mit singendem Schall,
Wie das Schwert erklirrt in der Schlacht,
Und rings erdrönte der Widerhall
Durch des Urwalds schweigende Nacht.

Und es stürzten zu Boden mit donnerndem Krach
Des Waldes Riesen im Tal
Und durch die Lichtung der Zweige brach
Sieghaft der Sonnenstrahl.

Und es grüßet der Mais, und es spriesset die Saat,
Und die Frucht lacht golden am Baum,
Und freundliche Hütten umsäumen den Pfad,
Und Kinder beleben den Raum.

Manch müden Kämpfer man heimwärts trug
Schweigend beim Abenbrot,
Und manchen Wackren der Baum erschlug,
Sich grimmig noch rächend im Tod.

Der wurde vom Fieber so krank und siech,
Den lähmte der Sonne Glut,
Der strab na der giftigen Schlange Stich,
Den schlug des Jaguars Wut.

Nun ruhet der Leib in dem kühlen Grab
Der Kroton schwankt über der Gruft;
Doch euer Geist von dem Himmel herab
Den Kindern den Enkeln ruft:

"Nicht sollt ihr faulend behaglich am Herd
Ruhn auf der Bärenhaut!
Seid, Enkel, der Väter, der Ahnen wert,
Indem ihr Größeres baut!

Und was wir selber nicht haben geschafft,
Was unsern Arm sich entwand,
Dem weihet, dem widmet die ganze Kraft
Des Herzens, des Hirnes, der Hand."

O poema é constituído por vinte e cinco estrofes de quatro versos cada, perfazendo cem versos, cada qual utilizando preponderantemente o mesmo pé do poema anterior, o Anfibraco. Os versos variam entre sete e onze sílabas poéticas, de acordo com o número e a im/perfeição dos pés utilizados. Como o poeta termina todos os versos com palavras oxítonas, o último pé se apresenta sempre quebrado, faltando a última sílaba breve, como o primeiro verso da terceira estrofe:

Wir klopfen von Brote den Schimmel uns ab

Anfibraco Anfibraco Anfibraco

Como no poema anterior, igualmente em função da complexidade deste pé, alguns versos contêm alguma discrepância rítmica, pela ausência ou excesso de alguma sílaba ao pé, por exemplo no primeiro verso da nona estrofe, onde falta uma sílaba breve no início do último pé:

Nur **düsteres Dickicht und Walt und Sumpf!**

Mesmo utilizando um esquema rítmico não constante nos versos, por vezes constituído por três pés, outras com quatro, o poeta mantém o esquema de rimas finais do tipo ABAB, enriquecendo sonoramente a composição, cuja tradução segue:

OS PRIMEIROS IMIGRANTES

Victor Schleiff

"Terra! Terra!" - Assim ressoa de boca em boca,
"Terra! Terra! Lá no Poente!"
"Terra! Terra!" - Firme a âncora no fundo se cava
Com férreo dente seu.

"Terra! Terra! - Finalmente conseguido!
Para trás ficou a terrível viagem!
Para trás os dias horríveis ficaram
Nos quais a barba quase que pinta!

Do pão o bolor batíamos
E vermes na bebida se contorciam.
Do navio o porão, qual túmulo mofoso,
De miséria, fetidez e agruras pleno.

Seja, nova Pátria, por mulher e homem,
Terra das esperanças nossas, saudada,
A nós peregrinos do deserto um Canaã,
Com leite e mel fluindo!"

E se lança, guiado por rijo punho,
Pelo quebra-mar à praia o barco.
Mas agressivo grito pela selva ecoa,
"Aqui, só miséria e morte encontrarão!"

Ao invés de floridos jardins, da selva
O poder do horror o grupo circunda
De ameaçadores sustos, onde necessidade e perigo
O estrangeiro raivosos agarram.

"És tu a sorte, que nos atraiu e chamou?
Mas um retorno acontecerá jamais!
Ah! familiar choupana, tão estreita e torta,
O quanto de felicidade deliciosa abrigavas!

És a terra da qual sonhávamos
Que o paraíso fosse,
Com futuro ensolarado,
Com flores tão docemente desabrochando?"

Somente sombrios brenha e mata e pântanos!
E selva de espinhos e bambuzal!
E febris vapores, tão pesados e abafados,
A chocar em venenoso brejo!

Que ameaças tu, oh primeva mata, tão horripilante e silene
Em sinistra, assustadora beleza?
Onde ressoa da rocha fendida, cortando a noite,
Do tigre o trovejante bramido?

O peçonhento verme, a malhada cobra, se esconde
Pérfida enrolada no musgo!
E em mortal zunir do arco voa
Do bugre o emplumado projétil!

Ai! Ai de ti!" - Ai ecoa pelas indecisas filias
Redimindo, forte palavra:
"Para que seus choramingos, lamentos e gritos?
Tão só a ação seja o refúgio seu!

Para que Deus lhes deu dos braços a força?
Para que no peito a coragem?
De pé, homens! - Enrijeçam para o trabalho os tendões!
De sangue alemão o sois!

Ancião, jogue fora o apoio do bastão!
Dispa-se de achaques e dor!
Desconte vinte dos setenta seus!
Para a morte sempre resta ainda o tempo.

Guri de oito anos! Em frente! Seja homem,
Antes que a barba nos lábios aflore!
A ti amadurecerá o verão da vida,
Antes da primavera te saudar.

Vista, mulher, do homem a roupa,
Toma da foice o cabo!
E, moça, aqui de tua mão necessitamos
E não do toque do instrumento de cordas.

Se nenhum jardim do Éden nos foi reservado,
Se a selva nos presenteia
O que com esforço, pesado e duro
Conseguiu, honre o capaz!"

E o machado zuniu cantando sonoro,
Qual espada zune na batalha,
E em volta o eco soou
Pela silenciosa noite da virgem mata.

E tombaram ao chão com trovejante ruído
Os gigantes da mata no vale
E a clareira dos ramos entrou
Vitorioso o raio do sol.

E o milho saúda e brota a semente,
E o fruto ri dourado na árvore,
E amistosos ranchos circundam o caminho,
E crianças tornam vivo o espaço.

Muito cansado guerreiro para casa se carregou
Silencioso no jantar,
E muito corajoso a árvore abateu,
Ainda irada da morte se vingando.

Aquele da febre tornou-se doente e débil,
Aquele outro paralisou do sol o ardor,
Outro morreu da agulhada da peçonhenta serpente,
Mais outro foi abatido pela ira do jaguar.

Agora descansa o corpo no frio túmulo,
A hera se balança sobre a cova;
Mas seu espírito do céu
Aos filhos, aos netos clama:

"Não deveis no ócio comodamente junto ao fogão
Descansar sobre o pelego de urso!
Sede, netos, dignos dos pais, dos antepassados,
Em construindo algo maior!

E tudo que nós próprios não conseguimos realizar,
Que nosso braço escapou,
A isto consagrem, a isto dediquem toda a força
Do coração, do cérebro, da mão".

Assim como no texto anterior, Victor Schleiff busca construir uma leitura ampla do processo imigratório, agora em um texto mais longo, onde se revezam duas perspectivas de foco narrativo. A primeira, em primeira pessoa do plural, pertence a um membro de um grupo de imigrantes, que, assentado junto à mata, verbaliza suas (dos imigrantes) aspirações e desventuras. Essa voz parece falar por todos do grupo, sendo ela a que, no momento de dificuldades, chamou os convivas a superá-las. Essa forma narrativa, que representa a fala real, como fragmento de um diálogo, e que o autor explicita no texto colocando-a entre aspas, tende a dar mais veracidade ao relato, tanto pela situação verdadeira e cotidiana, mesmo em obra ficcional, como pelo decorrer do tempo, que passa a seguir as regras cronológicas naturais.

A segunda forma narrativa que o autor utiliza é o clássico narrador em terceira pessoa do plural (eles=os imigrantes) que, onisciente de toda "história" do grupo de imigrantes,

acompanha-os de fora, tecendo comentários que costumam as inserções do narrador em primeira pessoa. Esse narrador, cuja voz parece, como se verá, emitida da terceira geração dos imigrantes, tem a virtude de proceder saltos no tempo e digressões reflexivas, acompanhando a história dos imigrantes por longos anos.

Como em “OS MIGRANTES”, este poema de Schleiff acompanha a aventura da imigração através de um amplo espaço de tempo, de no mínimo três gerações, ou pelo menos de uns 60 anos, porém inicia seu relato já embarcado, a caminho do Brasil, deixando o passado fora de seu universo poético.

O poema, além da divisão por estrofe, contém alguns agrupamentos temáticos, através dos quais a narrativa se desenvolve. O primeiro desses segmentos inicia na chegada dos imigrantes, com o momento do avistamento da nova terra, ainda no navio, na primeira estrofe, a partir do qual o autor imprime um andamento dinâmico ao poema através da rápida alternância entre as duas formas narrativas: “*Terra! Terra!*” - *Assim ressoa de boca em boca, / “Terra! Terra! Lá no Poente!” / “Terra! Terra!” - Firme a âncora no fundo se cava / Com férreo dente seu*”. A descrição da âncora e a solidez com que se arremessa à terra parece reafirmar a força do intuito de estabelecerem-se em nova terra e, conseqüentemente, de não mais retornarem ao velho mundo.

A situação de alegria por terem transposto o oceano e suas dificuldades, vivida na primeira estrofe, tem continuidade na segunda, com o retorno do narrador em primeira pessoa (que assume a narrativa até o final da quarta estrofe): “*Terra! Terra!*” *Finalmente conseguido!*”. A euforia com que os imigrantes se regozijam tem por motivo a superação das dificuldades da viagem oceânica, a que o autor faz breve alusão nesta estrofe: “*Para trás ficou a terrível viagem!*”, para detalhá-la melhor na próxima: “*Do pão o bolor batíamos / E vermes na bebida se contorciam. / Do navio o porão, qual túmulo mofoso, / De miséria, fetidez e agruras pleno.*”

Após descrever as vicissitudes da viagem, o narrador volta-se à nova terra, em situação presente, clamando junto aos companheiros de imigração as boas novas que tanto esperavam: “*Seja, nova Pátria, por mulher e homem, / Terra das esperanças nossas, saudada, / A nós peregrinos do deserto uma Canaã, / Com leite e mel fluindo!*”. Lançando-se à terra, porém uma

voz proveniente da mata os ameaça: *“Aqui, só miséria e morte encontrarão!”* Apesar deste verso estar grifado entre aspas, portanto, para as convenções que o autor estabeleceu, representa uma fala, essa voz pode ser compreendida pela constatação, por parte dos imigrantes, das grandes dificuldades que os cercavam, e não por uma verbalização real de algum velado protagonista. Essas dificuldades parecem, inclusive, potencializadas pela expectativa excessiva que os imigrantes traziam, vendo a nova terra como uma Canaã, *“Com leite e mel fluindo!”*.

Na sexta estrofe retorna o narrador em terceira pessoa para descrever as dificuldades que o grupo encontra em seu primeiro contato com a selva, através de sustos e perigos que esta contém. Essas dificuldades fazem com que o narrador, novamente em primeira pessoa, esbraveje: *“És tu a sorte, que nos atraiu e chamou?”*. Mesmo assim mostra-se convencido de não ter intenção de voltar ao velho mundo: *“Mas um retorno acontecerá jamais!”*. Mediante a decepção que experimenta, o autor relembra a casa dos pais que, apesar da humilde situação, *“...tão estreita e torta”*, abrigava felicidade. Esta parece ser novamente uma leitura infantil e inocente da casa dos pais, que contrasta com sua atual situação, onde precisa trabalhar para manter seu próprio sustento.

Na oitava estrofe o poeta, descontente com a realidade que vê, descreve o que esperavam encontrar: *“És a terra da qual sonhávamos/Que o paraíso fosse,/Com futuro ensolarado,/Com flores tão docemente desabrochando?”* Seguem então três estrofes depreciativas à nova terra, enumerando as dificuldades de sua nova condição, inseridos junto à mata selvagem: *“Somente sombrios brenha e mata e pântanos!/E selva de espinhos e bambuzal!/E febris vapores, tão pesados e abafados,/A chocar em venenoso brejo!”*. Neste poema Schleiff apresenta uma leitura excessivamente negativa da nova terra, completamente oposta à do poema “VELHA E NOVA PÁTRIA”, por exemplo, curiosamente do mesmo autor, que então carrega nos elogios: *“E gigantes rios rolam espumosos/Feitos mares rumo ao mar,/Em douradas areias pousam sonhadores,/Esmeralda, berílio, diamante./Rica a terra e de muitas prendas,/Feito cornucópia, transbordante.”*, o que pode representar as diversas situações de ânimo do imigrante, desde a euforia até o desespero; mostrando o quão sua personalidade estava fragmentada, transitando entre dois mundos díspares e aparentemente inconciliáveis.

Mediante a constatação das dificuldades surge, entre os imigrantes, um rumor de desesperança: *“Ai! Ai de ti”*, parecendo dominar todo o grupo, que não são poucos, pois apresentam-se em “filas”. Porém dentre o grupo ressurgiu o narrador, agora tomando a voz de um dos imigrantes, e aparentemente falando por ele próprio, que pronuncia palavras de esperança, conclamando os companheiros a que abandonem o desânimo e dediquem-se, todos, ao trabalho: *“Para que seus choramingos, lamentos e gritos?/Tão só a ação seja o refúgio seu!”*

Então o narrador cita as ferramentas de ação que compreende serão necessárias ao estabelecimento em tão inóspito local, inicialmente a confiança em Deus e no trabalho: *“Para que Deus lhes deu dos braços a força?”*, para depois clamar pela própria etnia, como instrumento de superação: *“De pé, homensi - Enrijeçam para o trabalho os tendões!/De sangue alemão o sois!”*.

Nas próximas três estrofes (14-15-16) o narrador chama todos os membros do grupo de imigrantes ao trabalho, desde os idosos - *“Ancião, jogue fora o apoio do bastão!/Dispa-se de achaques e dor!/Desconte vinte dos setenta seus!”* - aos jovens: *“Guri de oito anos! Em frente! Seja homem,/Antes que a barba nos lábios aflore!”*. A premência ao trabalho faz com que o jovem adiante etapas de seu desenvolvimento, abandonando a infância e adolescência, para dedicar-se aos afazeres da vida adulta: *“A ti amadurecerá o verão da vida,/Antes da primavera te saudar.”*

Também as mulheres são requeridas no trabalho pesado: *“Vista, mulher, do homem a roupa,/Toma da foice o cabo!”*. A roupa estende-se metonimicamente às atividades do homem, que, pela utilização da foice, ainda se encontra nos períodos iniciais de instalação. Igualmente as jovens precisam dar sua contribuição: *“E, moça, aqui de tua mão necessitamos/E não do toque do instrumento de cordas.”* demonstrando que todos deveriam dedicar-se somente ao trabalho produtivos, dando a entender que ainda não havia condições para expressões artísticas.

A décima sétima estrofe apresenta a conclusão das sugestões que o narrador em primeira pessoa faz a seu grupo, conclamando-os à luta, visto que: *“Nenhum Éden nos foi reservado.”* Até agora, apesar das aparições do narrador em terceira pessoa, o poema se ateu

a um único momento temporal, restringindo-se ao desembarque e à consideração que os imigrantes fizeram de sua nova realidade.

Retorna então o narrador em terceira pessoa, que conduzirá a narrativa até o final do poema, descrevendo agora o desenvolvimento de sua comunidade, por mais de uma geração, através de saltos temporais, que inicia com o trabalho de derrubada da mata: “*E o machado zuniu cantando sonoro,/Qual espada zune na batalha,/E em volta o eco soou/Pela silenciosa noite da virgem mata.*” O manejo do machado, quando comparado ao uso da espada em uma batalha, parece indicar o ímpeto e a determinação que o poeta imputa ao ato desbravador, enaltecendo a ação do trabalho. O resultado de tamanha pujança é descrito na próxima estrofe, com a abertura de clareiras: “*E tombaram ao chão com trovejante ruído/Os gigantes da mata no vale/E a clareira dos ramos entrou/Vitorioso o raio do sol.*”

A vigésima estrofe parece transcorrer após alguns anos do assentamento, já com as lavouras implementadas: “*E o milho saúda e brota a semente*”, com a presença de um pequeno pomar: “*E o fruto ri dourado na árvore*”, com a instalação de outras famílias, formando possivelmente uma pequena vila: “*E amistosos ranchos circundam o caminho*”, e finalmente com a presença de uma outra geração, já nascida no novo mundo: “*E crianças tornam vivo o espaço.*”

Nas duas próximas estrofes (21-22) o narrador retoma a descrição das dificuldades que os pioneiros passaram, enumerando as formas com que foram agredidos a até mortos pelas forças da natureza: “*E muito corajoso a árvore abateu,/Ainda irada da morte se vingando.*”//*Aquele da febre tornou-se doente e débil,/Aquele outro paralisou do sol o ardor,/Outro morreu da agulhada da peçonhenta serpente,/Mais outro foi abatido pela ira do jaguar.*”

Mesmo já falecidos os desbravadores, “*Agora descansa o corpo no frio túmulo*”, o autor os requisita para sugerir de viva voz aos filhos e netos os valores que busca incutir nos seus leitores, muitos deles protagonistas reais da epopéia que descreve: “*Não deveis no ócio comodamente junto ao fogão/Descansar sobre o pelego de urso!/Sede, netos, dignos dos pais, dos antepassados,/Em construindo algo maior!*” O primeiro pedido que faz é a atenção que os descendentes devem dispensar ao trabalho, apelando para sua própria dignidade, seguido do

chamamento para que perpetuem os projetos dos antepassados, mantendo assim os ideais germânicos: “*E tudo que nós próprios não conseguimos realizar,/Que nosso braço escapou,/A isto consagrem, a isto dediquem toda a força/Do coração, do cérebro, da mão.*”

Um poema que aparentemente se diferencia tematicamente do resto dos textos aqui analisados é “*VERLASSENES LAND*”, de Georg Knoll:

VERLASSENES LAND¹¹⁴

Georg Knoll

In einem düstern Pinienwald,
Dicht an des Stromes Schnelle,
Steht rauhgefügt, bemoost und alt,
Die kleine Waldkapelle.

Die Gräber liegen ringsumher,
Schon morsch sind ihre Kreuze,
Und in den Nächten nebelschwer,
Hört man den Ruf der Käuze.

Rings liegt die Wildnis menschenleer,
Der Urwald war hier Sieger,
Hier mordete des Inders Speer,
Es wütete der Tiger.

Wo erst die rauhe Hütte stand,
Da wühlt der rauhe Eber,
Und von dem einst bewohnten Land,
Da zeugen nur die Gräber.

¹¹⁴ Publicado no Livro do Centenário de Blumenau, 1950.

Doch wenn der sanfte Nordwind bringt
 Den Frühling als Vermächtnis -
 Gar süß die traute Amsel singt,
 Den Toten zum Gedächtnis.

O poema é dividido em cinco estrofes de quatro versos, com rimas cruzadas tipo ABAB, e como outros tantos poemas desta literatura, parece estabelecer a forma canônica, com pequenas alterações, dos poemas em idioma alemão nas zonas de colonização de Santa Catarina – as estrofes de quatro, seis ou oito versos, utilizando pés clássicos constantes.

O ritmo é mantido entre as estrofes, com a utilização de seqüências alternadas de três e quatro pés do tipo jambo em seus versos. Todos os versos ímpares do poema contêm quatro jambos, enquanto que os pares são constituídos por três jambos, como mostrado na primeira estrofe:

In einem düstern Pinienwald,

U — U — U — U —

Dicht an des Stromes Schnelle,

U — U — U —

Steht rauhegefügt, bemoost und alt,

U — U — U — U —

Die kleine Waldkapelle.

U — U — U —

Apesar da existência de dois ritmos que se alternam verso-a-verso, a sonoridade da estrofe se mantém coesa, pois eles se complementam aos pares, sugerindo uma certa cesura velada entre os primeiros e os últimos dois versos de cada estrofe. Se, mesmo somente para fins de análise, juntássemos cada par de versos contíguos em um único, ficaria mais clara a simetria, como demonstrado na primeira estrofe, reduzida a dois versos:

In einem **düstem Pinienwald**, Dicht an des **Stromes Schnelle**, 14

U — U — U — U — U — U — U — U —

Steht **rauhgefügt**, bemoost und **alt**, Die **kleine Waldkapelle**. 14

U — U — U — U — U — U — U — U —

Uma tradução literal pode ser a que segue:

TERRA ABANDONADA

Georg Knoll

Em lúgubre pinheiral,
Próxima à corredeira do rio,
Se levanta rústica de musgo coberta e antiga,
A pequena capela da floresta.

Os túmulos situam-se ao redor,
Já deterioradas suas cruzes,
E nas noites carregadas de neblina,
Ouve-se o grito das corujas.

Ao redor se espraia a selva desabitada,
A mata virgem aqui foi vitoriosa;
Aqui matou do índio a lança,
Do tigre a fúria.

Donde antes o rústico rancho se encontrava,
Lá fuça o rústico cachaço,
E da outrora habitada terra,
Somente atestam as sepulturas.

Mas quando a suave brisa do norte traz
A primavera como legado -
Tão doce canta o sabiá,
Dos mortos à memória.

Se, como vimos acima, este poema utiliza a forma “consagrada” pelos escritores da literatura em idioma alemão, o conteúdo do mesmo difere dos demais de maneira significativa. Aqui se verifica uma dissonância do discurso poético predominante, até então utilizado pelos autores teuto-brasileiros, em que, mesmo diante das maiores dificuldades, os imigrantes são persistentes, e mediante intenso trabalho, transformam a “selva num paraíso”, prosperando e enchendo a casa de filhos, “que habitarão a nova pátria”. Neste poema Georg Knoll nos apresenta a situação inversa, na qual os imigrantes são expulsos de seus lotes pela força da floresta.

O poema inicia com a delimitação do quadro e a apresentação do universo que o autor pretende poetar, utilizando para tal um narrador em terceira pessoa: “*Em lúgubre pinheiral,/Próxima à corredeira do rio,/Se levanta rústica de musgo coberta e antiga,/A pequena capela da floresta.*” O poeta descreve a cena de maneira realista e sem metáforas. Também os objetos que nomina estão em seus devidos lugares, apesar do terceiro verso “...*de musgo coberta*” denunciar, ainda de maneira incipiente, o abandono proposto pelo título.

Na segunda estrofe o narrador continua a descrição da comunidade, com a introdução de elementos cada vez mais ermos como os túmulos e suas cruzes deterioradas, que reafirmam a noção de abandono (dos familiares próximos), bem como a presença de animais ariscos e selvagens, favorecida pela suposta ausência dos humanos e suas atividades. A atmosfera que Knoll sugere nesta estrofe é particularmente tenebrosa: túmulos com cruzes deterioradas, sob a neblina da noite e alvejados pelos gritos das corujas.

O primeiro verso da terceira estrofe ainda mantém o caráter descritivo das estrofes anteriores: “*Ao redor se espraia a selva desabitada*”, porém no segundo verso há uma leve alteração no foco narrativo. Até então a descrição se atinha ao presente, a uma constatação da situação atual, que o suposto narrador percebe com sua visão. Agora o narrador parece tecer um comentário, um resumo reflexivo sobre o que vê, concluindo que: “*A mata virgem aqui foi*

vitoriosa”. Essa afirmação parece ser a síntese do poema: a selva vencendo o esforço dos desbravadores, que fugiram, possivelmente buscando outros lotes. O poeta sugere, a seguir, as razões do insucesso: *“Aqui matou do índio a lança,/Do tigre a fúria.”*

Quando o autor considera a selva desabitada, e ao mesmo tempo confirma a presença de indígenas, parece não compreender os gentios como “habitantes”, ou seja, não parece considerá-los como seres humanos, alinhando-o ao lado de animais selvagens.

Na quarta estrofe, o autor compara a atual situação de abandono com a anterior, de suposta prosperidade, observando as diferenças de antes e de agora. Onde havia o *“rústico rancho agora fuça o cachaço”*, *“E da outrora habitada terra,/somente atestam as sepulturas”*.

O texto encerra com uma sugestão à esperança, a uma possível saída para situação tão desesperadora, inicialmente pela partícula “mas”, que rompe a estrofe, e tem o poder de suscitar, no leitor, uma atmosfera contrária à até então vivenciada pelo poema. Depois, pela própria situação que o poeta constrói, representada pela presença do sabiá que canta sobre as sepulturas: *“Mas quando a suave brisa do norte traz/A primavera como legado - /Tão doce canta o sabiá,/Dos mortos à memória.”* Por certo existem muitas maneiras de interpretação dos versos acima, uma delas talvez se apóie nos símbolos que o poema propõe. O primeiro deles um cemitério, com estreita relação cultural que contém, pois lá estão os antepassados, relacionados ao narrador teuto-brasileiro com sua parcela “alemã”. Mas não se trata de um cemitério “vivo”, e sim abandonado, sugerindo talvez um abandono desta parcela (ou desse projeto), em detrimento da presença do segundo símbolo, o sabiá, que canta sobre as sepulturas abandonadas. Bem, depois de Gonçalves Dias, o canto do sabiá passou a ser uma das maiores referências nacionais do Brasil, e parece, neste poema, representar, na identidade do imigrante, a parcela brasileira que se acentua, ante o arrefecimento da teuta, durante o processo de assimilação cultural. Apoiados nesta interpretação simbólica, observamos que, apesar da melancolia que parece cercar o narrador, diante do abandono, ele se enternece e aparentemente aceita a presença do sabiá, talvez até como única saída que tenha restado. Apesar de a temática diferir, como se viu, para com os outros textos aqui apresentados, há ainda outra similaridade, quando o passado é relacionado com dificuldades, e o presente/futuro com venturas. Ou mais, a derrocada do desbravamento, na comunidade onde o

poema se realiza, pode expandir-se, eventualmente, ao próprio projeto de manutenção da germanidade, com o qual a própria literatura estava estreitamente relacionada.

Finalmente, ao observar o título, “TERRA ABANDONADA”, engendrado com o decorrer do poema, parece se confirmar a amplitude reduzida da palavra “Terra”, pois tais imigrantes, a princípio, teriam abandonado somente aqueles lotes, aquela região, e não o Brasil.

Também de “BLUMENAU”, de Victor Schleiff, podemos inferir algumas conclusões quanto às características principais desta literatura:

BLUMENAU¹¹⁵

Victor Schleiff

Wie eine Insel liegt dies Blumenau
Im Meere schöner Gärten, angeschmiegt
Dem breiten Fluss, na dem im Himmelsblau
Die Königspalme ihre Wedel wiegt.

Aus Weingehegen, Rosengärten ragen
Der Häuser rote Dächer froh hervor.
Hier wohnt Glück, Zufriedenheit, Behagen,
Und kräftig Leben spriesst zum Licht empor.

Des Glückes Insel scheint dies schöne Tal,
Wo ohne Sorg' das Leben, sonder Plage,
Wo stets der Tisch gedeckt zum Freudenmahl,
Wo jede Woche sieben Feiertage.

¹¹⁵ Publicado no Livro do Centenário de Blumenau, 1950.

So scheint's. - Ihr seht ein schönes Blütenbund,
Drin Blum' an Blume sich harmonisch schliesst.
Das Aug' erfreut's, doch sieht es nicht den Grund,
Den Boden nicht, aus dem die Blüte spriesst.

Ihr seht ein schönes Bild. - Der Pinselstrich
Des fleiss'gen Malers wird nicht mehr erkannt.
Das schöne Bild enthüllt dem Auge sich;
Nicht seht den Schöpfer ihr, nicht wie's entstand.

So hier! - Drum tretet na die stille Stätte,
Dran einsem schwankt des Krotons starr Gelaub.
Steht sinnend still! - Es ist das letzte Bette
Des wackren Kämpfers, der hier wird zu Staub,

Des Tapfern, der den wilden Wald bezwungen,
Der Sumpf und Ried erschuf zum Paradeis,
Zu dessen Ruhm kein Heldensang gesungen,
Des Name kaum der eigne Enkel weiss,

Und der, fürwahr doch Grösseres erschaffen
Als Schlachtenlenker, die mit Ruhm bedeckt,
Die hell umstrahlt sind von dem Glanz der Waffen
Und deren Name noch die Kinder schreckt.

Und seht ihr auch nicht, dass der Väter Plage
Den Kindern blieb als eine schwere Last
Und dass das Muss nach ihnen alle Tage
Mit seinen harten Knochenfingern fasst?

Schaut, wie die scharfen Äxte rastlos blinken!
Schaut, wie die Foiça klirrend, schwirrend saust!
Schaut, wie die Zedern und Peroben sinken,
Wenn Fruchtfeld aus dem Wald erschafft die Faust!

Schaut hin, wie mit den schweren Cannabunden
Das Weib am Abend müde heimwärts keucht,
Nach kurzem Schlaf in frühesten Morgenstunden
Zur Arbeit eilet, eh' die Nacht entweicht.

Naht eine Fee dem neugeborenen Kinde,
Tritt na die Wiege sie mit leichtem Schritt,
Bringt als Geschenk sie ihm, als Angebinde
Und ernstes Sinnbild eine Hacke mit.

Und wenn wir heute sinnend rückwärts schauen,
Wenn Blumenau der hundert Jahr gedenkt,
So sagt mit Stolz: Uns wurde nichts geschenkt!
Es war ein hartes Kämpfen, mühsam Bauen!
Die Erde ward mit blut'gem Schweiss getränkt.

O poema tem um total de treze estrofes, sendo as primeiras doze de quatro versos cada, e a última com cinco versos. Esse tipo de estrofe, com esquema de rimas ABAB, utilizado em grande número de poemas teuto-brasileiros, parece ser a forma canonizada por esta literatura, e se acrescentarmos a isso ainda a utilização de pés fixos (clássicos), tal construção nos remete à retomada da forma clássica de Goethe e Schiller.

Os versos são construídos com uma seqüência de cinco jambos (pentâmetro jâmbico), perfazendo assim dez sílabas poéticas, como no primeiro verso do poema:

Wie eine Insel liegt dies Blumenau

U — U — U — U — U —

jambo jambo jambo jambo jambo

Segue uma tradução literal:

BLUMENAU

Victor Schleiff

Qual ilha situa-se esta Blumenau
Em mar de belos jardins, recostada
Ao largo rio, junto ao qual no azul do céu
A palmeira real seus ramos balança.

De vinhedos, de jardins de rosas emergem
Das casas alegremente os rubros telhados.
Aqui reside felicidade, satisfação, bem-estar,
E vital força brota ao encontro da luz.

Da felicidade a ilha parece este belo vale,
Onde despreocupada a vida [se desenlaça], sem tormento,
Onde sempre a mesa [vem] servida para feliz refeição,
Onde toda semana sete feriados [tem].

Assim o parece. - Um belo arranjo de flores vocês vêem,
No qual flor a flor se agrega com harmonia.
O olho alegre, mas não vê o fundo,
Não vê o solo, do qual brota a flor.

Um belo quadro vocês vêem. - A pincelada
Do dedicado pintor não mais se reconhece
O belo quadro ao olho se revela;
Não vêem vocês o criador, não como se originou.

Pois então! - Postem-se no silene lugar,
No qual solitária balança a dura ramagem da hera.
Fiquem pensativos e quietos! - Eis o último leito
Do valoroso lutador, que aqui volta ao pó,

Do corajoso que domou a selvagem mata,
Que pântano e juncos transformou em paraíso,
A cuja glória nenhum canto de herói foi cantado,
Cujo nome mal o próprio neto sabe,

E o qual, em verdade, maiores obras realizou
Que capitães de batalhas, cobertos de glória,
Iluminados pelo resplandecer das armas
Com nomes as crianças ainda intimidando.

E não vêem vocês também, que o sacrifício das pais
Aos filhos ficou como pesado fardo
E que o dever todos os dias
Com os duros ossos dos dedos os aprisiona?

Olhem, como os afiados machados incansáveis reluzem!
Olhem, como a foice, zumbindo, zinindo, voa!
Olhem como cedros e perobas tombam,
Quando férteis campos da mata engendra o punho!

Olhem bem, com pesados feixes de cana
Como a mulher ao anoitecer cansada para casa se arqueja,
Após curto descanso, no mais cedo da manhã,
Apressada ao trabalho retorna, antes da noite se deitar.

Se fada ao recém-nascido,
Ao berço se aposta com leve passa,
Como presente traz, como penduricalho,
Uma enxada como símbolo primeiro.

E se hoje pensativos para trás nos voltamos,
Ao Blumenau os cem anos comemorar,
Assim digam orgulhosos: A nós nada foi presenteado!
Foi duro lutar, fatigoso o construir!
Com terra de sangrento suor saturada.

Durante a seqüência das estrofes este poema é igualmente dividido em alguns blocos característicos. O primeiro deles compreende o trecho da primeira estrofe até o final do segundo verso da quarta, e se caracteriza por uma descrição afortunada da cidade de Blumenau no tempo presente (1950). A estrofe inicial apresenta a cidade idealizada e sugere que a mesma situa-se ilhada, afastando-a tanto geograficamente como culturalmente das demais cidades catarinenses: “*Qual ilha situa-se esta Blumenau*”, construindo uma pequena visão reclusa do paraíso, entre “*belos jardins, recostada/Ao largo rio*”, em cujo azul do céu “*A palmeira real seus ramos balança*” sugerindo tranqüilidade e paz.

Na segunda estrofe continua a visão encantada da cidade, com vinhedos, jardins de rosas e casas alegres, levando o autor a considerá-la praticamente perfeita: “*Aqui reside felicidade, satisfação, bem estar*”. Os objetos descritos pelo autor estão todos em seus devidos lugares, e sempre aparecem carregados de referências prósperas e sublimes.

Durante a terceira estrofe o autor continua a exaltação à cidade, repetindo a metáfora da ilha feliz: “*Da felicidade a ilha parece este belo vale*”. Conforme descrito pelo poema a vida corre sem a menor parcela de preocupação ou dificuldade, e a referência à fartura nas

refeições - *“Onde a mesa vem servida para feliz refeição”* - supõe a prosperidade dessa cidade maravilhosa, chegando a sugerir que os habitantes atravessam a vida em eternas férias: *“Onde toda semana tem sete feriados”*.

Nos primeiros dois versos da quarta estrofe continua o clima de exaltação à cidade comparando-a agora com um arranjo de flores onde tudo se agrega com harmonia, e encerrando assim o primeiro bloco temático do texto. O novo grupo de estrofes introduz um questionamento, diante de tamanhas venturas, chamando a atenção dos leitores para algo que os olhos não observam ao olhar a cidade: *“O olho alegre, mas não vê o fundo,/Não vê o solo, do qual brota a flor”*. O autor inicia então uma reflexão de como a cidade se tornara assim venturosa, sugerindo que em outros tempos a realidade era diferente da atual: *“Não vêem vocês o criador, não como se originou.”*

O terceiro bloco é constituído pelas estrofes de seis a doze, onde o autor convida os leitores a refletirem sobre os primeiros desbravadores, seu suposto anonimato atual, mesmo diante da enorme colaboração que individualmente deram para a edificação da cidade. Inicialmente o narrador chama os leitores a prostrarem-se junto ao túmulo dos desbravadores, *“Fiquem pensativos e quietos...”*, enquanto cita os feitos dos primeiros imigrantes: *“Do corajoso que domou a selvagem mata,/Que pântanos de juncos transformou em paraíso”*.

A atitude de Schleiff, chamando a atenção para os pioneiros desbravadores, e sua história durante os primeiros anos de ocupação, parece ser motivada pela aparente atenuação da memória cultural germânica nas novas gerações, mediante a exposição contínua e crescente aos valores da nova terra. Assim Schleiff rememora aos leitores as realizações dos imigrantes: *“A cuja glória nenhum canto de herói foi cantado,/Cujo nome mal o próprio neto sabe”*.

As obras realizadas pelos desbravadores são consideradas pelo autor superiores às dos capitães de batalhas, apesar dos segundos receberem maior mérito: *“E o qual, em verdade, maiores obras realizou/Que capitães de batalhas, cobertos de glória”*. Nestes primeiros tempos a exigência do trabalho descrita pelo poeta parece ser tanta que, aparentemente, não sobra espaço para qualquer outra atividade, e o imigrante se sente aprisionado pelas suas atribuições: *“E que o dever todos os dias/Com os duros ossos dos dedos os aprisiona.”*

Tais obras, que pelo descrito no poema foram levadas a cabo por duas gerações consecutivas - *“E não vêem vocês também, que o sacrifício das pais/Aos filhos ficou como pesado fardo”* - são basicamente a abertura de clareiras na mata: *“Olhem, como os afiados machados incansáveis reluzem!/Olhem, como a foice, zumbindo, zinindo, voa!/Olhem como cedros e perobas tombam”*, e o posterior trabalho nas plantações: *“Quando férteis campos da mata engendra o punho!”*. A partir da décima estrofe o desbravador já se encontra em família, e as tarefas diárias são divididas entre todos: *“Olhem bem, com pesados feixes de cana/Como a mulher ao anoitecer cansada para casa se arqueja”*, mas a premência ao trabalho continua, e é observada no texto quando os personagens põe-se a trabalhar antes do clarear do dia: *“Após curto descanso, no mais cedo da manhã./Apressada ao trabalho retorna, antes da noite se deitar.”*

Segue a próxima estrofe (12) com a presença de mais uma geração que parece ser iniciada à filosofia do trabalho desde muito pequeno: *“Se fada ao recém-nascido.... Como presente traz, como penduricalho,/uma enxada como símbolo primeiro.”* Aqui se encerra esse bloco temático.

Na última estrofe o narrador, agora em primeira pessoa do plural, e aparentemente falando em nome de todo o povo blumenauense, retorna ao tempo presente (1950), sugerindo que os leitores reflitam sobre o centenário da cidade: *“E se hoje pensativos para trás nos voltamos,/Ao Blumenau os cem anos comemorar”*, para concluir, sugerindo ao leitor, que igualmente atravessa a efeméride, uma postura afirmativa quanto a sua inserção histórica: *“Assim digam orgulhosos: A nós nada foi presenteado!/Foi duro lutar, fatigoso o construir!/Com terra de sangrento suor saturada.”*

As razões dessa atitude afirmativa que Schleiff sugere ao público leitor podem ser observadas a partir das relações que se estabeleceram após a campanha de nacionalização, que, apesar de deflagrada na década anterior, ainda guardava ressentimentos por parte dos teuto-brasileiros, se é que ainda podemos assim nominar este grupo¹¹⁶. O próprio poema de Schleiff, pelo seu caráter afirmativo, parece conter parte desse ressentimento, servindo como “resposta” a vozes que aparentemente sugerem o contrário.

¹¹⁶ A partir de 1950 torna-se cada vez mais incômoda a utilização da palavra teuto-brasileiro, instância que já não acolhe convenientemente os descendentes.

6 UMA VIAGEM SÓ DE CHEGADA

Como o presente trabalho tem como objetivo a análise de uma parcela da poesia em idioma alemão produzida nas zonas de colonização em Santa Catarina pelos imigrantes e seus primeiros descendentes, a primeira observação que nos propomos foi a caracterização desse grupo que se instalou em nosso estado tendo como ponto de partida os poemas que escreveram. Quanto à nacionalidade dos imigrantes se observou inicialmente uma homogenização do conceito, ou do que se entendia por “imigrante alemão”, englobando variados grupos com sensíveis diferenças entre si. Quanto ao termo imigrante, sua caracterização não suscita muitas dúvidas e é compreendido neste trabalho por aquele não brasileiro que chegou ao país de uma terra distante, objetivando estabelecer-se e sem intuito de voltar a sua terra natal, no fluxo da grande emigração européia, no período compreendido entre as guerras napoleônicas e a primeira guerra mundial.

Já o termo “alemão” sofreu algumas alterações em sua abrangência no decorrer da história. Os povos alemães mantiveram-se razoavelmente coesos até o século XIII, quando progressivamente foram perdendo sua unidade política, inicialmente com a criação do Sacro Império Romano-Germânico, depois com a desanexação da Suíça e posteriormente dos Países Baixos (1648) e, finalmente, com a separação da Áustria da Liga Alemã em 1866. O moderno país que hoje chamamos de Alemanha foi constituído somente em 1871 quando os então 39 Estados alemães foram unificados (praticamente uma imposição da Prússia sobre os outros centros) por Bismark. Assim, durante parte do período de imigração, o termo “alemão” abrangia vários Estados independentes, cujo único elo agregador era a língua que utilizavam, às vezes com discordâncias tais que dois habitantes de regiões distintas, ambas fazendo uso do “seu” alemão, não se entendiam. Para o historiador Jochem: *“No século XIX, tal vocábulo era utilizado para definir uma unidade de idioma e cultura, que abrangia diversos países, cada qual com particularidades regionais, gestos e privilégios especiais de prestígio.”*¹¹⁷

Portanto, somos levados a concluir que, de fato, no caso dos imigrantes alemães em Santa Catarina, a língua comum, em detrimento de tantas outras especificidades, exerceu o papel de fundadora da identidade deste grupo, que aqui instalado passou a se chamar teuto-brasileiro. Mesmo assim devemos compreender que os imigrantes alemães não formavam um

¹¹⁷ JOCHEM, Toni Vidal. *A Epopéia de uma Imigração*. Águas Mornas, SC: Ed. Do Autor, 1997, p. 53.

bloco homogêneo, com características e ambições determinadas, pois: *“Herdeiros de uma cultura multimilenar, os imigrantes que vieram para o Brasil diferem uns dos outros ao apresentarem particularidades inerentes a cada uma das tribos das quais descendem: a dos saxônios, dos turingios, francos, alemanos e bávaros.”*¹¹⁸ René Gertz igualmente menciona essa atitude que busca a homogeneidade, atentando ser um dos principais erros nas abordagens historiográficas sobre os imigrantes alemães: *“Recentemente o brasilianista Jeff Lesser, que dedicou várias pesquisas aos judeus no Brasil, disse num depoimento que um dos problemas da historiografia sobre imigrantes é a suposição de que estes constituem um grupo homogêneo e monolítico.”*¹¹⁹ Gertz lembra que no caso dos imigrantes alemães: *“Havia colonos, colonos luteranos, colonos católicos, comerciantes, industriais, maçons, proletários, que – mesmo pressupondo que possuísem alguns interesses ideais comuns – possuíam interesses ideais e materiais diferentes.”*¹²⁰

Às vezes, a simples tentativa de descrever este grupo de imigrantes mostra a heterogeneidade do mesmo. É o caso de Lorival Câmara: *“...sob a denominação genérica de “alemães” englobamos todos quantos procedem da Alemanha: provenham da Baviera, ou de Württemberg, ou da Saxônia, ou da Suábia, como sejam hanoverianos, ou bálticos, ou meclemburgueses, ou hamburgueses. Originem-se da Alta Alemanha, dos Vosges, da Turingia como, também, das zonas planas regadas pelo Rêno, ou pelo Vistula, ou pelo Elba.”*

121

Essa amplitude do termo “alemão”, sustentado pela língua comum, generalizando como vimos várias regiões e até países, é observado também nos poemas produzidos pelos imigrantes em Santa Catarina, como “VELHA E NOVA PÁTRIA”, de Victor Schleiff, que pretende uma realidade una e monolítica tanto entre os povos alemães no velho mundo, apesar de compreender a região onde viviam como um amplo território, com realidades díspares, que vai dos Alpes ao mar do Norte, compreende-os um só: *“... a terra dos ancestrais/Dos pés dos Alpes às baías marinhas!/As muitas terras agrestes, arenosas,”* bem como já no novo mundo, nas zonas de colonização: *“E de todos os recantos/ Saúda o trabalho alemão, a Alemanha dedicação”*. Na descrição de Schleiff todos parecem compartilhar de um mesmo objetivo,

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ GERTZ, René. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, UFRGS, 1991, p. 9.

¹²⁰ Idem.

¹²¹ CÂMARA, Lorival. *Revista de Imigração e Colonização*. Rio de Janeiro, 1940.

trabalhando unidos para a construção de algo aparentemente comum, provavelmente uma poderosa metáfora que o autor pretende sugerir ao seu público leitor. Tal “modelo” do alemão “autêntico” que o poema tenta erigir se funda basicamente na exaltação do trabalho e na unidade étnica e cultural.

Essa perspectiva homogenizante que o poema, nesta passagem, propõe, talvez possa ser compreendida como uma reação contra a iminente perda (atenuação) da germanidade nas novas gerações, mediante a exposição aos valores brasileiros, levando Schleiff, bem como outros autores, a clamar aos membros de seu grupo frente a supostos deveres étnicos: “*Assim ao espírito alemão se atenham...*” como se reagissem à perda de uma identidade em última instância por eles próprios construída.

Em “TEUTO-BRASILEIRO”, Georg Knoll sugere uma origem única aos povos alemães, da qual afirma não ter vergonha - “*Da alemã origem não me vexo...*” - também como forma de construir um ideário homogêneo no público leitor. Knoll igualmente quer crer, ainda neste mesmo poema, uma aparente imutabilidade desse espírito alemão com o passar do tempo, geração após geração, pois para o autor: “*Sempre, alemã foi minha linhagem*”. Com isso pretende uma longevidade futura apoiada na percepção de que para tal devem manter sua cultura e tradições.

Outros poemas entretanto referem-se somente à casa dos pais como sua pátria, aparentemente de amplitude mais restrita talvez ao local onde nasceu, sua comunidade, como por exemplo em “PALAVRAS ALEMÃS, CANÇÕES ALEMÃS”, de Rudolf Damm: “*Meu espírito a migrar para os recônditos da terra em que nasci.*” Aqui o termo terra parece restringir-se a um vale ou a uma pequena vila.

Dos poemas portanto observamos duas posturas quanto às relações dos imigrantes para com a região de onde vieram, a primeira nos lembra uma estátua, um monumento, por sua simetria e unicidade, o povo alemão como um agrupamento de indivíduos com anseios e perspectivas comuns, dividindo a mesma terra, cultura e, principalmente, a mesma língua. Essa compreensão tende mais para uma construção ideológica, tamanha a ordem em que as coisas se encontram sob esta ótica. A segunda postura, apesar de minoritária entre os textos selecionados, nos parece mais adequada para a época. Neste sentido lembra-nos Gertz:

“Tenho certeza de não afirmar nenhum contra-senso se digo que até fins do século 19, ao nível planetário, o mundo de um camponês se estendia num raio de cinco quilômetros em torno do lugar em que vivia...”¹²²

A segunda observação que salta aos olhos à leitura desses poemas é a maneira com que praticamente todos os autores tratam as razões pelas quais emigraram. As motivações da grande onda migratória internacional dos séculos XIX e XX já foram suficientemente estudadas e descritas, restando, para o escopo deste trabalho, uma breve panorâmica sobre o assunto a fim de fundamentar algumas de nossas conclusões posteriores.

Sob um âmbito geral, a opção pela emigração envolve tanto fatores de expulsão da terra natal quanto de atração que a nova possa suscitar. O principal fator de expulsão é o econômico, ou seja, a dificuldade de sobrevivência e realização no país de origem, pois *“... a maioria dos migrantes não desejam abandonar suas casas nem suas comunidades. Se pudessem escolher, todos – com exceção dos poucos que anseiam por mudanças e aventuras – permaneceriam em seus locais de origem. A migração, portanto, não começa até que as pessoas descubrem que não conseguirão sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem. Na grande maioria dos casos, não logram permanecer no local porque não têm como alimentar-se nem a si próprias nem a seus filhos.”¹²³* Para um número menor de casos, Klein cita ainda outros fatores de expulsão como perseguições por nacionalidade ou por questões religiosas. Jochem também assim compreende quanto aos principais fatores motivadores da emigração: *“Foram muitos os motivos, sendo que os de ordem econômica têm precedência sobre os de ordem ideológica.”¹²⁴*

No caso da emigração européia dos séculos XIX e XX são apontados como principais aspectos motivadores uma combinação entre as dificuldades de acesso à terra, e em consequência ao alimento, e o crescimento populacional que se verificou na época.

O acesso à terra teria sido dificultado principalmente em função de mudanças nos direitos sobre a propriedade, decorrentes da instabilidade social após anos de guerra, com

¹²² GERTZ, René. O Perigo Alemão. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, 1990, pg. 9.

¹²³ KLEIN, Herbert. Migração Internacional na História das Américas. Organizado por FAUSTO, Bóris. *Fazer a América (A imigração em massa para a América Latina)*. São Paulo, EDUSP, 1999, p. 13.

¹²⁴ JOCHEM, Toni Vidal. *A Epopéia de uma Imigração*. Águas Mornas, SC: Do Autor, 1997, p. 54.

anexações e perdas sucessivas e conseqüente alteração dos domínios territoriais e políticos sobre a Europa. O Congresso de Viena, que redemarcou os limites territoriais depois da era napoleônica, praticamente restabeleceu, principalmente nos povos alemães, as relações de trabalho feudais entre a aristocracia reconduzida e a população cada vez mais empobrecida. Também, quando os camponeses possuíam suas próprias terras, “...a legislação que determinava a partilha de terras entre os herdeiros em alguns estados alemães, ocasionava a fragmentação de propriedade em lotes cada vez menores, inviabilizando a vida da família camponesa, mesmo em épocas de boas colheitas.”¹²⁵

Já o aumento populacional foi causado em parte pela queda do índice de mortalidade verificado por toda a Europa, decorrente, entre outras ações, da introdução da vacinação contra a varíola e do desenvolvimento e aplicação de técnicas de saneamento básico. Ainda conforme Klein: “Esse crescimento da população pressionou enormemente o setor agrícola de cada país. Para atender às crescentes demandas alimentares, começaram a mudar os métodos tradicionais de arrendamento, cultivo e produção. Os enclosures¹²⁶ (cercados), a supressão dos tradicionais direitos de acesso à terra e outros instrumentos foram usados para a criação de unidades econômicas viáveis. Isso implicou na perda por muitos camponeses de seus direitos à terra, os quais foram forçados a trabalhar para os outros. O aumento de produtividade e a crescente mecanização da agricultura européia significaram menos necessidade de mão de obra, exatamente num momento em que surgia um excedente de força de trabalho. Em virtude da falta de apoio governamental, a fome passou a ser uma séria ameaça às populações sem terra ou que possuíam terras limitadas.”¹²⁷

O crescimento demográfico é visto por outros autores como a principal causa das emigrações européias: “A causa mais importante desta imigração explosiva, consistia no extraordinário crescimento demográfico, verificado na Europa, depois das guerras napoleônicas. Nos dois séculos anteriores a 1800 a população crescera vagarosamente e chegara mal, à cifra de 180 milhões, em 1800. Em 1850, meio século mais tarde, a população havia saltado para 266 milhões. De 266 milhões, em 1850, saltou para 400 milhões em 1900.

¹²⁵ KLUG, João. *Imigração e Luteranismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1994, p. 28.

¹²⁶ Enclosures, processo de passagem de terras livres ou comuns para o uso privado, com demarcação de áreas e seu cercamento. (N. do T.)

¹²⁷ KLEIN, Herbert. *Migração Internacional na História das Américas*. Organizado por FAUSTO, Bóris. *Fazer a América (A imigração em massa para a América Latina)*. São Paulo, EDUSP, 1999, p. 15.

Em um só século a população europeia se duplicou a despeito das guerras, das revoluções e, sobretudo, das emigrações.”¹²⁸

Já os fatores de atração que o Brasil, e mais especificadamente Santa Catarina, dispunham para impressionar o imigrante consistia na situação inversa da Europa. Enquanto no velho mundo havia escassez de terras disponíveis, portanto seu preço era caro, e oferta elevada de mão de obra, no Brasil existiam terras em abundância, faltando-lhe quem as trabalhasse. Em consequência à abundância de terra, os agentes de empresas colonizadoras ofereciam grandes facilidades de aquisição. No Vale do Itajaí, os colonos em geral iniciavam seus pagamentos dois anos depois de instalados e após negociarem suas primeiras colheitas. Assim, “...a possibilidade de obter terra era uma constante atração para todos os imigrantes. Como a terra era barata – em comparação com os padrões europeus – era grande a probabilidade de trabalhadores sem terra conseguirem suas próprias fazendas, muitas vezes num período de tempo muito curto após a chegada.”¹²⁹

Mas, apesar da variedade de informações que a história nos deixou sobre os aspectos que impulsionaram milhões de europeus à migração internacional, suprimindo e possibilitando o processo colonizador de parte do território catarinense, os poemas produzidos por esses mesmos migrantes ou seus descendentes abstraem de seu universo poético as razões pelas quais deixaram suas comunidades. Poemas como “OS PRIMEIROS IMIGRANTES” ou “VELHA E NOVA PÁTRIA”, ambos de Victor Schleiff, que pretendem uma leitura histórica, uma quase epopéia, não analisam ou problematizam sua situação anterior, relegando-a ao silêncio, ou mascarada por detrás de metáforas, com o intuito de evitar/apagar a realidade que os envolvia antes da imigração.

Esse filtro sobre os aspectos cotidianos do passado recente, anteriores à imigração, sabidamente difíceis e angustiosos, se verifica nos textos aqui produzidos, na forma como os poetas descrevem, de maneira sutil e metaforizada, o momento do desembarque na nova terra. Vários poemas iniciam já em terras catarinenses, como em “MINHA CASA PATERNA”, de Rudolf Damm, onde no primeiro verso a nova terra surge entre as ondas: “*De azuis vagas*

¹²⁸ COSTA, Virginia(Org.). *História da Imigração no Brasil*. São Paulo. Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro. 6 edição, p. 64.

¹²⁹ KLEIN, Herbert. *Migração Internacional na História das Américas*. Organizado por FAUSTO, Bóris. *Fazer a América (A imigração em massa para a América Latina)*. São Paulo, EDUSP, 1999, p. 17.

uma terra emerge”. O imigrante não nomina a nova terra, destituindo-a de história e de certa maneira não demonstrando muita importância à soberania do Brasil, nação constituída há pelo menos meio século, sobre as áreas de colonização. Do primeiro verso se intui que o imigrante chegou a esta nova terra de barco pelo mar, mas atendo-se ao descrito pelo texto parece uma viagem só de chegada. Como, e por que razões o “*filho louro do norte*” teria abandonado sua terra, preterindo-a por outra, os autores de modo geral evitam descrever.

Também em “OS PRIMEIROS IMIGRANTES” Victor Schleiff inicia o poema com os imigrantes já em continente americano, avistando a nova terra: “*“Terra! Terra!” - Assim ressoa de boca em boca, / “Terra! Terra! Lá no Poente!” / “Terra! Terra!” - Firme a âncora no fundo se cava / Com férreo dente seu.*” Novamente a viagem é somente de chegada, não há partida nem véspera. E quando ousa olhar ao passado, o limite que alcança, ou se permite, é a viagem e suas dificuldades: “*Para trás ficou a terrível viagem!*” Observe-se que Schleiff descreve as vicissitudes da travessia transatlântica com razoável detalhamento: “*Do pão o bolor batiamos / E vermes na bebida se contorciam. / Do navio o porão, qual túmulo mofoso, / De miséria, fetidez e agruras pleno.*”, porém nada diz sobre sua situação pretérita.

Também em “OS MIGRANTES”, de Ernest Niemeyer, a narrativa poética se inicia no novo mundo já ao primeiro verso: “*Cá estamos, migrantes, da pátria distantes*”, sendo que a única referência à pátria, à terra natal, é a distância que estão dela. Mais uma vez o poema se realiza em terras brasileiras, e apesar de assumir-se de outra pátria, evita até nominá-la, vendo-a distante e abstraído-a do enredo do poema. Também sobre como e porquê deixaram sua pátria, Niemeyer, como os demais poetas desta literatura em idioma alemão, prefere não dissertar.

Mesmo quando o imigrante cita em seus poemas as supostas razões pelas quais deixou sua comunidade, estas se apresentam metaforizadas, e nunca expostas claramente, ou com a mesma acuidade das descrições que faz da nova terra. Em “PALAVRAS ALEMÃES, CANÇÕES ALEMÃS”, de Rudolf Damm, por exemplo, as razões da imigração são atribuídas à má sorte ou ao destino: “*Novamente à terra natal atraem, / Ah! Da qual há longos anos / A má sorte me apartou*”. Damm exime-se de qualquer responsabilidade quanto à decisão de emigrar, parecendo trazido à força ao novo mundo, por um ato de magia. Também Ernest Niemeyer em “OS MIGRANTES” prefere atribuir o complexo e doloroso processo da

imigração a fatores imaginários: *“À nova terra a estrela nos atraiu”* esquivando-se dos problemas concretos que o envolviam.

Damm parece arrependido de ter emigrado, sendo trazido pela “má sorte”, porém Niemeyer vê tal deslocamento como positivo, ação divina de uma “estrela”. Também aqui se percebe a heterogeneidade dos sentimentos e projeções dos imigrantes e seus descendentes diante da nova realidade na qual estão inseridos.

Observando os exemplos acima é claro perceber a dificuldade que os imigrantes e seus descendentes tiveram no trato com as razões que os impulsionaram à emigração, representado nos poemas somente por breves indicações de mal estar, onde maldizem a condição a que foram submetidos. *“Outrora ao desconhecido rumamos/Sombrio era este região!”*, sem tratá-las diretamente.

Esse silêncio a que os autores relegam sua vida antes da imigração parece demonstrar, sob certo aspecto, o intuito do imigrante de não mais voltar ao velho mundo, de reiniciar vida nova. São poucas as pesquisas que estabelecem, ou ao menos projetam, quantos imigrantes efetivamente voltaram a sua terra natal, mas em geral apontam para muito poucos, pois, além das questões pessoais que envolvem um estabelecimento em outras terras, pois como vimos, em sua maioria os povos emigram contra sua vontade, gerando mágoas e contradições, há ainda os posicionamentos políticos decorrentes do ato emigratório em alguns dos Estados alemães. Para a Prússia, por exemplo, os que emigravam, deixando sua pátria, eram considerados desertores. O próprio Bismark assim pensava: *“Para mim, um alemão que abandona o seu país, como um velho casaco, não é mais um alemão, e eu não tenho mais interesse nele como um homem de minha terra”*¹³⁰. Alguns poemas chegam a explicitar a vontade de não mais retornar; é o caso de *“OS PRIMEIROS IMIGRANTES”*, de Victor Schleiff, que, mesmo descrevendo o imigrante diante das dificuldades da nova terra e tomado por imenso desânimo, nega peremptoriamente a possibilidade de retornar à terra natal: *“Ao invés de floridos jardins, da selva/O poder do horror o grupo circunda/De ameaçadores sustos, onde necessidade e perigo/O estrangeiro raivosos agarram.//“És tu a sorte, que nos atraiu e chamou?/Mas um retorno acontecerá jamais!”*

¹³⁰ MAGALHÃES, Maronilde Brepohl. *Pangermanismo e Nazismo – A Trajetória Alemã Rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1998. p. 22.

A partir dessa premissa de não mais retornar à velha pátria e ao contato com a nova realidade, quer economicamente quer socialmente, foi se desenvolvendo no imigrante e descendentes relações de afetividade crescentes pela nova terra, gerando laços cada vez mais sólidos. Esse processo se deu porém sem que o grupo abandonasse a lealdade às tradições culturais da velha pátria, fruto, como vimos no primeiro capítulo, de uma série de fatores, geográficos (isolamento para com outras etnias) e ideológicos (escola, igreja, ações de organismos externos etc.). Desta maneira, por várias décadas nas zonas de colonização em Santa Catarina, os imigrantes alemães transitaram entre duas nacionalidades, a alemã que trouxeram, e a brasileira que progressivamente foram adquirindo. Uma citação da pesquisadora Giralda Seyferth bem explica a identidade fracionada deste grupo a partir do propósito de estabelecer-se no novo mundo:

“Os imigrantes vinham para ficar; na representação que mais comumente encontramos, o processo era concebido como “o estabelecimento numa nova pátria”. Essa maneira de ver o processo imigratório, como a integração numa nova sociedade, encontra sua expressão mais acabada na idéia de Heimat dos teuto-brasileiros. Etimologicamente esta palavra deriva de Heim (lar) e, no seu significado mais restrito, a pátria de um indivíduo é o seu lar. Não tem um equivalente preciso em português, mas a tradução mais aproximada é pátria, uma pátria que tem um significado étnico e restrito, porque não se refere ao país do qual um indivíduo é cidadão, mas à sua comunidade, o lugar onde nasceu. Enfim, a Heimat pode ser construída em qualquer lugar. Segundo essa ideologia, assim fizeram os imigrantes alemães no Brasil, mantendo sua solidariedade étnica. Uma pátria que é, ao mesmo tempo, alemã e brasileira. Étnica e culturalmente ela é teuta, mas é brasileira porque não só está situada dentro do Brasil como seus membros estão integrados econômica, social e politicamente ao Estado brasileiro.”¹³¹

¹³¹ SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora da UnB, 1990, p.86.

Os poemas aqui recolhidos denunciam a existência destas duas categorias de nacionalidade no imaginário dos poetas imigrantes, a primeira que os liga ao seu aporte cultural, construído na terra natal, e frequentemente recorrido através da memória. A segunda envolve sua realidade presente, em terra estrangeira, sua inserção na vida cotidiana, nas relações comerciais e políticas, e a expectativa do porvir.

No poema “TEUTO-BRASILEIRO”, Georg Knoll nos oferece interessantes subsídios à análise da nacionalidade do imigrante, pois, de forma explícita, o poeta afirma ter duas nacionalidades. A primeira delas o liga ao passado e é proferida no contexto do poema quando o tema parece ser eminentemente étnico, relacionando o imigrante à sua origem e aos ancestrais: “*Alemão o sou!*”. Posteriormente, mas no mesmo poema, o autor, já considerando alguma influência brasileira em sua atual identidade, se assume agora portador de duas nacionalidades: “*Sou em carne e sangue/Teuto-brasileiro*”. As circunstâncias que o envolvem agora são outras, ele se encontra envolto em disputas com membros de outra etnia, que, como vimos na análise deste poema no capítulo anterior, prefere não nominar. O embate, por mais que não descrito, tem seu desenrolar na nova terra, e neste contexto, presentificado, o imigrante se julga “teuto-brasileiro”.

Também Victor Schleiff, em seu poema “SAUDADE”, denuncia a situação dúbia e fragmentada em que se encontrava a identidade do imigrante, mas sob um aspecto diverso da postura de Knoll, que se via tanto como alemão como teuto-brasileiro, e em última instância empunhava duas identidades, que como vimos conviviam amistosamente entre si. Schleiff, que neste poema se mostra menos eufórico, não se reconhece em nenhuma das definições anteriores. Sente-se somente como um estranho, como já se disse, diferente do que era (antes da imigração), ou seja, já não se sente totalmente alemão, distante de vários de seus referenciais: “*Estranhos restamos...*”. Paralelamente, e com mais razão face às diferenças culturais do contato com a nova realidade, não se sente brasileiro: “*...estranhos em terra estrangeira*”. Assim, ao contrário do eu-lírico de Knoll que aparentemente experimenta duas nacionalidades, o de Schleiff não desapareceria na paisagem nem aqui nem na Alemanha, restando-lhe uma sensação que não consegue sequer nominar, metaforizada e reduzida ao adjetivo estranho. Essa diferenciação de sentimentos decorrentes de facilidades/dificuldades diferenciadas de adaptação entre os imigrantes novamente sugere a não homogeneidade desse grupo.

No poema “VELHA E NOVA PÁTRIA”, também de Schleiff, o autor assume a existência de duas pátrias, inicialmente convalescendo das dores da Alemanha pós guerra: “*Esvaneceu de mil chagas sangrando,/Pátria, estrela tua*”. Aqui “pátria” se refere inequivocadamente à “terra dos ancestrais”. Já na próxima estrofe, o poeta jura fidelidade à nova pátria, afirmando a coexistência da primeira, que lhe serve de endosso: “*Aquele que a seu povo se mantém fiel,/Mantém-se fiel em sofrimento e necessidade,/ àquele pode a pátria, a nova, confiar até a morte.*”

Observe-se porém que apesar da existência pacífica entre as duas pátrias no imaginário do imigrante, elas não coexistem em mesmo instante, não se entrelaçam, nem se fundem construindo uma terceira. Parece haver o momento de uma e o momento de outra, conforme as conveniências do imigrante. A coexistência alternada dessas duas categorias pode ser aceita, como também já se falou atrás, se compreendermos que o imigrante e seus descendentes próximos assumem a nacionalidade alemã quando diante de aspectos ligados à sua cultura, ao passado, ao valores étnicos. São brasileiros, porém, quando tratam de assuntos relacionados a questões políticas, ao envolvimento junto ao aparato do estado. Gertz parece concordar com esta dupla identidade quando entende que: “*O teuto-brasileiro é um alemão completo – já que é parte integrante do povo alemão -, mas ele também é brasileiro completo – já que de acordo com a legislação brasileira possui a cidadania brasileira.*”¹³²

Porém, com o passar das décadas e das gerações, essas duas categorias foram sofrendo variações, pois expostos à dinâmica dos processos sociais cada qual alterou a intensidade de sua exposição no imigrante e principalmente nos seus descendentes. Observa-se um certo predomínio do brasileiro em detrimento de um arrefecimento da parcela teuta, aspecto que pode se perceber nos poemas mais recentes, que evidenciam uma preocupação por parte dos autores pela perda da germanidade, em um desequilíbrio, para o lado brasileiro, dessas duas percepções de nacionalidade.

Esse desequilíbrio parece provocar uma reação por parte dos interessados na parcela teuto-brasileira, identificada nos poemas pelo uso de instrumentos de manutenção da germanidade e de identidade, que se sustinham principalmente através da manutenção da língua materna e da cultura, bem como através da exaltação do trabalho, conjunto que parece

¹³² GERTZ, René. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, 1991, p. 33.

representar o que Schleiff chamou de espírito alemão, enquanto aconselha seus leitores: *“Assim ao espírito alemão se atenham”*.

A manutenção da língua alemã é cantada em “PALAVRAS ALEMÃS, CANÇÕES ALEMÃS”, de Rudolf Damm, que entende a língua como um dos pilares do “espírito alemão”, conclamando-as para que: *“Enalteçam a fonte do alemão espírito,/Que nos borbulha luminoso e cristalino:/Palavras alemãs, canções alemãs/Soam sempre fortemente!”* Para Damm a língua alemã serve de acalanto, de conforto para as horas difíceis, assim como, em “LÍNGUA MATERNA”, Maria Kahle vê a língua materna como um bálsamo para os alemães em terra estrangeira, exata situação dos imigrantes aos quais escreve, com claro apelo ideológico, associando a língua materna com conforto: *“Quando longe da pátria,/Sem sossego, a insônia te atormenta/Clama a língua da mãe/Consolando, conformando:/Terra, pátria.”* Neste poema de Kahle, a língua materna toma o lugar de uma oração, à qual o imigrante deve recorrer em caso de dificuldades, sugerindo que o imigrante mantenha sua germanidade para a resolução de seus problemas.

As referências à capacidade do trabalho e eficiência alemã são encontradas nos poemas sob dois aspectos, inicialmente de maneira absoluta, estando o grupo diante das dificuldades de desbravamento frente à floresta, e seu esforço é medido através de sua imposição sobre as forças da natureza, cuja metáfora recorrente é a capacidade de transformar a selva em paraíso. Há ainda poemas que sugerem um diferencial de trabalho em relação a “outro” grupo que supostamente os cerca e que fatalmente assumem, na leitura destes poemas, o estereótipo do trabalhador indolente, quando não preguiçoso, avesso ao trabalho.

Quanto à exaltação do diferencial de trabalho frente à natureza observamos em “VELHA E NOVA PÁTRIA”, de Schleiff, a afirmação de que o trabalho alemão possibilitou a transformação e o desenvolvimento da cidade: *“Aqui transformamos com calejadas mãos/A selva em paraíso”*. Tal interferência e transformação da realidade mediante a força do trabalho é por vezes compreendido como um milagre, caso de “OS MIGRANTES”, de Ernest Niemeyer: *“Mas - alto obstáculo se amuralha,/Que vencer teremos, e conseguiremos,/Às abençoada mão e sabida mente/Também milagre acontecerá.”*

Frente aos obstáculos, os imigrantes descritos pelos textos não se abalam e buscam forças no ideário do povo alemão e sua disposição (imagirária/imaginada) ao trabalho, como faz Schleiff em “OS PRIMEIROS IMIGRANTES”: *“Para que Deus lhes deu dos braços a força?/Para que no peito a coragem?/De pé, homens! - Enrijeçam para o trabalho os tendões!/De sangue alemão o sois!”* A premência com que o trabalho é tratado no cotidiano do imigrante se verifica em, por exemplo, “Saudade”, também de Victor Schleiff, onde após breve devaneio “acorda” para sua realidade imediata: *“Não clama, rude e áspero/O novo trabalho após o curto descanso,/Com o machado direcionado: "Ao trabalho, marche!"*

Porém, mesmo em menor número, há dissonâncias dessa representação estereotipada do imigrante vencedor e jubiloso, caso do poema “TERRA ABANDONADA”, de Georg Knoll, onde através de um texto quase realista (só não o é pela sonoridade), o poeta descreve um caso em que *“A mata virgem aqui foi vitoriosa”*, vencendo a obstinação dos desbravadores, que tiveram que abandonar seus lotes, deixando capela e rancho ao abandono, já sendo retomados pela exuberância da selva. Mesmo assim este poema, no meio de outros tantos “vencedores”, tende a reafirmar a força dos segundos, pois atesta as reais dificuldades que por eles foram superadas.

O trabalho é visto às vezes como vicissitude opressiva, como dificuldade a ser superada, como no poema “SAUDADE”, onde Schleiff faz o personagem sair de um devaneio sublime, onde em sonho sua alma visitara o passado e a casa onde nasceu, para imediatamente trazê-lo a sua realidade mais franca e verdadeira: o trabalho que o espera. Mas a maioria dos poemas o exaltam, sobretudo se realizado com alegria. É o que sugere “MINHA CASA PATERNA”, de Rudolf Damm: *“Hábeis se movimentam jovens e velhas mãos/E trabalham com incansável dedicação/Na roça e lavoura, em pastos e matas/E bem-humorados, mesmo sob acre suor”*. Se observarmos que as dificuldades de obtenção de trabalho na terra natal foram uma das grandes motivações da onda imigratória podemos compreender o porquê deste apego às possibilidades de realização mediante esforço próprio, sobre sua própria propriedade.

Giralda observa ainda um aspecto deste ideal de trabalho inclusive como instrumento para a diferenciação étnica do grupo teuto-brasileiro frente aos luso-brasileiros: *“A “etnicidade”, para a maioria dos descendentes de imigrantes, é representada com base num*

*ethos do trabalho. Os imigrantes são concebidos por si mesmos como pioneiros e civilizadores – os que transformaram as florestas do sul do Brasil em “ilhas” de civilização; ou como aqueles que dignificaram o trabalho num país onde tudo foi deixado nas mãos dos escravos. Tal concepção leva a uma representação estereotipada dos brasileiros como indivíduos que não trabalham ou que consideram o trabalho manual degradante.”*¹³³ Um exemplo dessa representação encontramos em “TEUTO-BRASILEIRO”, de Georg Knoll, onde o trabalho que o imigrante realiza parece posto em comparação com um outro grupo nominado apenas por sua suposta atitude crítica: “*Disto crítico, tome nota./Do que a fazer eu tenho, e bem o posso./Vocês críticos monitores são*”. Quando o poeta sugere que os “críticos” sejam “monitores” parece estar de fato se referindo aos brasileiros, pois como já se disse, no âmbito da divisão do trabalho, de maneira geral cabia aos imigrantes (alemães, italianos etc...) o trabalho braçal, na agricultura e posteriormente na indústria, enquanto os brasileiros de maior projeção estavam ligados ao aparelho estatal.

Em “OS PRIMEIROS IMIGRANTES” Victor Schleiff enfatiza seus aconselhamentos quanto à postura em relação ao trabalho às próximas gerações, sobretudo a terceira: “*Não deveis no ócio comodamente junto ao fogão/Descansar sobre o pelego de urso!/Sede, netos, dignos dos pais, dos antepassados,/Em construindo algo maior!*”. O autor apela para a dignidade do leitor, aqui representado pela terceira geração (netos), para que este mantenha o ideário dos pais. Mais à frente, ainda dirigindo-se ao neto, o conclama para que mantenha os ideais germânicos, perpetuando os anseios dos pais: “*E tudo que nós próprios não conseguimos realizar,/Que nosso braço escapou,/A isto consagrem, a isto dediquem toda a força/Do coração, do cérebro, da mão.*”

O neto do imigrante parece ter importância decisiva para os poetas, quanto à propagação e manutenção de seus ideais, pois os filhos dos primeiros aparentemente continuaram e consolidaram a obra inicial, de instalação e construção de uma cidade, como descrito em “BLUMENAU”, de Schleiff: “*E não vêem vocês também, que o sacrifício das pais/Aos filhos ficou como pesado fardo/E que o dever todos os dias/Com os duros ossos dos dedos os aprisiona?*” Já para os netos a realidade era diferente, pois já estavam inseridos no processo de atenuação da germanidade frente aos contatos com outras etnias. É a eles que vários poemas se voltam, clamando pela fidelidade às causas de seu grupo e sua cultura. Mas

¹³³ SEYFERT, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora UnB, 1990, p. 87.

apesar do constante chamamento que os poemas fazem em prol da manutenção da germanidade, por vezes transparece um afastamento desses ideais, representado no próprio poema por uma certa falta de interesse do neto para com sua história recente, como em “BLUMENAU”, de Victor Schleiff, escrito para o centenário da cidade, em 1950: “*Fiquem pensativos e quietos! - Eis o último leito/Do valoroso lutador, que aqui volta ao pó,/Do corajoso que domou a selvagem mata,/Que pântano e juncos transformou em paraíso,/A cuja glória nenhum canto de herói foi cantado,/Cujo nome mal o próprio neto sabe*”.

A atenuação progressiva da germanidade que os autores parecem denunciar na preocupação que dispensam em divulgá-la e mantê-la pode ser constatada através de alguns dados apontados por Willems quanto à utilização da língua alemã frente à portuguesa, pois, por exemplo, em 1882, a população na recém emancipada cidade de Blumenau era de 10.380 habitantes, 71% dos quais falavam o idioma alemão, enquanto apenas 8,6% utilizavam o português. Em 1927 os que falavam alemão perfaziam 40%, mesma porcentagem dos que declararam o português como língua materna. Para João Klug: “*Estes dados revelam um rápido processo de assimilação cultural...*”¹³⁴.

Esse processo de assimilação é pouco explorado pelos poetas da literatura em idioma alemão nas zonas de colonização em Santa Catarina, e aparentemente no intuito de negá-lo, tratam de maneira extremamente superficial as relações interétnicas a que estavam sujeitos. Em “BLUMENAU”, por exemplo, Victor Schleiff vê a cidade isolada do contexto catarinense: “*Qual ilha situa-se esta Blumenau/Em mar de belos jardins, recostada/Ao largo rio, junto ao qual no azul do céu/A palmeira real seus ramos balança.*” Alguns versos à frente reitera a situação de aparente isolamento: “*Da felicidade a ilha parece este belo vale*”. Nas primeiras décadas do século XX, como se viu acima, em relação ao grupo que declarava o alemão como língua materna, havia pelo menos o mesmo número de habitantes que utilizavam o português, sem contar os italianos, porém os poemas insistem em uma representação homogênea da cidade germanizada.

Poemas como “OS PRIMEIROS IMIGRANTES”, de Victor Schleiff, apenas sugerem a existência de pelo menos um outro grupo étnico, sem entretanto nominá-lo nem descrevê-lo, cuja presença no universo poético dos teuto-brasileiros geralmente é associado a dificuldades

¹³⁴ KLUG, João. *Imigração e Luteranismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1994, p. 47.

e embates: *“Mas agressivo grito pela selva ecoa,/”Aqui, só miséria e morte encontrarão!”* A quem, ou a que grupo o autor atribui tal frase, o texto não nos deixou conhecer, porém parece alinhar-se com o também incógnito protagonista de “TEUTO-BRASILEIRO”, de Georg Knoll, que igualmente dirige-lhe frases de afronta: *“Mesmo que vozes me alertem/Que neste estranho rincão/Se diga: és tão somente alemão!”* Os motivos pelos quais este ou estes outros grupos são vistos com reserva e associados a dificuldades e problemas, os textos não registram, nem sequer sugerem.

Sobre os grupos indígenas que habitavam as zonas de colonização, os poetas normalmente os excluem da “sua” história, e das poucas vezes que são ao menos mencionados, apenas são lembrados como pertencentes ao universo do exótico e do perigoso que a selva lhes oferece, chamando-os pejorativamente de bugres, e geralmente enumerando-os entre outros animais, caso de “OS PRIMEIROS IMIGRANTES”, de Schleiff: *“Onde ressoa da rocha fendida, cortando a noite,/Do tigre o trovejante bramido?//O peçonhento verme, a malhada cobra, se esconde/Pérfida enrolada no musgo!/E em mortal zunir do arco voa/Do bugre o emplumado projétil!”* onde os indígenas são alinhados entre o tigre (sic), o verme e a cobra, apesar dos desentendimentos e das agressões em que os grupos estiveram envolvidos, por várias décadas. Novamente, como na maior parte dos poemas aqui recolhidos, parece estarmos diante de uma representação da cidade ideal, habitada por um grupo homogêneo, sem rivais nem dificuldades que os preocupe. Há poemas, porém, que reconhecem, mesmo de forma velada, os desentendimentos entre colonizadores e índios, caso de “TERRA ABANDONADA”, onde Georg Knoll associa a ação indígena, ao lado do tigre, como uma das razões para o fracasso da colonização daquele terreno: *“A mata virgem aqui foi vitoriosa;/Aqui matou do índio a lança,/Do tigre a fúria”* sugerindo uma certa força deste outro grupo.

Sobre os aspectos cotidianos que circundavam o dia-a-dia do imigrante e seus familiares, os poemas evidenciam desde sua forma de produção, baseada na agricultura familiar, a diversidade das atividades decorrentes de tal estrutura de trabalho, bem como o engajamento de todos os membros da família nos afazeres diários. As atividades dos imigrantes são descritas nos vários poemas, evidenciando inclusive as etapas do estabelecimento na nova terra, iniciando pelo momento em que o imigrante está envolto com os trabalhos de derrubada da selva, durante os primeiros anos da instalação. Schleiff descreve este momento em “OS PRIMEIROS IMIGRANTES”: *“E o machado zuniu cantando*

sonoro,/Qual espada zune na batalha,/E em volta o eco soou/Pela silenciosa noite da virgem mata.//E tombaram ao chão com trovejante ruído/Os gigantes da mata no vale/E a clareira dos ramos entrou/Vitorioso o raio do sol.”

Nesta primeira etapa o trabalho parece solitário ou realizado por poucas mãos, geralmente o imigrante e a esposa, ajudados pelos filhos que forem gerando. Também em “SAUDADE”, igualmente de Schleiff, o instrumento de trabalho é o machado: *“Não clama, rude e áspero/O novo trabalho após o curto descanso,/Com o machado direcionado: “Ao trabalho, marche!”*

Mas “MINHA CASA PATERNA”, de Damm, já parece anunciar a presença de mais de uma geração sob o mesmo teto, sendo agora o trabalho compartilhado entre os diversos membros que já compõem a família, entre a agricultura, com mais de uma plantação (roça, lavoura), uma pequena criação para supri-los de leite e derivados (pastos) além da atividade extrativa (matas) que lhes gera lenha para o forno além de palmito, e mel: *“Hábeis se movimentam jovens e velhas mãos/E trabalham com incansável dedicação/Na roça e lavoura, em pastos e matas”*. Apesar de aparentemente passada uma geração, o trabalho de colonização continua intenso, demonstrado nos poemas através da falta de tempo para outras atividades não produtivas, como na passagem de “OS PRIMEIROS IMIGRANTES” de Victor Schleiff: *“E, moça, aqui de tua mão necessitamos/E não do toque do instrumento de cordas.”*

O poema “OS PRIMEIROS IMIGRANTES”, de Victor Schleiff, também descreve as atividades do colono já estabelecido e em uma etapa posterior à derrubada: *“E o milho saúda e brota a semente,/E o fruto ri dourado na árvore,/E amistosos ranchos circundam o caminho,/E crianças tornam vivo o espaço.”*

Em “OS MIGRANTES”, Niemeyer sugere que as expressões artísticas só floresceram após a segunda geração: *“E quando após opressiva labuta,/incansável esforço,/Um éden, um lar nos recompensam,/Legião de dedicados novos cidadãos/A nova pátria habitará.//Então despertam a arte, o canto”*.

Outras conclusões podem ainda ser exploradas sob o aspecto temático desta literatura, através de novas traduções. Entre os temas passíveis de investigação podem ser sugeridos as

referências à religiosidade dos imigrantes, a vida social e sua estrutura familiar, o papel da mulher, o alto crescimento vegetativo etc. Outro interessante estudo pode ser realizado no campo da lingüística, tendo como objetivo a observação de palavras brasileiras e inclusive neologismos, nos textos em idioma alemão, como em "RECORDAÇÃO" de Georg Knoll: "*Des Sabiás Geflöte aus dem Wald*", ou em "DEUTSCHBRASILIANISCH", do mesmo autor, que alterna palavras portuguesas no texto alemão: "*João, der Johann, Pedro, Peter, /gingen in das Feld, die Roça, /den Machado hat der Johann, /und die Axt hat sein Genosse.*", entre vários outros interessantes exemplos (roça, aipim, bugre etc...).

Sob o aspecto formal, se verifica que esta produção poética assume um único estilo de época, a de um romantismo alemão tardio, que pelos seus próprios pressupostos estéticos acentua ainda mais os laços de nacionalidade estimulados pelo processo migratório.

Dentre as tendências nada homogêneas e muitas vezes contraditórias que o romantismo abrigou, a produção no Vale do Itajaí aproxima-se da segunda fase do movimento alemão, conhecida como Romantismo de Heidelberg. Enquanto na primeira fase, conhecida como Romantismo de Jena, havia forte influência da livre fantasia, da reflexão filosófica e da crítica, a segunda fase redireciona seus interesses, movida pelas transformações sociais a que está sujeita. "*Após 1806, ano em que Napoleão efetua novas conquistas, a Literatura (alemã) assume claramente um papel de oposição à política expansionista do imperador francês. Essa oposição adquire traços ambivalentes. De um lado, o despertar da consciência nacional apresenta um caráter positivo, como forma de participação política; de outro, a retomada de valores tradicionais pode ser vista como uma atitude quase reacionária, por possibilitar o irromper de forças conservadoras.*"¹³⁵

Na expressão poética, tais forças conservadoras foram manifestadas pela adoção da forma clássica, fundamentada na utilização de pés fixos, em estrofes de quatro, seis ou oito versos. O número de sílabas poéticas fica, portanto, a reboque da quantidade e dos pés escolhidos pelos poetas, e a ausência de sonetos ratifica essa opção pelo classicismo.

Assim, a atitude nacionalizante que a literatura alemã assumiu, sugerindo ao povo, até então restrito a seus próprios reinos (feudos), valores como "Heimat" (pátria), fez com que

¹³⁵ HEISE, RÖHL, Eloá e Ruth. *História da Literatura Alemã*. São Paulo: Ática. 1986, p. 47.

seu interesse se redirecionasse de uma postura de reflexão artístico-literária (Jena), para uma "função" de constituição de uma consciência nacional (Heidelberg).

Esse estilo poético, que trazido pelos imigrantes "engessou-se" em terras brasileiras, perpetuando-se como forma canônica da literatura produzida nas zonas de colonização, sequer assumira os preceitos filosóficos de Höelderlin e Nietschze, nem parece ter logrado conhecimento da ou contato com as vanguardas européias do início do século.

O estilo adotado pela poesia teuto-brasileira, fruto também nas zonas de colonização de uma sociedade burguesa e seu princípio utilitarista, pareceu perfeitamente compatível, por sua parcela essencialmente emocional, para os fins de construção de uma nova identidade do imigrante, pois possibilitou uma maior aproximação do leitor às expressões artísticas, aproximando arte e vida real. Alguns poemas chegam a alinhar-se, apesar da diferença vernácula, com algumas expressões do romantismo brasileiro, que já se recolhia há pelo menos cinquenta anos. Certas similitudes se observam nas generosas descrições da natureza que ambas as literaturas procederam, mas principalmente na tentativa de construção da identidade que sugeriam aos seus respectivos leitores. Esse alinhamento entre a literatura teuto-brasileira e o romantismo brasileiro se mostra através das inúmeras traduções para o alemão, realizadas por escritores das zonas de colonização, entre elas a paradigmática "CANÇÃO DO EXÍLIO", de Gonçalves Dias, traduzida por vários poetas.

A tendência política desta literatura, "*mesmo e justamente quando pretende ser apolítica*"¹³⁶, tendo como objetivo principal a afirmação da nova identidade, preconizando assim o conteúdo dos poemas enquanto instrumento ideológico, em detrimento da utilização de uma forma estabelecida, levou os poetas teuto-brasileiros a um certo isolamento da reflexão artístico-literária que o mundo observava na época. Assim, apesar de conter bons versejadores, como Schleiff, Knoll e Damm, a poesia teuto-brasileira em geral não alcançou o plano existencial com que a literatura alemã se diferencia das demais.

A literatura dita teuto-brasileira parece ocupar, portanto, um entrelugar entre as literaturas brasileira e alemã. Ela não se articula com a literatura brasileira que se fazia à mesma época, uma transição entre o parnasiano e o moderno, não sendo considerada

¹³⁶ CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962, p. 1651.

brasileira pela totalidade dos críticos. O próprio uso da língua alemã em solo brasileiro coloca o grupo em uma situação de marginalidade e isolamento, que se observa pela ausência de referências nos estudos sobre literatura brasileira e mesmo catarinense. Igualmente difere da literatura produzida então na Alemanha, tematicamente por ter absorvido o *pathos* da imigração e suas conseqüências na identidade, além de utilizar os esquemas de composição de Goethe, apesar de não alcançar sua inspiração filosófica.

A literatura teuto-brasileira se volta, tamanho o seu isolamento para com as outras expressões literárias, para a construção de seu próprio lugar, como se não houvesse “retorno” a uma situação anterior, e somente a partir da nova realidade necessitassem reconstruir sua identidade, pois sua viagem, como tentamos observar, era só de chegada.

Esta literatura obedeceu, portanto, a um propósito, entre outros instrumentos ideológicos, de fundadora/mantenedora da identidade deste grupo de imigrantes e descendentes, que em nova terra denominaram-se teuto-brasileiros.

A leitura dos poemas em idioma alemão produzidos nas zonas de colonização de Santa Catarina nos permitiram, portanto, uma incursão tanto ao dia-a-dia do imigrante, bem como ao seu próprio imaginário e de seus descendentes, que através da expressão poética exprimiam sua sensibilidade, mas principalmente, como instrumento ideológico, a representação de seus interesses na manutenção da germanidade, que aos poucos esmorecia ante o próprio desenvolvimento da cidade e suas crescentes relações nas tramas comerciais e sociais com o país que os abrigou.

7 BIBLIOGRAFIA

- ALBERSHEIM, Úrsula. *Uma Comunidade Teuto-Brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas, 1962.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BECKER, Klaus (Org.). *Enciclopédia Rio-grandense*. Canoas: Regional, s.d.
- BINDER, Frei Capistrano. *Imprensa e Publicidade em Blumenau. Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- *O Estudo Analítico do Poema*. São Paulo: Humanitas Publicações-FFLCH-USP, 1996.
- CANSTATT, Oscar. *Repertório Crítico da Literatura Teuto-Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1967.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962.
- CHOCIAY, Rogério. *Teoria do Verso*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.
- COSTA, Virginia (Org.). *História da Imigração no Brasil*. São Paulo. Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, s.d.
- DACANAL, José H. e GONZAGA, Sergius. (Org.) *RS: Imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

- DEEKE, José Deeke. *O Município Blumenau e a história do seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995.
- DREHER, Martin N. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo; Porto Alegre; Caxias do Sul: Ed. SINODAL/ Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/EDUCS, 1984.
- DUARTE, Manuel. *Os Allemães em Santa Catharina*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1917.
- FERRAZ, Paulo Malta. *Apontamentos Para a História de Colonização de Blumenau (1850-1860)*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1976.
- FERREIRA DA SILVA, José. *História de Blumenau*. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1988.
- FLOSS, Max-Heinrich (Org.). *Nossos Pais*. São Leopoldo: Rotermund & Co, 1961.
- FOUQUET, Carlos. Bibliografia sobre o Vale do Itajaí. *Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.
- GEYER, Heinz. *O Imigrante*. Blumenau. Tipografia e Livraria Blumenauense, s.d.
- GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Gesammelte Werke*. Erster Band, C. Bertelsmann Verlag, Germany, 1957.
- GRÜTZMANN, Irmgart. Entre o Cruzeiro do Sul e a Ursa Maior: o imigrante na literatura de expressão alemã no Brasil. In: FISCHER, L. A. e GERTZ, R. (Org). *Nós, os Teuto-Gaúchos*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1996.
- HEISE, RÖHL, Eloá e Ruth. *História da Literatura Alemã*. São Paulo: Editora Ática. 1986.

- HERING, Ingo. *Indústrias - Desenvolvimento da Indústria Blumenauense. Livro do Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.
- HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança*. Blumenau: ed. da FURB, 1993.
- . Colonização - Joinville e sua produção literária em língua alemã. *Diário de Cultura*, p. 2, *Diário Catarinense*, 28 de outubro de 1995.
- JOCHEM, Toni Vidal. *A Epopéia de uma Imigração*. Águas Mornas, SC: Ed. Do Autor, 1997.
- KAISER, Wolfgang. *Análise e Interpretação da Obra Literária*. Martins Fontes Editora, Coimbra, 1976.
- KAHLE, Maria. *Deutsche Heimat in Brasilien*. Berlin: Verlag Grenze und Ausland, 1937.
- KLEIN, Herbert. *Migração Internacional na História das Américas*. Organizado por FAUSTO, Bóris. *Fazer a América (A imigração em massa para a América Latina)*. São Paulo, EDUSP, 1999.
- KLUG, João. *Imigração e Luteranismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1994.
- KORMANN, Edith . *Blumenau: arte, cultura, e as histórias de sua gente*. Vol.1. Florianópolis: Editora Paralelo 27, 1993.
- KORMANN, Edith . *Blumenau: arte, cultura, e as histórias de sua gente*. Vol.III. Blumenau: do Autor, 1995.
- KORMANN, Edith . *Blumenau: arte, cultura, e as histórias de sua gente*. Vol.IV. Blumenau: do Autor, 1996.
- LANDO, Aldair M. e BARROS, Eliane C. *A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1976.

MAGALHÃES, Maronilde Brepohl. *Pangermanismo e Nazismo – A Trajetória Alemã Rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1998

MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Org.) *Os Alemães no Sul do Brasil: Cultura, Etnicidade e História*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994.

MELO, Oswaldo Ferreira. *Introdução à História da Literatura Catarinense*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1980.

MOISÉS, Massaud. *Guia Prático da Análise Literária*. São Paulo: Cultrix, 1983.

MOOG, Vianna. *Uma Interpretação de Literatura Brasileira - Um Arquipélago Cultural*. Rio de Janeiro: Antares, 1983.

MÜLLER, Telmo Lauro (Org.) *Nacionalização e Imigração Alemã*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.

PETRY, Sueli. *Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau*. Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1982.

RENAUX, Maria Luiza. *O Outro Lado da História: O Papel da Mulher no Vale do Itajaí 1850-1950*. Blumenau: Ed. da FURB, 1995.

RIBEIRO, Darcy Ribeiro. *Línguas e Culturas Indígenas do Brasil*. São Paulo: *Educação e Ciências Sociais*. n° 6.

ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

----- Fundamentos da Literatura Catarinense. *Antologia de Autores Catarinenses*. Rio de Janeiro: Laudes, 1969

SEYFERTH, Giralda. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto

Alegre: Movimento, 1974.

----- *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

----- *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: FCC, 1982.

----- *Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania: A Imigração Alemã e o Estado Brasileiro*. Trabalho apresentado no IV Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 22-25 de outubro de 1993. Publicado pela RBCS n° 26, ano 9, ou 1994^a.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. São Paulo: Editora Bernardo Álvares S. A., 1969.

THEODOR, Erwin. *Perfis e Sombras – Estudos de Literatura Alemã*. São Paulo: EPU, 1990.

WEBER, João Hernesto. *A Nação e o Paraíso*. Florianópolis: ed. da UFSC, 1997.

WELLEK, Rene & WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.

WILLIEMS, Emílio. *A Aculturação dos Alemães no Sul do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional-INL/MEC, 1980.

WOLFF, Cristina Scheibe e FLORES, Maria B. Ramos. "A Oktoberfest de Blumenau: Turismo e Identidade na Invenção de uma Tradição". In: MAUSCH, Claudia e VASCONCELLOS, Naira. (Org.) *Os Alemães no Sul do Brasil: Cultura, Etnicidade e História*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.